

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
NÚCLEO DE ESTUDOS DE SAÚDE COLETIVA E
FACULDADE DE MEDICINA

**AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DO OPERÁRIO TÊXTIL NA ZONA DA MATA
MINEIRA, 1941 – CATAGUASES.**

Dissertação de Mestrado.

Lucilene Nunes da Silva.

Rio de Janeiro.
2005.



Lucilene Nunes da Silva

AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DO OPERÁRIO TÊXTIL NA ZONA
DA MATA MINEIRA, 1941 – CATAGUASES.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva. Área de Concentração: Ciências Humanas e Saúde/História e Saúde.

Orientadores:

Prof^ª. Diana Maul Carvalho.
Prof. Jorge Prata de Souza.

Rio de Janeiro.
2005.



Lucilene Nunes da Silva

AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DO OPERÁRIO TÊXTIL NA ZONA
DA MATA MINEIRA, 1941 – CATAGUASES.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva. Área de Concentração: Ciências Humanas e Saúde/ História e Saúde.

Orientadores:

Prof^a. Diana Maul Carvalho.
Prof. Jorge Prata de Souza.

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Diana Maul de Carvalho – NESC/UFRJ (orientadora)

Prof^a Dr^a Márcia Sueli Amantino, UNIVERSO.

Prof^o Dr^o Jorge Luís Prata de Souza - NESC/UFRJ (orientador / suplente)

Prof^a. Dr^a. Mônica Loureiro dos Santos Werneck, NESC/UFRJ.

Prof^a. Dr^a. Glória Walkyria de Fátima Rocha, UFRJ;

Rio de Janeiro
2005.

Silva, Lucilene Nunes da

As condições de saúde do operário têxtil na Zona da Mata mineira, 1941 – Cataguases./ Lucilene Nunes da Silva. -- Rio de Janeiro: UFRJ /NESC/ Faculdade de Medicina, 2005. xi, 134 f. : il. ; 31 cm.

Orientadores: Diana Maul de Carvalho e Jorge Luis Prata de Souza.

Dissertação (mestrado) – UFRJ / NESC/Faculdade de Medicina / Saúde Coletiva, 2005. Referências bibliográficas: f. 104-110.

1. Saúde dos operários. 2. Indústria têxtil. 3. Cataguases. 4. Saúde Coletiva - Tese. I. Carvalho, Diana Maul de. II. Souza, Jorge Luis Prata de III. Universidade Federal do Rio de Janeiro, NESC/Faculdade de Medicina, Saúde Coletiva. IV. Título.

RESUMO

A partir do registro das consultas médicas aos funcionários da Indústria Irmãos Peixoto, no ano de 1941, na cidade de Cataguases, Zona da Mata mineira, este trabalho visa a uma apreciação das condições de saúde destes operários têxteis. Discutem-se as condições de trabalho na indústria têxtil e a possível relação com a saúde de seus operários, considerando aspectos da história da classe operária na zona da mata mineira na primeira metade do século XX; dados disponíveis sobre a saúde da população geral; e sobre as condições de trabalho na Indústria Irmãos Peixoto através dos registros de características do ambiente de trabalho especialmente no que se refere aos equipamentos e à organização do trabalho, nos diversos setores da atividade manufatureira. Os resultados descrevem as doenças mais freqüentes, comparando homens e mulheres e setores da fábrica. Conclui-se que, apesar da precariedade da informação presente no livro de registro médico, é possível utilizar esta fonte para a discussão da saúde dos trabalhadores.

Palavras chaves: Cataguases; operários; saúde coletiva; trabalho.

ABSTRACT

Using the information recorded in the medical register referring to the attendance of the workers at Indústrias Irmãos Peixoto, for the year 1941, in the city of Cataguases, Minas Gerais, Brazil, this work discusses the health conditions of these textile industry workers. We discuss the labor conditions and its possible relations to the health of the labor force, considering aspects of the history of the working class in this region of Brazil in the first half of the XX century; data on health of the population at large; and on the working conditions at Indústria Irmãos Peixoto through registries of aspects of the working environment especially as to the industrial machines and the organization of labor tasks in the different sectors of the labor activities at the manufacturing plant. Results describe the most frequent diseases recorded, comparing men and women and the different working places within the factory. We conclude that, although the registries present relevant shortcomings, it is possible to use them as a source for the discussion of the health of the working force in Cataguases at that time.

Key-words: Cataguases; labor force; social medicine; health and work.

Aos meus pais, Sinval e
Maria Madalena

Ao meu esposo, Orlando,
companheiro e incentivador
deste trabalho.



AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus orientadores Professores Doutora Diana Maul de Carvalho e Doutor Jorge Luís Prata, que dispensaram um grande apoio para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao colega de curso Alen, o obrigado pelo companheirismo que cresceu com a convivência.

No Instituto Francisca de Souza Peixoto, agradeço a dedicação e o desempenho em me ajudar, encarnada na figura do Sr. Maurício.

Ao José Maria, pelo apoio e atenção dispensada nas pesquisas realizadas no Arquivo Público Municipal de Cataguases.

Ao Hermínio, do Centro de Documentação Histórica – CDH, cuja atenção e presteza em muito contribuiu para este trabalho.

Aos meus familiares pela força e confiança a mim dispensadas durante esta caminhada.

Aos colegas da Escola Municipal Manoel Pais Tiago, amigos e incentivadores deste trabalho.

A Deus, por mais esta conquista.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	VIII
LISTA DE GRÁFICOS.....	X
LISTA DE TABELAS.....	X
LISTA DE ANEXOS E FOTOS	XI
EPÍGRAFE	XII
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – O desenvolvimento industrial na Zona da Mata mineira e em Cataguases.....	25
CAPÍTULO 2 _ Objetivos e metodologia.....	40
CAPÍTULO 3 – A saúde do trabalhador da Indústria Irmãos Peixoto.....	45
3.1 _ Histórico da Indústria Irmãos Peixoto e as condições de trabalho na fábrica.....	45
3.2 _ Perfil dos operários da Indústria Irmãos Peixoto.....	52
3.3_ A saúde dos operários em 1941.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
ARQUIVOS E INSTITUIÇÕES PESQUISADAS.....	102
FONTES.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
ANEXOS.....	111

LISTA DE GRÁFICOS

1. Fichas dos funcionários de acordo com o setor de trabalho..... 52
2. Fichas dos funcionários de acordo com a naturalidade.....55

LISTA DE TABELAS

- 1- Idade de admissão dos funcionários.....56
- 2- Funcionário de acordo com a idade em 1941.....58
- 3- Tempo de permanência do funcionário na empresa.....59
- 4- Classificação das doenças de acordo com o setor e o sexo.....73
- 5- Óbitos ocorridos entre os anos de 1940-1944 por idade e sexo.....81
- 6- Número de óbitos de acordo com o sexo, segundo a Classificação Internacional de Doenças – CID-10_ Cataguases – 1940 – 1944.....86
- 7- Óbitos por tuberculose ocorridos entre os anos de 1940-1944 por idade e sexo.....94
- 8- Óbitos por tuberculose ocorridos entre os anos de 1940-1944 por idade e sexo e forma de apresentação.....96

LISTA DE ANEXOS E FOTOS

Anexo 1: O processo de produção na indústria têxtil.....	111
Figura 2: Inauguração Indústria Irmãos Peixoto.....	118
Figura 3: Indústria Irmãos Peixoto, hoje.....	118
Figura 4: Indústria Irmãos Peixoto, 1910.....	119
Figura 5: Setor tecelagem da indústria em 1945.....	119
Figura 6: Tear de Lançadeira (revólver), 1945.....	120
Figura 7: Tear de Lançadeira (revólver), 1945.....	120
Anexo 8: Ficha de admissão dos funcionários da Indústria Irmãos Peixoto e Companhia Industrial, 1941.....	121
Anexo 9: Página 1 do Livro da Caixa Beneficente das Indústrias Irmãos Peixoto, 1941.....	125
Anexo 10: Página 1 do Livro da Caixa Beneficente das Indústrias Irmãos Peixoto, 1941.....	127
Anexo 11: Tabela de classificação das doenças por setor e sexo, 1941. Feminino.....	130
Anexo 12: Tabela de classificação das doenças por setor e sexo, 1941. Masculino.....	131
Anexo 13: Tabela de classificação dos óbitos para o sexo feminino – 1940 a 1944.....	132
Anexo 14: Tabela de classificação dos óbitos para o sexo masculino – 1940 a 1944.....	133

O bonde de São Januário

*Quem trabalha é quem tem
razão*

*Eu digo e não tenho medo de
errar*

O bonde São Januário

Leva mais um operário

Sou eu que vou trabalhar. (...)

(Wilson Batista, 1941.)

INTRODUÇÃO

Nosso estudo abrangeu as condições de saúde e trabalho dos operários da Indústria Irmãos Peixoto no ano de 1941, período marcado pelo processo de industrialização e regulamentação do trabalho realizado pelo primeiro governo Vargas. As duas guerras mundiais proporcionaram ao Brasil um crescimento industrial vinculado à necessidade de substituição de importações para suprir as necessidades da população brasileira, uma vez que o conflito desestabiliza a produção internacional da qual o Brasil era dependente. Concomitante ao desenvolvimento industrial ocorre a promulgação das leis do trabalho no Brasil pelo governo Vargas, com o intuito de melhorar as condições de trabalho dos operários brasileiros, e ao mesmo tempo controlar a grande massa trabalhadora existente no país. De acordo com GOMES (1988: 249),

o povo revelava à autoridade suas necessidades, seu destino, e esta, por sua virtude e sensibilidade, captava e executava este sinal que existia implicitamente. Nesta dinâmica, o povo era o princípio e o resultado a ação do legislador. Ou seja, o estado brasileiro era produto de uma vontade nacional inconsciente (o povo), tanto quanto de uma vontade racional consciente (o legislador).

As leis trabalhistas, colocadas em vigor pelo governo, muitas vezes não são implementadas pelos empresários. Segundo GOMES (1988: 241) “no Brasil, o trabalhador obteve por outorga do poder público, sem lutas, os benefícios que tanto custaram a outros povos”.

De acordo com SINGER (2004: 213) no período inicial do processo de industrialização brasileiro,

a indústria era de caráter local. Os estabelecimentos fabris modernos eram poucos, exceto na indústria têxtil, que aparentemente era o único ramo no qual se expandia o capitalismo industrial, na verdadeira acepção da palavra. O restante se resumia numa grande quantidade de pequenos estabelecimentos, de caráter artesanal, que produziam alimentos, objetos de vestuário, tocador, velas, móveis, etc.

Para este autor, entre 1889 e 1920 existia uma grande atividade manufatureira, realizada, em grande parte, em pequenos estabelecimentos, nos quais atuavam seus donos e familiares, com o casual auxílio de alguns empregados.

Como destaca PRADO JUNIOR (1986), o desenvolvimento industrial ocorreu com base no crescimento do mercado interno, com o aumento populacional. Para este autor o 'fator consumo', contribuiu para elevar o padrão de vida e as necessidades dos indivíduos. Com a abolição da escravidão, criou-se um enorme contingente de consumidores, cooperando também para o desenvolvimento industrial, o elevado número de imigrantes europeus. Dessa forma, as transformações sociais que aconteciam na sociedade brasileira no final do século XIX e início do XX propiciaram parte das condições necessárias para que a indústria no Brasil pudesse se desenvolver. O mesmo autor afirma que o progresso tecnológico dos transportes e comunicações, torna acessível aos consumidores uma diversidade de artigos antes fora de seu alcance ou mesmo inexistentes. O aumento das tarifas alfandegárias, visando a uma maior arrecadação de imposto, acaba favorecendo a indústria, e o algodão produzido no país facilita a instalação de indústrias têxteis. A mão-de-obra livre não utilizada na lavoura torna-se disponível e barata para a indústria, ao mesmo tempo em que se torna consumidora dos produtos que ela mesma vai produzir.

Conforme afirma PRADO JUNIOR (1986), será no decorrer da I Guerra Mundial (1914-1918) que o processo industrial brasileiro toma impulso

devido à dificuldade de importações e às dificuldades do comércio internacional.

Neste período de guerra as importações baixam fortemente, estimulando a produção interna, acarretando um crescimento tanto agrícola como industrial. Ocasiona assim a nacionalização da indústria uma vez que essa passa de fornecedora de matéria-prima para produtora, de modo a suprir agora suas próprias necessidades. De acordo com PRADO JUNIOR (1986), os empreendimentos industriais estrangeiros no Brasil se verificaram em investimentos de serviços públicos como estradas de ferro, serviços e melhoramentos urbanos, instalações portuárias, fornecimento de energia elétrica. Setores fundamentais para o desenvolvimento da indústria no país.

Para PRADO JUNIOR (1986: 303/304), a indústria brasileira não será solicitada somente pelo mercado interno, mas alguns de seus produtos, como o algodão, encontraram mercados externos,

como nos países da América Latina e na África do Sul, as voltas com as mesmas dificuldades de abastecimento. Os Estados Unidos se tornam grandes importadores de tecidos brasileiros. A exportação de tecidos constituirá mais um elemento ponderável de reforço de nosso balanço comercial, chegando a figurar em segundo lugar na pauta de exportações, depois do café, com uma participação no total exportado de quase 13%.

Os anos da guerra apresentam uma fase de progresso, sobretudo por duas ordens de fatores: a necessidade de repor o material desgastado e não substituído durante o período de interrupção das importações (material ferroviário, equipamentos industriais em geral, etc.); e o grande poder aquisitivo acumulado em alguns setores da população.

Deste modo a indústria brasileira é favorecida pelo mercado externo, que faz com que nossas fábricas passem a substituir o que não mais é

importado devido ao conflito internacional, e através dos incentivos governamentais e de investimentos deste em setores fundamentais para o desenvolvimento industrial do país, como também pela acumulação de capital interno no país.

Como explica FURTADO (2004), a elevação do nível dos preços internos beneficiou a apropriação pelos industriais, a partir do aumento da produtividade, favorecida pela melhoria dos preços devido ao aumento da interação com o mercado externo. A redução das importações durante a Segunda Guerra se faz em escala maior do que na Primeira Guerra Mundial e a necessidade de consumo interno se ampliou porque as necessidades do mercado nacional tinham se tornados maiores, favorecido pelo investimento num nível industrial mais elevado.

Segundo CANO (1986), é na “década de 20 que se constitui inequivocamente o período da transição política, social e econômica que levaria o país (...) a modernização do estado, a industrialização, a diversificação agrícola, a urbanização e ao aumento dos movimentos sociais urbanos”. Segundo o autor a agricultura cafeeira ao fazer uso da mão-de-obra livre, libera uma grande massa de consumidores para os produtos industrializados no país, e operários para as indústrias em implantação, colaborando para seu incremento.

De acordo com FURTADO (2004: 205), é no período de 1930 que o desenvolvimento industrial brasileiro mantém internamente uma procura maior capaz de gerar uma nova situação na economia brasileira, “a preponderância do setor ligado ao mercado interno no processo de formação de capital”.

Conforme afirma FURTADO (2004), é neste período que a indústria têxtil, expandiu sua capacidade produtiva, contribuindo para criar o capital necessário para sua ampliação ulterior. De acordo com o autor as indústrias conseguiam neste período, a preços baixos, máquinas usadas, item facilitador da instalação de empresas no país.

Como salienta com CANO (1986: 879/880), é “na década de 30, que a indústria brasileira cresce e se diversifica. A produção industrial se concentrava em São Paulo, mas também beneficiava o Rio de Janeiro e a metalurgia em Minas Gerais”. Durante o Estado Novo, o governo atuou investindo na implementação de indústria de base promovendo a substituição das importações de aço e de veículos, com a fundação da Companhia Siderúrgica Nacional e da Fábrica Nacional de Motores.

Para BERCITO (1990: 11), “com relação à indústria, a ação do Estado, promovendo incentivos, facilitando empréstimos, conduziu a consolidação do setor”. A autora afirma que era necessário “modernizar economicamente o país fazendo avançar o processo de industrialização”.

O interesse do governo como explica SINGER (2004: 73), era “favorecer não só o capital, mas também o proletariado, cuja formação e reprodução passam a merecer o amparo institucional e financeiro do estado”. Através da ampla legislação trabalhista colocada em vigor desde o início do governo de Vargas, atendendo aos interesses dos trabalhadores, como a instituição do dia de trabalho de 8 horas e do salário mínimo.

GORENDER (1998: 66/67) em concordância com Singer (2004), afirma que o governo Vargas coloca em prática toda uma ação de doutrinação e controle da classe operária: “o governo de Vargas pôs em

prática uma linha coerente e sistemática de conquista ideológica da classe operária e de disciplinamento de suas organizações sindicais sob o controle direto do estado”.

Parece acertado que o governo Vargas em seu primeiro mandato, se voltou para criar as condições necessárias para o desenvolvimento industrial no Brasil, gerando condições de adaptação de nossa economia ao mercado interno e criando a legislação que contribuiu para regulamentar todo esse processo. É lícito supor que o governo atuava com uma política de incentivo ao setor cafeeiro e de desenvolvimento do setor industrial com facilitação de empréstimos, implantação de uma indústria de base, incorporando os interesses do estado ao setor industrial, transformando a sociedade brasileira com base econômica no setor rural – exportador, em uma sociedade urbana industrial.

Para ABREU (2004), o crescimento industrial brasileiro somente foi possível devido à intervenção estatal na economia. Se de algum modo não tivesse sido aumentada a proteção à indústria doméstica seria extremamente difícil explicar o aumento considerável do produto industrial que caracterizou a década.

No final da década de 30 e na seguinte de acordo com FARIA-BARROS (1997), a indústria brasileira apresentava índices de crescimento industrial médio de 5,4% ao ano; e neste período, ao contrário dos anos iniciais da década de 30, o investimento estatal nas indústrias de base proporciona esse desenvolvimento.

Segundo CANO (1988: 73), “ampliou-se consideravelmente o mercado de trabalho urbano: entre 1940 e 1950 o setor urbano aumentou 1,5 milhões

seus empregos, enquanto o rural crescia apenas 0,5 milhões”. De modo que, a população brasileira estava se tornando urbana, como consequência do processo de industrialização em andamento, e conseqüentemente há a implementação de todo um comércio, visando suprir as necessidades destes indivíduos que passam a viver nas cidades.

Como destaca FURTADO (2004), o crescimento industrial brasileiro no pós-II guerra está ligado à política cambial e ao controle seletivo imposto às importações, elevando os preços internos das manufaturas e mantendo baixos os custos dos equipamentos importados.

Conforme afirma Ângela de Castro GOMES (1988: 244), no contexto da Segunda Guerra Mundial uma série de leis estabelecidas pelo governo em resposta às pressões dos industriais (particularmente os têxteis), restauram “a jornada de dez horas de trabalho, proibindo a utilização do instrumento legal capaz de contestar tal medida, sob o argumento do ‘estado de guerra’, a suspensão do direito de férias em todas as indústrias consideradas essenciais à segurança nacional”.

Esta ação estatal mostra que as leis trabalhistas eram implementadas desde que não atrapalhassem o processo de industrialização do país.

De acordo com PRADO JUNIOR (1986: 290), “a indústria nacional veio progressivamente substituindo com seus produtos a importação de quase tudo o que diz respeito a bens de consumo corrente; inclusive, depois da II Guerra Mundial, os bens duráveis e parte já significativa dos bens de produção”.

Com a guerra o comércio com a Argentina aumenta. Nos anos de 1939 e 1940 foram exportados respectivamente, 23 mil, e 52 mil contos de réis e em

11 meses de 1941, cerca de 90 mil contos. Foram exportados lápis, lãs, drogas e produtos farmacêuticos, ladrilhos e azulejos. Este aumento mostra que a indústria brasileira se diversificava e aumentava sua produção em decorrência do conflito europeu¹.

Como destaca CARRARO (2003: 10), “o governo de Vargas passou a investir na modernização da economia brasileira, via revisão das legislações que regiam tanto as relações sociais como as econômicas e, na criação de novos órgãos que tinham por objetivo planejar e concretizar as políticas públicas de planejamento da produção e distribuição”. Segundo o autor desta forma se criam as bases econômicas e sociais para o processo da industrialização no país, podendo-se afirmar que durante este período criam-se as condições necessárias para o desenvolvimento urbano-industrial do Brasil, favorecido pelas condições geradas pelo processo da guerra tanto no nível externo quanto interno e pelas intervenções do governo federal na economia e na regulamentação do trabalho.

Entre 1930 e 1937, “foram criados os seguintes órgãos ligados ao projeto de desenvolvimento industrial: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em 1930; o Departamento Nacional do Trabalho, em 1931; o Conselho Federal do Comércio Exterior, em 1934; o Plano Geral de Viação Nacional e a Comissão de Similares, em 1934; e o Conselho Técnico de Economia e Finanças, em 1937, todos eles com a função de pensar a organização e o desenvolvimento da indústria nacional”.(CARRARO, 2003: 11).

O processo de substituição de importação se impôs como condição para que a industrialização no Brasil continuasse. Era necessário produzir o

¹ GAZETA DE LEOPOLDINA, 07/05/1942, Nº 6, ano XLVIII.

que não mais se importava, desde equipamentos até matérias-primas; e essa substituição de importações que se impôs a partir de 30 gera a necessidade de uma reestruturação social, o que ocorrerá a partir da implementação das leis trabalhistas e do controle exercido por Vargas em relação aos trabalhadores.

Como conseqüência, o processo de industrialização nos anos 30 e 40 como explica SINGER (2004: 235), “levou a um novo equilíbrio de forças no seio da classe dominante: a oligarquia agro-exportadora, economicamente arruinada, teve que ceder o papel de fração hegemônica à coligação industrializante de tecnocratas, militares e empresários, que veio ganhando poder e acumulando capital ao longo de todo este período”.

O desenvolvimento industrial brasileiro contribuiu para que a partir de 1945 a burguesia industrial se tornasse a fração hegemônica da classe dominante, como também para o crescimento do proletariado industrial, fortalecido numericamente e concentrado nas capitais abrindo-lhe as portas da participação política.

Na década de 20 predominava no setor urbano o proletariado prestador de serviços, predominantemente autônomos que se dedicavam a atividades diversas. A indústria continua até 1930 subordinada à agricultura, com maior quantidade de mão-de-obra. Nesta época, o setor industrial se expande, e surgem grandes indústrias que empregam um amplo número de operários semiquilificados e pequena parcela de operários qualificados. É para esta classe em formação, que as leis trabalhistas são colocadas em vigor, principalmente durante o primeiro governo Vargas.

Em 1919 já havia sido instituída a Lei de Acidentes de Trabalho, e em 1923 é promulgada a lei Eloy Chaves, antecipando as leis posteriores ao

período de 20. No período compreendido entre 1923 e 1930 surgem as Caixas de Aposentadoria e Pensões (CAPs), que eram de natureza civil e privada, organizadas por empresa, e responsáveis pelos benefícios de aposentadorias e de saúde para os empregados. Eram financiadas com recursos dos empregados e empregadores e dirigidas por comissões compostas de membros da empresa e dos funcionários, cabendo ao governo apenas a resolução de conflitos. Em 1925 o trabalhador adquire através de lei, estabilidade no emprego após 10 anos de serviço; e o direito a férias remuneradas, no limite de quinze dias. No ano de 1927, é instituída a primeira Lei de Regulamentação do trabalho de menores.

Em dezembro de 1930, Vargas cria através do desmembramento de uma parte do Ministério da Agricultura, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio². No Estado populista há uma grande aproximação ideológica entre o governante e o povo, e no caso de Vargas, esta aproximação se dava entre ele e a classe trabalhadora urbana.

Vargas institui o sindicato único³, abandonando o regime da pluralidade sindical vigente desde 1907, determinando sua vinculação ao Estado, com a necessidade de reconhecimento dos sindicatos pelo Ministério do Trabalho. Em 1934, retorna a pluralidade sindical⁴ mas persistem as limitações à autonomia sindical devido à manutenção do enquadramento oficial e, em 1939 fica estabelecida a unicidade sindical.

² Foi criado pelo Decreto-Lei 19.443 de 26 de novembro de 1930. O Decreto-Lei 19.667 de 04 de fevereiro de 1931 criou o Departamento Nacional do Trabalho (DNT), incorporando o Conselho Nacional do trabalho, cujos encargos foram transferidos ao DNT pelo Decreto-Lei 19.671 – A de 04 de fevereiro de 1931.

³ Decreto-Lei 19.770 de 19 de março de 1931.

⁴ Decreto-Lei 24.694 de 12 de julho de 1934.

A concessão de férias é suspensa em 1931, até sua nova regulamentação por uma comissão mista, e, em 1934, as férias anuais voltam a ser concedidas. Mas apenas para os empregados que forem associados de sindicatos reconhecidos pelo ministério do Trabalho.

Outro meio de controle sobre o trabalhador se faz a partir do Decreto-Lei 22.132 de 25 de novembro de 1932 que de acordo com ANASTASIA (1986: 66), “ao ‘dirimir litígios oriundos de questões de trabalho em que sejam partes empregados sindicalizados’ restringiu a participação nas Comissões de Conciliação e Julgamento aos sindicatos oficiais tendo, nessa medida, se constituído em um reforço ao enquadramento oficial”.

A necessidade do trabalhador se filiar a um sindicato oficial para obter o direito às férias remuneradas, mostra o modo como o governo Vargas controlava os trabalhadores brasileiros. Os benefícios viriam, mas os trabalhadores deveriam se sujeitar às regras impostas pelo Estado como forma de disciplinarização da classe.

De acordo com a Constituição de 1937⁵ as associações de trabalhadores têm o dever de prestar aos seus associados auxílio ou assistência, no referente às práticas administrativas ou judiciais relativas aos seguros de acidentes do trabalho e aos seguros sociais. O sindicato é livre, mas somente aquele que é regulamentado pelo Estado tem direito de representação legal de seus membros.

A Justiça do Trabalho é instituída pelo Decreto-Lei 1.231 de 1º de maio de 1939 visando, segundo ANASTASIA (1986: 66), “em última instância,

⁵ Constituição Brasileira de 1937. Art. 138.

suprir as insuficiências e resolver os problemas enfrentados pelas Comissões Mistas de Conciliação”.

Pelo Decreto-Lei 2.377 de 08 de julho de 1940 foi criado o imposto sindical, instrumentalizando os sindicatos para o cumprimento das inovações introduzidas pelo Decreto-Lei 1.402 de 1939. Segundo FARIA-BARROS (1997: 52)

esta lei submete os sindicatos definitivamente à tutela do Estado, com o objetivo, nas palavras de Vargas, de preservar a vida interna dos sindicatos da contaminação de maus elementos sociais, das intervenções estranhas e corruptoras, da infiltração das ideologias perturbadoras (...) e colaborar com os poderes públicos no sentido de desenvolvimento da solidariedade das classes produtoras e harmonização de seus interesses.

O controle exercido sobre os sindicatos agora atrelados ao Estado, mascara a divisão de interesses entre trabalhadores e empresários.

Pela Constituição brasileira de 1937 cabe à Justiça do Trabalho⁶ dirimir os conflitos oriundos das relações entre empregadores e empregados, reguladas na legislação social, sendo a greve declarada recurso anti-social nociva ao trabalho e ao capital e incompatível com os superiores interesses da produção nacional; mostrando o autoritarismo presente na relação Estado-trabalhador, que retira deste o direito de contestar. Nesta mesma Constituição⁷ foram fixadas as diretrizes da política social e trabalhista que seria implementada no Estado Novo. Foram confirmados direitos trabalhistas já fixados na Constituição de 1934, como o salário mínimo - sendo que este será o mais apropriado às exigências do operário e da empresa; férias anuais e descanso semanal, mas, limitado às exigências técnicas da empresa,

⁶ Constituição Brasileira de 1937. art. 139.

⁷ Constituição Brasileira de 1937. art. 137.

colocando o trabalhador à mercê dos interesses do patrão que irá controlar seus descansos de modo a não prejudicar a produção na empresa. Os contratos coletivos de trabalho também são regulamentados. O trabalhador tem assegurado após um ano de trabalho contínuo em uma empresa, direito a licença anual remunerada; assim como indenização por demissão sem justa causa, e garantia de emprego no caso de venda da empresa. Terá direito a oito horas de trabalho diário, podendo ocorrer aumento de acordo com casos previstos em lei. Este tempo é ampliado em lei no período da Segunda Guerra Mundial devido à necessidade de aumentar a produção industrial no país para suprir os produtos estrangeiros que deixaram de ser importados. O trabalho noturno passa a ser realizado em turnos e com remuneração superior ao diurno. É proibido o trabalho de menores de catorze anos; o trabalho noturno de menores de dezesseis; e, em indústrias insalubres, de menores de dezoito anos e de mulheres. É assegurada a assistência médica e higiênica ao trabalhador e à gestante, garantindo a esta, sem prejuízo do salário, um período de repouso antes e depois do parto; a aposentadoria em caso de acidente de trabalho, invalidez e por tempo de serviço.

A Constituição de 1937 em seu artigo 136 define o trabalho como um dever social, com direito à proteção e solicitude especiais do Estado. A todos é garantido o direito de subsistir mediante o seu trabalho honesto e este, como meio de subsistência do indivíduo, constitui um bem que é dever do Estado proteger, assegurando-lhe condições favoráveis e meios de defesa.

O salário mínimo devia permitir que o trabalhador brasileiro comprasse os elementos essenciais para sua vida, e correspondia à remuneração mínima

que o brasileiro deveria receber. O Brasil foi dividido em regiões a fim de haver uma fixação do salário de acordo com a produção e a necessidade de cada região⁸.

No ano de 39 o seguro de acidente de trabalho é estendido a todos os brasileiros e em todas as oficinas e fábricas deve ser divulgado este direito para que o trabalhador dele tome conhecimento. No ano de 1942, o governo federal tornou obrigatório o registro de estabelecimentos industriais no Registro Industrial do Departamento Nacional da Indústria e Comércio ficando as empresas obrigadas a fornecer anualmente dados sobre a produção.

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada por decreto de 1º maio de 1943, representou a reunião e sistematização da vasta legislação trabalhista produzida no país após a Revolução de 1930. Tratou minuciosamente da relação entre patrões e empregados e estabeleceu regras referentes a horários a serem cumpridos pelos trabalhadores, férias, descanso remunerado, condições de segurança e higiene dos locais de trabalho, a indenização do trabalhador caso fosse dispensado, restrição à exploração do trabalho infantil e proteção do direito à maternidade.

A anotação dos contratos de trabalho na carteira de trabalho, oficializando a assinatura da carteira de trabalho do operário no ato da contratação por qualquer empresa, é instituída em 1932 e reformulada quando da aprovação da CLT, sendo uma garantia ao trabalhador para exigir seus direitos através dos registros nela realizados.

⁸É regulamentado na constituição de 1937, artigo 137, segundo a qual deverá ser capaz de satisfazer, de acordo com as condições de cada região, as necessidades normais do trabalho. Não estende o benefício ao trabalhador rural.

Segundo CAPELATO (1998: 185), "'a *invenção do Trabalhismo*⁹ explica a adesão dos trabalhadores a essa política varguista a partir da existência de uma 'dupla lógica' no processo histórico, que conferiu poderes ampliados ao Estado, de possibilidades de intervir na sociedade". De acordo com o autor, o trabalhador era atendido pelo seu lado material através das leis trabalhistas e por outro, através de uma formação ideológica, transformando as necessidades dos trabalhadores em benefícios oferecidos pelo Estado.

De acordo com Ângela de Castro GOMES (1988:241),

coube ao Estado antecipar-se e elaborar a legislação, antes mesmo que o espírito associativo dos trabalhadores organizasse o sindicato. O sindicato aqui foi consequência e não causa do processo que estabeleceu os direitos trabalhistas. No Brasil, o trabalhador obteve por outorga do poder público, sem lutas, os benefícios que tanto custaram a outros povos.

FARIA (1997) em concordância com GOMES (1988), afirma que Getúlio Vargas combinou uma intensa coerção ao movimento operário, a um conjunto de leis que conceberam certa melhoria para os trabalhadores.

No entanto, GORENDER (1998: 50/51) afirma que

a persistente e maciça propaganda do Estado Novo conseguiu difundir eficazmente a falácia de que a legislação trabalhista brasileira não representou conquista do movimento operário, mas outorga do governo presidido por Getúlio Vargas. inúmeras vezes proclamou que o governo estadonovista outorgara espontaneamente aos operários brasileiros, sem conflitos e sem derramamento de sangue, a mais avançada legislação trabalhista do mundo.

De acordo com Ângela de Castro GOMES (1988: 247)

a relação que fundava o Estado era aquela entre o povo e o presidente, que legislou sobre o problema síntese da nacionalidade: o problema social. Segundo a autora a relação fundadora do Estado era uma relação de doação, uma relação de dar e receber dádivas/ presentes/ benefícios.

⁹Grifo do autor.

O Estado ao instituir as leis cumpria sua obrigação, ao garantir ao operário melhores condições de vida e de trabalho.

É importante notar que a legislação trabalhista se restringia aos trabalhadores urbanos. Este era o setor que possuía maior poder de pressão sobre o Estado e também era o setor disponível para manipulação, além disso, as leis trabalhistas não afetavam os latifundiários.

Segundo GOMES (1988: 252),

legislar sobre o trabalho significava regular o tempo útil e pós-útil do cidadão. Significava definir que, para aqueles que trabalhavam, o pagamento do salário era insuficiente. Isto porque eles davam a vida à coletividade, e tanto seus patrões como o próprio Estado devia-lhes, além da paga material, uma certa situação de segurança e bem-estar durante o período em que eram produtivos, e mais ainda, quando não o eram mais, por velhice, doença ou morte.

A política trabalhista do governo Vargas era direcionada ao controle paternalista sobre o indivíduo, e mostra uma estrutura de aproximação entre o setor popular e a autoridade. Tudo era passado como se fosse obra de Vargas: as leis seriam benefícios recebidos pela classe trabalhadora que em troca deveria retribuir com produtividade, pois o operário é apontado pelo governo como o construtor da pátria. Ao mesmo tempo em que doava, o Estado teria o direito a receber do povo a ordem para o desenvolvimento do governo Vargas.

O sucesso da industrialização seria obtido com o aumento do mercado consumidor e por uma melhor distribuição de renda, com o governo estabelecendo uma política salarial para evitar salários elevados ou baixos demais, e procurando integrar economicamente todas as regiões brasileiras.

Como afirma BERCITO (1990: 13),

os discursos oficiais, publicações, eventos de massa a isso se dedicavam com muita intensidade. A grande virtude a ser cultivada pelo homem brasileiro era ser trabalhador. O trabalho era apresentado como uma ação patriótica, valorizado

enquanto um fim social, contribuição do indivíduo para construir-se a grande nação brasileira.

O controle do mercado exercido pelo governo é regulamentado na Constituição de 1937 em seu artigo Art. 141, onde a lei promoverá a economia popular, assegurando-lhe garantias especiais. Os crimes contra a economia popular são equiparados aos crimes contra o Estado, devendo a lei ameaçar com penas graves e prescrever processos e julgamentos adequados à sua pronta e segura punição.

Na década de 40 ocorre um aumento do proletariado no país, de maneira simultânea na indústria e na manufatura. No Brasil as indústrias se desenvolveram juntamente com o setor de serviços e com a manufatura, pois em muitos setores (vestuário, calçados) havia poucas máquinas.

Como destaca BERCITO (1990: 11),

em relação à indústria a ação do Estado, promovendo incentivos, facilitando empréstimos, conduziu a consolidação do setor. Mais ainda, a implantação de uma indústria de base, considerada suporte do desenvolvimento industrial que se queria em bases nacionais, foi considerada questão fundamental na política economia do período.

O Estado atuava criando vagas de trabalho em obras públicas, ocupando a mão-de-obra ociosa e regulamentando os preços no mercado de alimentos, intervindo na economia como forma de diminuir a diferença social, e seu controle torna-se explícito, recebendo apoio da população, através de laços de reciprocidade criados pelo governo com o povo. O estado varguista esperava dos trabalhadores em retribuição às leis que estavam sendo implementadas, reconhecimento e gratidão. Para isto produz materialmente leis que beneficiam os operários e procura incutir nestes trabalhadores sua importância para o crescimento do país. Entretanto, os trabalhadores não se

mantiveram distantes dos acontecimentos e das decisões políticas, tendo consciência de suas necessidades e das propostas do governo¹⁰. Ocorre uma troca conflitante entre governante e trabalhadores na medida em que as leis trabalhistas instituídas pelo Estado foram ao mesmo tempo reivindicações almejadas pelos trabalhadores, e estes eram manipulados pelo governo e as leis passadas como generosidade de Vargas.

Um dos traços principais que marcaram o governo Vargas foi a centralização do poder. Ao assumir o governo provisório, ele aboliu todas as entidades legislativas, desde o Congresso até as Câmaras Municipais, além de criar o cargo de interventor federal em nível estadual com plenos poderes executivos e legislativos.

Para BERCITO (1990: 10),

argumentava-se que apenas um Estado forte, centralizado seria capaz de promover uma reorganização global da sociedade, condição para superar o atraso do país e promover o desenvolvimento nacional. Nisso subtendia-se que o que importava era fazer avançar o processo de industrialização: sem pôr em risco a estrutura de poder existentes, resguardando-se os interesses da burguesia e produzindo-se uma forte contenção das classes populares.

O campo deveria se subordinar ao urbano (industrial), e o governo estabelece um apoio ao trabalhador urbano, sem muitas vantagens para o rural, com uma vagarosa inserção dos direitos destes. A valorização do trabalhador é fundamental para manter a ordem e desenvolver economicamente o país. Utiliza-se o controle da imagem como forma de

¹⁰ FERREIRA, Jorge Luiz. No artigo intitulado “A cultura política dos trabalhadores no primeiro governo Vargas”. O autor trabalha a idéia de que os trabalhadores não estavam completamente alheios ao processo político do governo ou dele distante. O que acontecia era uma troca entre governante e governado, mas estes sabiam como cobrar alguns direitos que lhes estavam sendo negados. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p. 180-195.

enaltecer a idéia de trabalho, desvinculando o indivíduo do ócio, e valorizando a família e a produção.

De acordo com BRAGA (1986), a saúde emerge como questão social no Brasil no bojo da economia capitalista exportadora cafeeira. É a primeira etapa do desenvolvimento capitalista brasileiro que confere caráter social à questão da saúde e isso se processa em dois níveis: reflete o avanço da divisão do trabalho implícito a essa fase – e vincula-se, portanto, à emergência do trabalho assalariado; e do ponto de vista público, assume forma, ainda que embrionária, de política social.

A presença de doenças relacionadas a atos exercidos dentro do processo produtivo não deve ser vista como responsabilidade só de máquinas ou de conhecimentos escassos acerca do modo de produção, mas, também como resultado do excesso de trabalho que foi acrescido para o trabalhador com a automação que, apesar de utilizar menos mão-de-obra, exige muito mais daqueles que produzem, devido à extensão da jornada de trabalho, e da necessidade cada vez maior do indivíduo se movimentar para acompanhar a máquina, gerando mais e mais processos repetitivos.

Como destaca GLINA (2001: 608), “a situação saudável de trabalho seria a que permitisse o desenvolvimento do indivíduo, alternando exigências e períodos de repouso com o controle do trabalhador sobre o processo de trabalho”. Conforme afirma NORIEGA (2000), quando o operário trabalha com maior poder de decisão e consegue um retorno econômico e social, o risco de padecer é atenuado.

Como explica GOMES (2003:134),

o campo de conhecimento denominado 'saúde do trabalhador', da mesma forma que outros da saúde coletiva, requer a mediação explícita ou implícita do corpo conceitual das ciências sociais e humanas. Tal aporte retira o caráter eminentemente higienista conferido à relação trabalho/ saúde, a partir do momento em que o trabalho, concebido como uma categoria social, é resultante de um emaranhado de relações econômicas, sociais, políticas e tecnológicas que se realizam de forma conflituosa e interdependente.

É lícito supor que o excesso de trabalho é fator positivo para o surgimento de doenças em trabalhadores, tanto no processo produtivo que faz uso cada vez maior de novas tecnologias, quanto no processo de trabalho no qual não ocorria o uso de técnicas mais apuradas. Em ambos o trabalhador é acrescido de uma sobrecarga de trabalho para o aumento da produtividade, gerando assim, uma atividade extenuante e causadora de problemas relacionados à saúde.

A doença compromete a capacidade de trabalho e conseqüentemente os objetivos a serem alcançados, e quando se apresenta como ameaça à produção, os setores administrativos assumem posição a seu respeito, mas em sua grande maioria não resolvem os problemas que as geram.

Como afirma BREIHL (2000), a falta de informações, ou estas desconhecidas, gera uma não adequação da doença a sua realidade, bem como outorga a culpa aos doentes como se esta fosse conseqüência da sua individualidade, cooperando para a enfermidade a alienação devida a práticas de controle e de vigilância do trabalhador.

O processo de necessidades para os grupos humanos, segundo BREIHL (2000: 105), para ser analisado exige compreender que "el conocimiento de la necesidad humana comienza por el de sus componentes fenotipicos basicos (necesidades fisiologicas y psicologicas) determinado por

procesos biológicos y psicológicos que se desarrollan en espacios sociales concretos”.

Segundo GOMES; COSTA (1997: 23),

como freqüentemente as doenças originadas no trabalho são percebidas em estágios avançados, até porque muitas delas, em suas fases iniciais, apresentam sintomas comuns a outras patologias, torna-se difícil, sob essa ótica, identificar os processos que as geraram, bem mais amplos que a mera exposição a um agente exclusivo.

A questão da saúde do trabalhador envolve uma complexidade que passa pelas informações científicas acerca do assunto, pela consideração dos interesses econômicos envolvidos, pelas formas de intervenção do Estado na produção e nas relações de trabalho, e na fiscalização dos locais de trabalho. O medo de perder o emprego, o estigma da doença, também são fatores a serem considerados quando se estuda a saúde no ambiente do trabalho pois podem levar o trabalhador a mascarar sua doença ou a relacionar a outras causas. De acordo com GOMES-COSTA (1997), também a forma de viver do individuo contribui para diversificar o padrão das enfermidades, revelando o campo social no qual este está inserido.

Para ROSEN (1994: 332),

não é possível fragmentar a saúde do trabalhador nas instalações industriais; as condições de vida, na casa, e as de trabalho, na fábrica, têm efeitos importantes sobre sua saúde. Assim, se não compreendemos essa situação por inteiro, não podemos prevenir a insalubridade. Entende-se, cada vez mais, a necessidade de se coordenar os cuidados médicos gerais recebidos pelo trabalhador e por sua família.

BRITO (2000: 196) em concordância com ROSEN afirma que

a saúde é expressão de condições sociais, culturais e históricas das coletividades em que o trabalho desempenha papel crucial. O trabalho realizado em nossa sociedade é determinado por complexo entrelaçamento de relações de poder, sociais, econômicas e políticas. Na apreensão da realidade vivida pelos (as) trabalhadores (as) não só no

ambiente interno de trabalho, como também em seu cotidiano, nos locais de convívio e moradia, ampliando o leque de interrogações e incorporando enfoques que colaborem para a apreensão das desigualdades e heterogeneidades produzidas.

Ao analisar a doença é necessário evidenciar os fatores que a cercam, o trabalho, sua organização e o indivíduo. A análise do trabalho deve passar pelo processo produtivo e pela ação do indivíduo sobre ele.

Conforme afirma ASSUNÇÃO (2003: 1014),

a relação saúde e trabalho não diz respeito apenas ao adoecimento, aos acidentes e ao sofrimento. Para os trabalhadores, a saúde é construída no trabalho”. Ou seja, “ao conseguir os resultados desejados pela hierarquia, sem contar com as condições ideais, e ao dar conta das demandas complexas, inusitadas e não previstas, os trabalhadores reafirmam a sua auto-estima, desenvolvem as suas habilidades, expressam as suas emoções.

A saúde vista como ausência de doença abrange os aspectos econômicos, sociais e psicológicos. É necessário procurar compreender a relação trabalho x doença dentro desta complexa determinação.

Como destaca TAMBELLINI (1984:114), o acidente de trabalho é

uma das faces do consumo que se manifestam no processo produtivo; como acontecimentos onde são consumidos diretamente a própria força de trabalho (desgaste físico e mental de energia humana sob a forma de trauma e seqüelas e óbitos), os instrumentos e objetos de trabalho, em como, se produz indiretamente uma queda da produtividade, em parte pelo impacto do acontecimento sobre a própria organização do trabalho, tendo como resultado a perda de horas úteis, paralisação do processo de produção (quebra dos instrumentos) ou diminuição de sua intensidade (queda do ritmo de atividade dos demais trabalhadores que presenciaram o acidente). Ademais, o acidente cria demanda por produtos específicos (reposição de peças e materiais perdidos no processo) serviços especializados (atenção médica, seguro e assistência legal aos acidentados, reparação dos instrumentos).

A presença de doenças relacionadas ao trabalho é percebida com freqüência já em estágios avançados dificultando seu diagnóstico correto em relação à função exercida pelo indivíduo, pois este pode ser ter sido transferido

da função relacionada à patologia. A alienação pode acarretar enfermidades devido à falta de controle sobre a atividade produtiva, situação geradora de stress, ao retirar do sujeito o sentido de seu trabalho. A hierarquização contribui para a doença na medida em que o indivíduo vive para alcançar o degrau seguinte, gerando um esforço maior em busca de uma maior produtividade, e levando a uma procura das empresas por trabalhadores mais competitivos.

Como afirma BREIHL (2000: 112), o grande desafio da saúde coletiva neste milênio será o da humanização do trabalhador, com atos benéficos para o corpo e para o espírito; humanização do consumo, da vida familiar e cotidiana através do acesso a renda e do equilíbrio entre trabalho e tempo livre; a proteção do sentido multicultural e crítico do pensamento e atividade espiritual do ser humano, onde a “sabiduría y el conocimiento critico recuperen su papel ahora disminuido”; uma melhor representatividade no governo sem haver distinção, de forma que todos tenham seus direitos garantidos; e que o desenvolvimento genético possa vir a beneficiar a população no geral, sem discriminação étnica ou diferença econômica.

É portanto, insuficiente a compreensão da relação processo de trabalho e saúde, que se fundamenta

em práticas convencionais da Medicina do Trabalho e da Engenharia de Segurança, onde o entendimento dessa relação é resultante exclusiva da ação isolada de agentes patogênicos sobre o corpo do trabalhador ou, no máximo, pela multiplicidade e interação de grupos de agentes em que a ênfase é voltada para a proteção ‘contra’ os riscos” (RIBEIRO,2002: 1244).

A saúde do trabalhador apresenta uma nova perspectiva tanto no setor do trabalho quanto na vida social do trabalhador,

cuando se abren posibilidades de disfrute de una equidad que permite la satisfacción de los derechos, con lo cual se

potencian los soportes personales y familiares, así como las defensas y posibilidades fisiológicas, entonces se eleva la calidad de vida fisiológica y genética, y aparecen patrones de salud mental y física, así como mejores índices de sobrevivencia” (BREIHL, 2003: 940).

Nas sociedades atuais, segundo o autor, são incorporados ao mecanismo de trabalho individual, fatores nocivos à saúde, cooperando para os padrões de morbidade e envelhecimento observados na população trabalhadora.

Como salienta BENTO (1987: 6/7),

o desenvolvimento tecnológico no capitalismo se por um lado, pode melhorar as condições ambientais de trabalho por outro, cria também as condições para a intensificação do ritmo de um trabalho continuamente sem conteúdo, o que é apontado como causa de um grande número de distúrbios de ordem psicológica que podem se transformar também em distúrbios orgânicos ou sofrimento mental.

‘Atos inseguros’ passam para o trabalhador a responsabilidade sobre os acidentes, desviando a atenção do processo de produção. É necessário, pois avaliar todos os componentes de produção, os grupos sociais, além da tecnologia, para a análise dos acidentes de trabalho e ou enfermidades a ele relacionadas. Ao analisar a saúde ocupacional devem ser avaliados o ambiente físico de trabalho, a organização, o controle exercido sobre o trabalho, em nível interno; e no externo, as condições de vida do trabalhador.

Neste trabalho, procuramos entender as condições de trabalho e saúde da população operária em Cataguases, particularmente numa empresa têxtil com grande influência no desenvolvimento econômico do município, na década de 1940 do século XX.

CAPÍTULO I

O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL NA ZONA DA MATA MINEIRA E EM CATAGUASES.

Para STELLING (2003: 5),

as primeiras indústrias têxteis brasileiras predominantemente se instalaram em cidades, pois assim se localizavam próximas a fatores de produção como mão-de-obra e energia, bem como se beneficiavam da infra-estrutura pré-existente; a desconcentração regional a favorece na medida em que o mercado consumidor estava distribuído de forma relativamente homogênea, ocorrendo a exploração de faixas de mercado marginais, pouco interessantes para o capital externo.

E ainda, que

essas pioneiras indústrias produziram fazendas grosseiras, destinadas à confecção de embalagens de produtos para exportação e roupas para os escravos, bens produzidos artesanalmente desde os tempos coloniais. A especialização local em tecidos grosseiros é explicada pelos altos preços que os tecidos finos e luxuosos atingiam, o que fez com que a esmagadora concorrência inglesa não se ocupasse dessa fatia menos rentável do mercado. Essa primitiva indústria têxtil foi estimulada através da concessão de descontos na tributação de produtos exportados (STELLING, 2003: 5).

De acordo com PAULA (2002: 8/9),

o final da década de 1860 e início da década de 1870 foi um período favorável à indústria. Ocasionalmente pelo aumento das tarifas de importação, favorecendo a expansão dos investimentos nos primeiros anos da década de 1870, ocorreu um surto de investimento no setor têxtil durante os anos de 1870/75(...). As fábricas têxteis instaladas em Minas Gerais neste período eram empreendimentos de pequeno porte e, embora algumas colocassem parte de sua produção na praça do Rio de Janeiro, na maioria das vezes o mercado poderia ser caracterizado como essencialmente local.

Segundo MAIA (2001: 36), “em 1886, existiam 9 fábricas têxteis de algodão no país, que possuíam 13.977 fusos com capacidade de produção de aproximadamente quatro milhões de metros de tecidos.”

Esse é o período da substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado e, como salienta SINGER (1994: 62), “enquanto durou a escravidão, esse início de formação do proletariado brasileiro é de escassa significação; o mercado para produtos manufaturados localmente era restrito”.

Conforme afirma GORENDER (1998: 38), foi por “via do mecanismo bancário e comercial, principalmente, que o capital acumulado na cafeicultura se transferiu para a indústria”. Também o comércio interno constituiu fonte de lucros que permitiu a transição para a indústria possuindo um caráter bastante regionalizado, e PRADO-JUNIOR (1986), confirma esta idéia ao afirmar que a acumulação capitalista neste período origina-se basicamente da agricultura sendo favorecido pelo aumento do número de trabalhadores assalariados que passam a mobilizar mais capitais favorecendo o aumento do mercado consumidor interno.

O município de Cataguases, Minas Gerais, teve no século XIX um pequeno progresso impulsionado pela introdução da ferrovia, possibilitando o intercâmbio cultural e comercial com outras regiões brasileiras. Os primeiros industriais eram provenientes do comércio ou da produção cafeeira, que contribuiu para o acúmulo de riquezas que passaram a ser investidas no desenvolvimento econômico da cidade, através da implementação de pequenas e médias indústrias e do incremento do comércio municipal.

Esse processo teve início nos primórdios do século XIX quando imigrantes europeus e de outras regiões de Minas e do país se dirigiram para a Zona da Mata se integrando com comerciantes e fazendeiros produtores de café. A mão-de-obra necessária à indústria em Cataguases, é recrutada nas cidades vizinhas.

A primeira Guerra Mundial é sentida em Cataguases, uma vez, que por falta de papel a Folha de Cataguases¹¹ passa a circular dia sim, dia não. O periódico publica uma resolução do governo com o intuito de controlar os investimentos no país; devido à guerra, a Estrada de Ferro Leopoldina diminuiu o número de trens de Porto Novo a Cataguases e de Cataguases a Ubá. Fatores conjugados como aumento da demanda interna no consumo, política cambial do governo e controle de importações, como também as rendas geradas pelo café que foram investidas em novos setores, são base para o início do desenvolvimento industrial brasileiro, e Cataguases se incluirá neste processo de industrialização.

Na segunda Guerra Mundial, esse processo se amplia e, segundo o Jornal Cataguases¹² seria dever dos brasileiros adotar as medidas recomendadas por Getúlio Vargas, como evitar comentários alarmistas e “cooperar, no respectivo setor de sua atividade, para que a nossa produção industrial e agrícola tenha o maior desenvolvimento possível, a fim de que possamos fazer face não só ao nosso consumo interno, mas, sobretudo, aumentar a pauta de nossa exportação”, e evitar desperdícios de alimentos.

Nova possibilidade de negócios no período da guerra, de acordo com o Serviço de Divulgação da Rádio Inconfidência, publicado no Jornal Cataguases¹³, seria a orientação econômica do país “no sentido de nos bastarmos a nós mesmos quanto possível e de podermos contar com disponibilidades para oferecer aos grandes mercados do mundo”. Em 1934 o Brasil exportou 1.781.755 toneladas de mercadorias, e, em 1938 exportou 3.253.156 toneladas, sendo que o lucro obtido com as exportações não foi

¹¹ Jornal Cataguases, órgão oficial do município, edição nº 82, ano 1, de 09/08/1914, p. 1.

¹² Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 24/09/1939.

¹³ Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 01/10/1939.

maior porque o valor das mercadorias caiu em relação ao de 1934. A produção de algodão no Estado de Minas Gerais não era suficiente para a indústria manufatureira local, que importava o que faltava de outros Estados¹⁴. Havia a corrente necessidade de produzir mais, mas com qualidade para se manter os mercados após o final do conflito. E conquistar novos mercados na Europa, nos EUA e no Sul das Américas.

Em 1938¹⁵ são promulgados os Decretos-lei nº 431, e 869 com o intuito de punir quem possa vir a prejudicar a economia popular; causar a elevação do preço de matéria-prima ou de produtos necessários ao consumo do povo; reter matérias-primas, meios de produção, com o fim de dominar o mercado e provocar a alta dos preços; provocar alta ou baixa por meios falsos do salário, preços, etc. e outros; mostrando a importância da iniciativa estatal na estruturação de nossa economia.

O jornal Cataguases¹⁶ em 1939 ao falar do salário mínimo, o faz alegando que

o operário é alvo principal do governo, não porque constitui uma classe à parte e mais favorecida, mas somente porque, sendo a mais numerosa e dependendo de capital com o qual colabore, precisa de uma força que vale por seus direitos. Além disso, os interesses do proletariado, que constitui a grande massa brasileira, estão de tal forma entrelaçados com os interesses da pátria que abandoná-los significaria o futuro de toda a nação”, segundo o mesmo órgão de informação, “com o salário mínimo dar-se-á ao trabalhador o necessário para o sustento razoável da família, através das instituições de assistência social, o cuidado para com a criança, para com os jovens. O jornal republica as idéias oficiais.

¹⁴ Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 01/10/1939.

¹⁵ Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 08/10/1939, p.1, decretos de 18/05/1938 e 18/11/1938, respectivamente.

¹⁶ Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 26/02/1939, p. 1

Em Cataguases os pioneiros das indústrias eram cidadãos das elites locais e regionais ou imigrantes que enriqueceram com o comércio e passaram a investir seu capital no setor manufatureiro, no início do século XX.

Para FARIA (1978: 99), alguns aspectos importantes do complexo cafeeiro como “a extensão do trabalho livre, o constante avanço da frente pioneira, a implantação de linhas de transporte e o adensamento do mercado”, favoreceram na região o aparecimento de núcleos urbanos. A região matense mineira é beneficiada pela proximidade de dois centros nacionais de grande importância, o Rio de Janeiro e São Paulo que facilitam sua integração econômica na medida em que estes serão consumidores do seu gado e alimentos (PAULA, 2002).

No ano de 1920 Minas Gerais contava com 1.394 unidades produtivas de transformação com um total de 32.363 empregados. Os setores têxtil, de alimentação, e de bebidas, são os que empregam o maior número de trabalhadores. Predominam em Minas as empresas com menos de 50 operários, sendo a indústria têxtil a de menor porte e apresentando uma concentração de mão-de-obra feminina e de menores, não diferindo de São Paulo e Rio de Janeiro (DUTRA, 1988). Na região da Zona da Mata mineira, especialmente em Cataguases, é grande o número de mulheres e crianças empregadas nas fábricas, sendo boa parte destes operários analfabetos¹⁷.

Como destaca PAULA (2002: 9),

o capital empregado no desenvolvimento das fábricas têxteis mineiras, foi constituído e financiado por pequenos grupos de parentes ou amigos. A maioria das fábricas estabelecidas nos 1870, foi construída no local onde viviam os investidores.

¹⁷Acervo CDH. Registros de Admissão dos Empregados da Fábrica Irmãos Peixoto e Companhia Industrial de Cataguases.

Cataguases tem sua origem no século XIX quando o francês Guido Marlière¹⁸, recebeu por doação, um terreno para erigir uma capela, sob a invocação de Santa Rita, na região denominada Porto dos Diamantes, no rio Pomba. Existiam no lugar 38 “fogos” de ‘brasileiros’, simples choças ou casebres e várias aldeias indígenas (SILVA, 1908: 24).

Ali se desenvolveu o novo povoado que, em 1809 ou 1810, recebeu o nome de Meia Pataca¹⁹. Em outubro de 1851, o povoado é elevado à categoria de freguesia de Santa Rita do Meia Pataca, passando assim a centro administrativo (SILVA, 1908). Segundo ALMEIDA (2004), o local passou a ter juiz de paz, subdelegado, inspetor paroquial e mesa de votação, adquirindo o status de sede administrativa.

Em abril de 1854, uma lei provincial transfere a freguesia para o município de Leopoldina (ALMEIDA, 2004). Em 25 de novembro de 1875, através da lei Provincial nº 2.180,

fica criado o município de Cataguases, composto das freguesias do Meia Pataca, Nossa Senhora da Conceição do Laranjal e Empoçado²⁰, desmembradas dos municípios de Leopoldina, Ubá e Muriaé, e das freguesias de Santo Antonio do Muriaé e Capivara. A sede do município será no Meia Pataca, elevado à categoria de Vila, que se chamará Cataguases (REZENDE, 1969: 30).

A instalação do município se deu em 7 de setembro de 1877 (SILVA, 1908). Nessa data, apenas seis ruas e duas praças constituíam a fisionomia

¹⁸ Era um emigrado francês que em 1811 aportara em Vila Rica, não dispondo de meios para se prover ingressa na milícia, onde em 1824, é nomeado por D. Pedro I como Comandante das Divisões Militares do Rio Doce, Inspetor Geral das Estradas e Encarregado da Civilização e Catequese dos Índios. Teria vindo para essa região para inspecionar os trabalhos da estrada que deveria ligar Minas Gerais a Campos dos Goitacazes (Rio de Janeiro), (REZENDE, 1969: 22).

¹⁹ Recebe a designação de meia-pataca, pelo fato de o terreno doado confrontar-se com o ribeirão do mesmo nome, cujas águas, presumidamente auríferas na sua nascente, banham aqueles sítios, e fluem para o Rio Pomba (REZENDE, 1969: 22).

²⁰ A localidade de Nossa Senhora da Conceição do Laranjal é atualmente o município de Laranjal, e Santo Antônio do Muriaé é hoje o município de Mirai; Empoçado é o distrito de Cataguarino e São Francisco de Assis do Capivara a cidade de Palma.

urbana da nova unidade provincial. As ruas eram geralmente designadas por caminhos e as praças por largos, a saber: caminho do Passacinho, do Sobedese, do Meio, do Pomba, da Estação e do Cemitério; largo da Matriz e largo do Rosário. Não havia serviços de água e esgoto (SILVA, 1908).

Cataguases²¹ surge durante um período de ruralização da sociedade mineira, quando se buscavam terras distantes dos centros urbanos. A base econômica agropecuária abre espaço para a produção cafeeira, que será um importante fator de desenvolvimento para a localidade e região.

No século XVIII, a lavoura cafeeira foi limitada pela dificuldade de comunicação e transporte, resolvida com a inauguração no final da década de 1870, do ramal da estrada de ferro Leopoldina, transformando a cidade em local obrigatório de exportação e embarque de café de toda a região, além de entreposto de comércio de outros produtos. Segundo SILVEIRA (2002), a expansão ferroviária estimulou o crescimento da produção de café e esta gerou mais recursos para a expansão das ferrovias.

De acordo com BLASENHEIM (1996), as estradas eram construídas com capital particular, mas mantiveram do governo provincial subsídios²² diretos baseados em quilometragem e garantia de retorno de 7% no seu capital. SILVEIRA (2002) em concordância com BLASENHEIM (1996), afirma

²¹ Vocábulo que significa “gente boa”, uma atitude sentimental do coronel em cujas lembranças sobressaía o pequenino rio Cataguases, no qual banhava a sua longínqua Lagoa Dourada (SILVA, 1908: 31).

²² O governo brasileiro assegurava a partir da legislação de 1857, garantia de juros de 7% sobre o custo estimado da ferrovia, vigorando pelo prazo da concessão da ferrovia, entre 50 e 90 anos. Havia, ainda, os subsídios para importação de equipamentos e trilhos: a gratuidade no transporte de carvão: direito no uso de madeiras, desapropriações, inclusive de minas de carvão, areia, pedreiras etc., e a concessão para explorar as minas que porventura fossem encontradas no processo de exploração da estrada (PAULA, 2002: 42).

que nesta região a construção das linhas e dos ramais da Estrada de Ferro Leopoldina²³ foi uma iniciativa dos ricos proprietários e comerciantes do café.

Segundo SILVEIRA (2002), a trajetória das linhas ferroviárias, ao nível local, era sempre determinada pelo poder político das oligarquias dominantes, formadas em sua maioria por fazendeiros e comerciantes locais, que manobravam a construção das linhas de acordo com os seus interesses particulares. De modo que estas ao seguirem a produção cafeeira, atenderiam aos interesses dos cafeicultores propiciando facilidades de transporte de mercadorias e pessoas.

A estrada de ferro Leopoldina chega a Cataguases em 1875 através da Lei Provincial n. 2.161, que determinava que depois de construída a linha-tronco até Leopoldina, podia a companhia estender suas linhas férreas até Santa Rita do Meia Pataca (SILVEIRA, 2002). Mas, conforme afirma BLASENHEIM (1996), devido às dificuldades topográficas próximo à área urbana de Leopoldina, o engenheiro Antonio Paulo de Mello Barreto, concessionário da Companhia, resolveu mudar o terminal para Santa Rita do Meia Pataca, 12 km para o norte. O ramal chega a Cataguases em 1877 ficando esta como ponto central de uma enorme zona agrícola, tornando-se o empório de comércio da Zona da Mata.

SILVEIRA (2002) destaca que

o ramal de Leopoldina a Vista Alegre²⁴ foi fundamental para alavancar o desenvolvimento do município de Leopoldina. Pois este era de tradição agropecuária com ricas lavouras de

²³A empresa foi organizada com capitais brasileiros e ingleses, sob a denominação de Estrada de Ferro Leopoldina, para a construção de um ramal que ligasse Porto Novo do Cunha, na margem do Paraíba, onde já existia um ramal da Estrada de Ferro D. Pedro II, e a cidade de Leopoldina. No dia 8/10/1874 as três primeiras estações foram abertas ao tráfego, nos quilômetros 3, 12 e 27, denominadas respectivamente São Jose, Pântano e Volta Grande. Em julho de 1877, foi inaugurada a estação da cidade de Leopoldina (PAULA, 2002: 43).

²⁴ Este ramal passa a ser o ponto de ligação entre Leopoldina a linha central até Santa Rita do Meia Pataca, atual Cataguases, sendo Vista Alegre seu principal distrito (SILVEIRA, 2002: 29).

café, milho, cana e arroz. Mesmo com a crise da cafeicultura na última década oitocentista, vê-se que o município de Leopoldina não se desorganizou economicamente. Sua produção cafeeira foi gradativamente sendo substituída pela produção leiteira e pela rizicultura.

De acordo com SILVA (1908), é construído em 1879 um engenho para beneficiar café, segundo o autor é o primeiro da então Vila de Cataguases. Em 1885 havia duas farmácias, duas fábricas de cerveja. A Gazeta de Leopoldina, jornal regional, em 1895 num editorial enaltece a indústria como um

dos principais fatores do progresso humano, no sentido restrito da palavra, tem sido por completo descurada entre nós. Dotado de elementos naturais maravilhosos. O nosso município conserva-se, entretanto, em um estado de atraso completo no que diz respeito ao movimento industrial. É preciso, pois, que cada um de nós, na esfera de suas forças, empregue o máximo esforço para que desapareça a inércia que nos define (...).

No ano de 1902, demonstrando que a região ainda se desenvolvia economicamente, a Leopoldina Railway pede autorização para construir uma estrada partindo de Silveira Lobo passando por Mar de Espanha até Leopoldina, e outra que ligue Vista Alegre a Cisneiros, ligando assim Leopoldina a Muriaé. Conseqüentemente Cataguases também se interligará com outra região matense, facilitando o escoamento da produção e de pessoas para a região de Campos dos Goitacases²⁵.

Como destaca SILVA (1908: 404/405), a cidade de Cataguases exportou naquele ano, pela E.F. Leopoldina, 6.457.393 quilos de café, e 311.770 quilos de madeiras, arrecadando em impostos o equivalente a 53.251\$409 réis. Contava a cidade neste mesmo ano com 76 casas de negócios, uma refinação de açúcar, 18 compradores de café, cinco farmácias, quatro engenhos centrais de beneficiar café, para terceiros, uma usina para a fabricação de açúcar, 57 engenhos de cana, três engenhos de serrar madeiras,

²⁵ Gazeta de Leopoldina, 31/08/1902.

seis olarias, uma fábrica de cerveja, duas casas de torrar e moer café; e seis médicos.

Parece acertado que a construção de linhas e ramais na região cafeeira com maior intensidade, foi acompanhada de um processo de urbanização e integração regional, possibilitando ainda a ferrovia, o contato cultural da região com o Rio de Janeiro.

O capital cafeeiro favorece o início de empreendimentos financeiros através da instalação do Banco Construtor do Brasil (1890) e do Banco de Cataguases (1893), que possibilitarão transformar parte deste capital em iniciativas mercantis e industriais.

Assim no ano de 1905 é iniciada a construção do edifício da Companhia de Fiação e Tecelagem de Cataguases, utilizando máquinas movidas a vapor, álcool e petróleo. Acompanhando o desenvolvimento na cidade e região é organizada

no dia 26-02-1905, em Cataguases, pelos Srs. Dr. Norberto Custodio Ferreira, Dr. Jose Monteiro Ribeiro Junqueira, o coronel João Duarte Ferreira e Coronel Joaquim Gomes de Araújo Porto, uma sociedade anônima, sob a denominação social de “Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina, com sede nesta cidade, e cujos serviços foram inaugurados oficialmente a 14 julho de 1908, com capital de 400:000,00 réis (COSTA, 1977: 287).

Os municípios de São João Nepomuceno, Cataguases, Leopoldina e Rio Novo foram os quatro primeiros a serem beneficiados com a energia elétrica²⁶. Neste mesmo ano em Cataguases era inaugurada a Imprensa Oficial e se construiu a nova cadeia pública (REZENDE,1969).

²⁶ O fim da companhia é a exploração de eletricidade em diversas aplicações, já tendo para esse fim obtido privilégio por 25 anos nos municípios de Cataguases, Leopoldina e Rio Novo, passando suas linhas pelo município de São João Nepomuceno, onde já se fez contrato por 10 anos, com o concessionário do privilégio desse município. Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 17/03/1907.

A produção cafeeira era em 1901 de 1.762.066 quilos e em 1907 de 757.224 quilos anuais (SILVA,1908). Os números mostram que a cidade começa a perder sua base cafeeira, mas é neste momento que o processo de industrialização começa a tomar um novo ritmo, através da implementação da energia elétrica no município.

Cataguases em 1906 exportava café, milho, feijão, arroz, açúcar, aguardente, toucinho, fumo e madeiras. SILVA (1908), afirma que Cataguases e seus distritos contribuíram para a produção cafeeira em Minas Gerais no ano de 1906 com 8% da produção do Estado, exportando 10.827.451 quilogramas. O mesmo autor, relata que em 1907 eram produzidos na cidade de Cataguases, massas alimentícias, tecidos, meias, colchas, chapéus, almofadas, sapatos, cerâmicas, seda, e móveis.

Em 1901 e 1905 a Câmara Municipal isentou de impostos os moinhos de fubá e qualquer indústria que viesse a ser instalada no município e reduziu impostos dos engenhos de café e de cana (SILVA,1908); como também ficam isentas durante os primeiros dez anos, as sociedades com sede no município para a fabricação de fiação, tecelagem e tinturaria. Neste ano (1905), Cataguases possuía 6.144.000 pés de café em plena produção que, dentre os municípios da Zona da Mata²⁷, só era excedida por Muriaé. Em relação à renda municipal somente era superada por Juiz de Fora (SILVA,1908). Acompanhando este desenvolvimento no ano de 1908 a cidade é iluminada à luz elétrica.

Como salienta REZENDE (1969), em 1911 é organizada em Cataguases uma Companhia Telefônica, posteriormente encampada pela 'Light

²⁷ Os municípios da Mata são: Muriaé, S. João Nepomuceno, Ubá, Carangola, Guarará, Cataguases, Rio Novo, Rio Branco, Palma, Pomba, S. Manoel, Além Paraíba, Juiz de Fora, Leopoldina, Mar de Espanha, Ponte nova, Viçosa e Rio Preto.

and Power', e mais tarde integrante da C.T.B. No ano de 1914 foi fundada uma fábrica de fósforos, e em 1917 organizou-se uma companhia de carris urbanos, ou seja, de bondes puxados a burro.

No ano de 1914 a estação de ferro de Cataguases é a primeira em renda na Leopoldina, e os armazéns não comportavam suas cargas. Neste mesmo período precisa-se na “Cataguases Industrial” de boas operárias, moças que queiram aprender a trabalhar²⁸, portanto, o aprendizado ocorria nas fábricas, geralmente com operárias e jovens, o que acontecia também na Indústria Irmãos Peixoto.

No ano de 1916 o periódico²⁹ local chamava a atenção para a necessidade de produzir mais nas indústrias da cidade e que era necessário que o município fizesse um sistema regular de estrada de rodagem e ocorresse um barateamento dos fretes; uma melhor forma de organização de crédito; isenção de impostos e toda a sorte de favores a novas indústrias, como também era necessário reprimir a vadiagem e o jogo.

No 1º de maio de 1931, houve uma festa organizada pela prefeitura para comemorar o dia do trabalho e o início da obra de uma Vila Operária pelo prefeito Pedro Dutra. Segundo o jornal esta obra da prefeitura seria um meio de dar base e melhor condição de moradia à família operária, e continua, afirmando que a prefeitura ampara os operários em caso de enfermidades, mas não diz como. A exportação da indústria têxtil em Minas Gerais no ano de 1939 fez um total de 10.106.631 quilos, e no ano de 1940 aproximava-se de 200.000 contos de réis³⁰.

²⁸ Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 08/12/1914.

²⁹ Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 22/10/1916, nº 104, ano XI.

³⁰ Gazeta de Leopoldina, 27/07/1941.

A população rural em Cataguases na década de 1940 segundo o IBGE era de 18.552 habitantes, com uma população economicamente ativa de cerca de 9560 pessoas. Em 1941 Cataguases ficou em quarto lugar em relação ao Imposto de Consumo que recai sobre a indústria, atrás somente de Belo Horizonte, Juiz de Fora e Passos³¹. Estes dados demonstram o crescimento econômico proporcionado pelo café e que fora investido em setores diversos, principalmente no setor industrial.

No ano de 1942 os operários das indústrias de tecidos se reúnem para fundar seu sindicato. Segundo ALMEIDA (2004: 116),

Cataguases nas décadas de 1930 e 1940 viveu uma significativa transformação econômica: de uma cidade agrária foi se transformando em uma cidade industrial. As lavouras tradicionais, como café e cana-de-açúcar entraram em declínio. Na sede do município começaram a surgir fábricas de tecido e outras pequenas indústrias.

Em setembro de 1936, a administração municipal de Cataguases delega apoio à instalação da Companhia Industrial Cataguases, de propriedade dos Peixoto. O então prefeito, Sr. Joaquim Martins da Costa Cruz, destacava:

... com a fábrica virá a construção de vilas operárias, emprego para operários, marceneiros, pedreiros, que vêm passando seis longos anos de dificuldades. Com o emprego de 600 operários é previsível o aumento de 1500 a 2000 habitantes, melhorando a demanda de bens, inclusive da área rural (...),

ao apoiar a instalação da nova indústria com o decreto Lei nº 96, de 1936, esta recebe em concessão um terreno para a sua construção, isenção de impostos municipais por 25 anos, gratuidade da água a ser fornecida; e a mediação junto ao governo federal para outras facilidades^{32 33}.

³¹ Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 04/10/1942.

³² Companhia Industrial cataguases. Disponível na Internet no URL: <http://www.Cataguases.com.br/por/historia/index 4.htm>. 20/10/2004.

O município de Cataguases destaca-se como um dos mais importantes centros industriais do Estado de Minas Gerais³⁴, desde o início do século passado, com a criação das indústrias têxteis e, seguindo através dos anos com a ampliação do seu parque industrial diversificado de bens de consumo como tecidos, móveis, confecção de roupas, alimentar, madeira, laticínios e a incorporação de novos gêneros industriais como fundição, papel, papelão, produtos químicos diversos, metalúrgicas, plásticos, mobiliário, minerais não metálicos, componentes para indústria mecânica etc., pertencentes quase inteiramente a empresários do próprio município³⁵.

Como suporte ao empreendimento industrial, o município conta com a Companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina, que serve de âncora na região da Zona da Mata. Para dar maior dinamismo ao Parque Industrial local, está sendo construído o trecho de acesso à MG-120, em fase de conclusão, para propiciar mais rapidez ao escoamento da produção industrial. O fator importante de integração do município é a localização de Cataguases na rede rodoviária do sudeste do estado, a poucos quilômetros da BR-116, Rio - Bahia, à qual se liga por rodovia asfaltada³⁶.

³³Integrada por três grupos: o dos irmãos Peixoto, o do Doutor Ormeu Junqueira Botelho e o do Sr. Severino Pereira da Silva. O capital subscrito foi de Rs. 2.000:000\$000 (dois mil contos de réis), (COSTA, 1977: 302).

³⁴As principais indústrias têxteis de Cataguases são: Companhia Industrial Cataguases, Companhia Manufatora de Tecidos de Algodão, Indusfil – Indústria de Fios Ltda. e Têxtil Goitacaz Ltda. Nestas últimas décadas, instalou-se em Cataguases a Zollern BHW do Brasil Ltda. e Rheinhutte do Brasil Indústria e Comércio de Bombas e Válvulas Especiais Ltda., indústrias mecânicas de origem alemã e uma do Estado de São Paulo, a CBA – Companhia Brasileira de Alumínio, do Grupo Votorantim, que se prepara para construir sua fábrica de alumina. Fonte: Agência IBGE em Cataguases.

³⁵ Exemplos do relacionamento industriais em Cataguases, são as indústrias que usinam peças fundidas por outras fábricas, por encomenda de terceiros e indústrias que se relacionam com a fabricação de tecidos. O Grupo Químicas Cataguases e a Indústria Cataguases de Papel Ltda., são empresas importantes para o crescimento industrial do município. Fonte: Agência IBGE em Cataguases.

³⁶ Fonte: Agência do IBGE em Cataguases.

O município está hoje situado em área de 482 km², metade da qual em relevo ondulado em altitudes que oscilam entre 119 e 221 metros na serra de Santa Bárbara. É banhado pelo rio Pomba e córrego Meia Pataca, estando distante 302 km de Belo Horizonte e 230 km do Rio de Janeiro. Sua população em 2000 era de 63.960 habitantes (IBGE, 2000), dos quais apenas cinco por cento moravam na área rural. Sua atividade econômica está situada, fundamentalmente, no setor industrial, que no ano 2000 empregava 8.221 pessoas.

Capítulo II

OBJETIVOS E METODOLOGIA

2.1 _ Objetivo:

Descrever a saúde dos operários na década de 1940, especificamente no ano de 1941, na Zona da Mata mineira, na cidade de Cataguases, a partir da análise dos dados relativos às consultas realizadas pelo médico das Indústrias Irmãos Peixoto durante o ano de 1941.

2.2 _ Metodologia

Foram coletadas informações relativas aos funcionários da empresa, ao aspecto físico da mesma e das condições sociais e de saúde da população cataguasense no período, para a discussão das condições de saúde destes operários em relação à natureza de trabalho e sua inserção no processo de produção. A análise do ambiente de trabalho foi feita a partir de informações sobre o aspecto físico da fábrica, uma vez que a estrutura da fábrica se encontra preservada, abrigando o Instituto Francisca de Souza Peixoto. Além do próprio edifício, o acervo fotográfico e informações administrativas disponíveis no Instituto, possibilitaram um conhecimento do ambiente dos trabalhadores no seu dia a dia na década de 1940.

O estudo abrange o período de desenvolvimento industrial de Cataguases e da implementação gradativa das leis que viriam a beneficiar os

trabalhadores da Indústria Irmãos Peixoto, como do Brasil. Procuramos analisar o processo de desenvolvimento industrial brasileiro e cataguasense a partir do processo de substituição de importações decorrente da Primeira Guerra Mundial e ampliado a partir do segundo conflito mundial, e o processo de regulamentação do trabalho no Brasil e suas implicações para os operários nacionais. Procuramos apreender esse processo de regulamentação trabalhista a partir da Constituição brasileira de 1937.

Como fonte para a contextualização do período analisado, na cidade e na região, foram utilizados os jornais A Gazeta de Leopoldina e o Jornal Cataguases. Procuramos compreender o desenvolvimento de Cataguases a partir do século XIX, levando em consideração o café e a instalação da ferrovia, fatores que favoreceram o crescimento e paralelamente tratamos de algumas características do desenvolvimento econômico em Minas Gerais e na região da Zona da Mata mineira, onde Cataguases está inserida.

O livro da Caixa Beneficente (Anexo 9), fonte primária do presente trabalho é o de número três, datando de 02/01/1941 a 31/12/1941, sendo o livro de registro de consultas realizadas pelo médico da empresa, para funcionários e seus familiares. O período analisado foi demarcado por ser este o único livro encontrado, sendo que neste período se verificava a aplicação da legislação trabalhista nas fábricas brasileiras e entre elas nas Indústrias Irmãos Peixoto.

O livro de registros apresenta no apontamento o nome do operário, o setor profissional, o sintoma, o diagnóstico, a terapêutica e a data. A partir desses dados buscamos analisar as condições de saúde da população operária levando em consideração as seguintes variáveis: sinais e sintomas da

doença, terapêutica e, quando existente, o diagnóstico. Analisamos apenas o atendimento realizado em funcionários da empresa.

O livro de consultas possibilita uma análise relativa ao setor de trabalho e às doenças que afetavam homens e mulheres. Utilizamos também o registro de óbitos ocorridos de 1940 a 1944 na cidade de Cataguases para discutir o perfil de óbitos em relação à morbidade descrita para os trabalhadores da Indústria Irmãos Peixoto.

Os registros são manuscritos, o que impôs limitações para a compreensão do texto. O livro se encontra em perfeito estado de conservação e faz parte do patrimônio histórico da Indústria Irmãos Peixoto.

A documentação relativa à Indústria Irmãos Peixoto foi produzida pela própria administração da fábrica, e os documentos tratam do processo de inauguração da empresa, da sua modernização tecnológica, da história da mesma nas mãos da família Peixoto e seu crescimento no decorrer dos anos, e dos benefícios por ela trazidos à cidade.

Avaliamos apenas para contribuir para a discussão dos dados de morbidade, as condições de higiene, iluminação, maquinário, temperatura, ventilação, umidade, e partículas em suspensão, na fábrica, a partir de informações dos documentos administrativos, do acervo de fotos e da observação do prédio da Indústria conservado com as características da época. O espaço analisado foi o local onde funcionava o setor de tecelagem, maior setor da indústria. Em relação ao maquinário, a análise foi realizada com base em uma foto do setor, parte integrante do acervo histórico do Instituto Francisca de Souza Peixoto, e através da observação do tear, mantido pelo Instituto para a visitação pública.

O registro de Empregados³⁷ tornou-se uma obrigação das empresas a partir de 1935. O número das fichas foi modificado pela empresa três vezes, como forma de organizá-las melhor, de modo que o número da ficha registrada no livro não condiz com os das fichas encontradas no arquivo, sendo a pesquisa realizada através dos nomes dos funcionários. As fichas dos empregados possibilitaram obter dados relativos à vida destes na empresa através dos apontamentos realizados quanto à média do tempo de serviço, a idade de ingresso na fábrica e a saída, os motivos principais de afastamento, demissão ou dispensa requerida pelo operário.

Procuramos desenvolver nosso estudo a partir do pressuposto de que os processos produtivos geram fatores causadores de enfermidades, objetivando-o através da análise dos sintomas e diagnósticos registrados pelo médico da empresa, relacionando-os com o setor de trabalho do operário na empresa, e com o sexo. Foram analisados registros de 30 setores do processo produtivo e administrativo da empresa, permitindo discutir a relação das doenças mais freqüentes em cada setor e sua possível relação com o processo de trabalho.

O setor dos teares, foi analisado separado da tecelagem, uma vez que no registro realizado no livro as designações são diferentes, e acreditamos se tratar de funcionários que eram contratados por dia para manusear os teares.

Como fonte para a discussão da situação de saúde da população geral de Cataguases e sua relação com a saúde dos trabalhadores foi utilizado o

³⁷ As fichas analisadas informam o nome, a filiação, a cor da pele, a nacionalidade, data e lugar de nascimento, categoria, ocupação habitual, nome dos beneficiários, pedido de licença sem remuneração, salário, forma de pagamento, data do registro, da dispensa e da admissão, férias, endereço, acidentes de trabalho e observações como, por exemplo, seu comportamento dentro da fábrica ou se foi chamado atenção, registra o pagamento de aluguel, se era estrangeiro, seu pedido de emprego e espaço para registro de sua carteira de vacinação e o número de seu IAPI. Em alguns encontramos fotos. Fonte: Ficha de Registros dos Empregados das Indústrias Irmãos Peixoto, S.a. Acervo CDH – Centro de Documentação Histórica.

registro de óbitos no período de 1940-1944, que nos informam nome, sexo, cor, nacionalidade, idade, estado jurídico, filiação, causa da morte e a data do óbito. A partir deste, discutimos as enfermidades mais comuns na população em geral e as que afetavam os operários já que não há para o período, registro regular de morbidade, exceto o de internação hospitalar.

A análise das doenças que acometeram os funcionários da empresa, foi realizada através da categorização das mesmas de acordo com os capítulos da Classificação Internacional de Doenças, versão 10 (CID 10, OMS, 1993), a partir dos agrupamentos de sinais e sintomas ou diagnósticos encontrados no registro médico da empresa, possibilitando comparação com dados atuais.

Abordamos especialmente a questão da tuberculose em relação à população cataguasense e ao funcionário da empresa, uma vez que esta doença era de alta incidência e prevalência no período e ao mesmo tempo inviabilizava a permanência do operário em suas funções ocasionando seu desligamento temporário da empresa.

Capítulo III

A SAÚDE DO TRABALHADOR DA INDÚSTRIA IRMÃOS PEIXOTO, CATAGUASES, 1941.

3.1 _ Histórico da Indústria Irmãos Peixoto e as condições de trabalho na fábrica

Em 1905 (figura 2), é organizada a Companhia de Fiação e Tecelagem de Cataguases³⁸ utilizando máquinas movidas a vapor, álcool e petróleo, e inaugurada no ano seguinte com 20 modernos teares importados da Inglaterra e produção mensal de 15 mil metros de pano.³⁹ Em 1908 os motores a vapor são substituídos por unidades elétricas. Em 1910 (figura 4), a partir de uma crise enfrentada pela empresa devido à alta no preço do algodão, o comerciante Manuel Ignácio Peixoto⁴⁰, assume o passivo da empresa que, em 1911, passa a se chamar “Manoel Ignácio Peixoto”, e em 1913, troca o nome

³⁸ Fundada pelo Coronel Joaquim Gomes de Araújo Porto, Major Mauricio Eugenio Murgel, Coronel João Duarte Ferreira e Dr. Norberto Custodio Ferreira (COSTA, 1977: 285).

³⁹ No dia 08-08-1905, iniciou-se a construção do edifício da fábrica e no dia 01-08-1906 era inaugurada, com 20 teares, dos mais modernos da época, fabricados na Inglaterra por Butterwortter & Delmisen, compostos dos seguintes implementos: uma calandra, um medidor e dobrador e uma espuladeira. A maquinaria era, inicialmente, movida por um motor a vapor de 8HP que, depois, foi substituídos por um motor elétrico de 20 HP. Fabricava no começo, tecidos. A produção mensal era de 15 mil metros de brim e tecidos fantasias para senhoras (COSTA,1977: 297).

⁴⁰ Imigrante nascido na Freguesia da Candelária, Ilha do Pico, Arquipélago dos Açores. É no comércio a sua primeira atuação, onde cria as condições para a acumulação de capitais para depois se dirigir a produção industrial. Companhia Industrial Cataguases. Disponível na Internet no URL: <http://www.Cataguases.com.br/por/historia/index 4.htm>. 20/10/2004.

para “Manoel Ignácio Peixoto & Filhos”⁴¹, já com o capital totalmente integralizado de 250 contos de réis. Em 1917, com o falecimento de seu fundador, a empresa passa a denominar-se “Irmãos Peixoto & Cia.”, e em 1935 torna-se sociedade anônima, Indústrias Irmãos Peixoto S.A.⁴², e assim se conserva até sua definitiva incorporação, em 1998, pela Companhia Industrial Cataguases. No ano de 1918, o Instituto Industrial, do Rio de Janeiro, confere diploma de honra à Irmãos Peixoto e Cia., por “cooperação vultosa que a empresa tem prestado a emancipação da indústria nacional”⁴³.

Na Indústria Irmãos Peixoto é elevado o número de mulheres, principalmente no setor de tecelagem, sendo seus operários contratados ainda na infância. Encontra-se presente já na década de 1940 a preocupação por parte da diretoria da empresa com a perfeição a ser impressa nos artigos fabricados, tanto na sua textura quanto no seu acabamento. A guerra interrompe as negociações da empresa para a substituição das máquinas por outras mais aperfeiçoadas⁴⁴.

Como destaca COSTA (1977: 302),

nem só a atividade fabril foi a preocupação daqueles que plantaram essa empresa na cidade de Cataguases. Também, o setor de assistência médica e social aos seus empregados mereceu cuidadosa e especial atenção daqueles que pontificaram na direção da empresa. De início, admira-se um conjunto de residências onde estão instalados inúmeros servidores. Em sua Divisão Previdenciária, os trabalhadores da empresa e seus familiares contam com médicos especializados em medicina industrial, bem como com laboratório de análise clínica, ambulatórios completos, dando condições a pequenas intervenções e socorro de emergência. Completando a assistência médica funciona na indústria um

⁴¹ Segundo COSTA (1977), a empresa “Indústrias Irmãos Peixoto S.A.”, é a mais antiga indústria da cidade. É a ‘célula-mater’ das demais indústrias de tecidos de algodão e papel da cidade, liderada pela família Peixoto.

⁴² Companhia Industrial Cataguases. Disponível na Internet no URL: http://www.Cataguases.com.br/por/historia/index_4.htm. 20/10/2004.

⁴³ Jornal Cataguases . 07/09/1918. Nº 198. ano XIII.

⁴⁴ Companhia Industrial cataguases. Disponível na Internet no URL: http://www.Cataguases.com.br/por/historia/index_4.htm. 20/10/2004.

consultório dentário, com aparelhagem moderna, prestando serviços, através de profissionais, aos operários e as suas famílias.

Não obstante as dificuldades do pós Segunda Guerra, a Companhia Industrial de Cataguases compra novos equipamentos na Inglaterra, tendo à frente a experiência da família Peixoto no ramo têxtil. Bem aplicados os recursos permitiram a importação seletiva de máquinas, equipamentos e aparelhos novos e mais modernos, incorporando o avanço tecnológico e possibilitando uma nova expansão nos negócios. A indústria Irmãos Peixoto⁴⁵ em seu relatório para o exercício de 1941, relata uma fabricação anual de 6.080.585 metros de tecidos com uma produção diária (16 horas) de 21.483 metros e 6,03 metros por tear-hora. Suas máquinas estariam em perfeito estado de conservação, mantendo durante o ano, uma média de 470 empregados inclusive pessoal de escritório, pedreiros e carpinteiros. Registra despesas com a caixa beneficente dos operários, com o IAPI, com indenizações, com seguros contra acidentes, e uma banda de música.

De acordo com ALMEIDA (2004: 118),

em 1943 foi criada uma nova fábrica na cidade: a Companhia Manufatora de fios de algodão. Destinada inicialmente à produção de fios, com o tempo passou também a fabricar tecidos de algodão e alguns anos depois iniciou a produção de algodão hidrófilo da marca Apolo. Em 1954, Manoel Peixoto e outros empresários locais criaram mais uma indústria na cidade: a Companhia Mineira de Papéis, voltada para fabricação e comércio de papéis e celulose e, em 1961 foi criada a Indústria Química Cataguases, tendo à frente os irmãos Manoel Peixoto e Francisco Inácio Peixoto.

Na década de 1960 se investe na modernização e reaparelhamento com importação de máquinas. Nos anos 1970⁴⁶ continua a modernização do

⁴⁵ Jornal Cataguases, órgão oficial do município, 28/01/1942.

⁴⁶ Em 1974 as vendas da empresa crescem dez por cento ao ano, o dobro do setor têxtil no país.

parque industrial com permanente programa de investimentos em novas máquinas, descentralização administrativa e instalação de um moderno centro de treinamento. No começo da década de 1980 é instalada uma nova unidade da empresa no bairro Saudade, para a produção de fios, e a Indústria Irmãos Peixoto continua produzindo tecidos. Em 1986 é ampliado em 50% o prédio da unidade da Saudade, com novos teares, e ao término da montagem da fábrica da Saudade em 1992, ocorre o fechamento definitivo da matriz no centro da cidade. O prédio sofre modificações e lá se instala o Instituto Francisca de Souza Peixoto (figura 3), com oficinas artesanais, biblioteca, teatro, salão de festas, e grupo teatral, contribuindo para o aprimoramento da cultura cataguasense.

Procuramos analisar a salubridade dentro do espaço da empresa, apesar da mesma não estar em atividade, a partir de seu aspecto físico e de informações documentais sobre a produção. A umidade era provavelmente sempre muito alta, uma vez que a umidade era necessária à produção do fio, sendo que na tecelagem a umidade deve ser maior do que na fiação, como meio de se evitar que os teares parem devido ao rompimento do fio. A presença de poeira no ambiente também era provavelmente constante uma vez que a produção do fio libera partículas e fibras curtas e a iluminação no galpão onde funcionava o setor da tecelagem era precária para padrões atuais.

De acordo com GIODA (2003: 1390),

no que concerne à qualidade do ar em ambientes industriais, os estudos só tiveram início na década de 70, com o desenvolvimento de edifícios com maior eficiência no controle do consumo de energia. Estes dependiam do sistema de ventilação mecânica para circular de forma controlada o ar de renovação e para controlar temperatura e umidade, uma situação muitas vezes conflitante.

Procuramos avaliar o ambiente da empresa de modo que este pudesse ou não vir causar danos a saúde do operário, em 1941. A avaliação dos riscos de acidentes, das máquinas e instalações, não foi possível uma vez que as mesmas estão desmontadas em um depósito, como também a avaliação do ruído, um agente agressivo constante nas fiações e tecelagens, não foi realizado, pois o maquinário não se encontra em operação. Para avaliar o ruído, seria necessário avaliar se existiam materiais absorventes de ruídos, o estado de conservação e fabricação das máquinas, a velocidade destas, o tipo de fio ou tecido produzido, o espaçamento entre um aparelho e outro, e a capacidade do edifício em reter o ruído. O espaço de movimentação do operário entre as máquinas era bastante reduzido (figura 6), havendo um corredor com cerca de dois metros entre as fileiras de máquinas para a circulação do operário. Caso o fio se soltasse este teria um espaço pequeno entre os teares ou filatórios para poder amarrar o fio novamente e recomeçar o processo produtivo. Neste momento o operário corre o risco de ferimento nas mãos ao emendar o fio, se o freio não for convenientemente usado, ou mesmo lesões ao retirar fios ou mechas que podem se enrolar no aparelho.

O trabalho era realizado em pé, em um turno de 8 horas, com pausa de quatro em quatro horas para descanso e refeição. A postura de trabalho era inconveniente, com movimento excessivo do corpo, especialmente do tronco, ocasionando fadiga muscular e postura inadequada com curvatura da coluna para realizar o trabalho. Um operário manipulava cerca de 5 teares durante seu dia de trabalho, devendo percorrê-los com atenção a fim de atender a todas as ocorrências, evitando que fiquem parados. As máquinas eram movimentadas por correias interligadas em cerca de 10 a 12 aparelhos, e não ofereciam

segurança ao operário, uma vez que este se via obrigado a se movimentar entre as correias quando precisava emendar um fio ou trocar um cone. Não há registro do uso de equipamentos individuais de proteção pelos funcionários. Encontramos fotos em que o operário usava apenas um avental para proteger a roupa das pelugens produzidas pelo fio ou pelo tecido.

O chão da empresa era de taco, colaborando para o acúmulo de poeira e fungos, e as paredes rebocadas contribuía para o amontoamento dos resíduos produzidos pela fiação e tecelagem. Não existia um sistema de ventilação na empresa, pois a umidade deveria ser mantida. O prédio possuía janelas de vidro com pequeno espaço para a entrada ou saída de ar, ocorrendo um grande ajuntamento de partículas provenientes da produção do tecido e do fio de algodão. A temperatura ambiente não era controlada, variando de acordo com a temperatura externa. A iluminação no local era feita com lâmpadas incandescentes distribuídas pelos corredores e a luz natural penetrava no prédio através de enormes vidraças no alto do teto contribuindo para uma claridade inadequada no local. O teto não tinha forro, com vigas e telhas de amianto facilitando o acúmulo de poeira.

Uma das principais funções do fiandeiro e tecelão é vigiar a máquina e intervir quando o fio se rompe, o que exigia um constante esforço visual, pois as máquinas não possuíam indicadores luminosos para facilitar a visualização dos fios, e esta ação era prejudicada pela inadequação da iluminação no local.

Em cada coluna do galpão havia um aspersor de água para manter a umidade do ar evitando assim que o fio se partisse. Este aparelho, o 'banso', borrifava a água em partículas minúsculas em cima dos teares e filatórios e no

corredor, automaticamente e durante todo o processo de produção.

Como explica com BENTO (1987: 55),

o fio de algodão tem a propriedade de aumentar sua resistência e elasticidade conforme a umidade existente no ar. O fio seco torna-se quebradiço, rompendo-se mais facilmente, ocasionando maior número de paradas nas máquinas, e, conseqüentemente, diminuindo a produção.

Parece acertado que o acúmulo de poeira proveniente do processo produtivo era uma constante no dia-a-dia do operário, uma vez que o local de trabalho não contribui para que não ocorresse amontoamento de resíduos, e o espaço físico da empresa não foi planejado para beneficiar os operários, mas sim para o aporte da produção.

Conforme afirma BENTO (1987: 61),

as fibras e o pó podem ser puxados pelo fio, especialmente durante a fase de torção, interferindo na qualidade do fio produzido. Podem, também, depositar-se nos componentes das máquinas e prejudicar sua eficiência, pois aumenta o número de rupturas do fio.

Dessa forma ao mesmo tempo em que a poeira de algodão que se desprende durante o processo de fiação é prejudicial à boa qualidade do fio e à eficácia da máquina, é lesiva à saúde do trabalhador. Não havia um meio no local de diminuir o contato do operário com as partículas, ou seja, uma máquina que retirasse do ar as poeiras produzidas e as armazenasse em outro ponto. Se por um lado, a umidade e a temperatura influem no processo produtivo têxtil, por outro, influem, também, nas condições de trabalho e conseqüentemente nas condições de saúde do trabalhador, e a temperatura estará variando de acordo com as condições externas, estando o operário sujeito a essas variações. A construção do prédio da empresa não obedece e nenhuma norma de prevenção de doenças aos seus operários, a preocupação

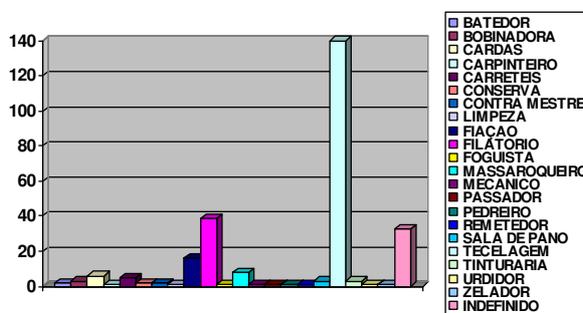
por parte dos construtores se faz somente em relação ao espaço necessário para a colocação do maquinário para o efetivo processo produtivo.

3.2 _ Perfil dos operários da Indústria Irmãos Peixoto.

A análise do perfil dos operários das Indústrias Irmãos Peixoto foi realizado com base no estudo das Fichas de Registro⁴⁷ dos empregados da fábrica (Anexo 8). As fichas apresentam de dois a três números de ordem, muitas vezes estes estão riscados, dificultando o acesso aos registros do funcionário. Estas mudanças se deram devido à necessidade de agrupamento das mesmas, que primeiro eram arquivadas de acordo com o número de ordem, e depois o arquivamento passa a ser realizado por ordem alfabética, como se encontram arquivadas atualmente, passando deste modo as fichas, por uma nova ordenação dos números de registro.

Gráfico nº1

Fichas dos funcionários de acordo com o setor de trabalho.



Fonte: Fichas de registro dos funcionários da Indústria Irmãos Peixoto, S.A.

⁴⁷ Parte integrante do acervo do CDH – Centro de Documentação Histórica em Cataguases.

Para um número de 536 operários atendidos pelo médico da empresa, foram analisadas 81 fichas de funcionários e 190 de funcionárias, para um total de 271 fichas encontradas, cerca de 50,5%. O período analisado com base nas fichas de registro de funcionários perfaz 30 anos de admissão de operários na empresa, do ano de 1911 a 1941. Neste período observa-se que o número de funcionários variava de acordo com os anos, sendo constantemente maior o número de mulheres. A utilização da mão-de-obra feminina e infantil eram características marcantes nas fábricas têxteis. RESENDE (2003), ao analisar a fábrica têxtil São Joanense relata a predominância da mão-de-obra feminina, e o fato dos homens exercerem atividades de chefia, e observamos que o mesmo acontece na Indústria Irmãos Peixoto.

A análise dos dados de nacionalidade mostra que os operários eram brasileiros, fato esperado uma vez que a região possuía mão-de-obra farta para se empregar na empresa e o processo imigratório para a região da Mata já havia se encerrado. Como destaca DUTRA (1988), a classe operária em Juiz de Fora na década de 20, é composta de grande número de estrangeiros, de mulheres e menores e segundo a autora, de um elevado número de analfabetos. Como relata esta autora, o mesmo ocorre em Belo Horizonte onde as indústrias absorvem uma mão-de-obra basicamente feminina, e o número de menores é expressivo, sendo composta por um relativo número de estrangeiros alfabetizados.

A partir da análise das fichas podemos afirmar que os operários da indústria Irmãos Peixoto diferenciam dos de Juiz de Fora e Belo Horizonte uma vez que o número de estrangeiros entre eles é reduzidíssimo, mesmo no início

do século XX, quando o percentual de mão-de-obra estrangeira nas indústrias brasileiras era significativo.

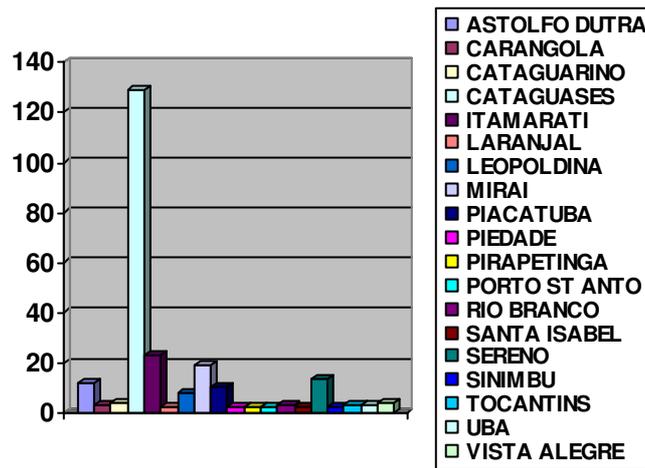
A avaliação da cor da pele indica que 50% dos funcionários que tiveram o registro de sua cor nas fichas da empresa são considerados brancos com 137 apontamentos, sendo pequeno o número de funcionários ditos pretos (11) e pardos (21); sendo elevado o percentual sem esta informação, perfazendo 33,57% do total dos apontamentos (91 registros).

O número de funcionários solteiros é de 96, seguidos pelos casados, 67, e pelos viúvos, somente 5. O percentual sem informação sobre a condição civil do operário, perfaz 38% no total das fichas analisadas. Muitos destes funcionários entravam para a fábrica ainda muito novos, começando suas atividades com apenas dez anos de idade como mostra a tabela I.

A forma de pagamento mais utilizada pela empresa era quinzenal, com 251 registros, apenas 4 mensais e 3 semanais, e em 13 fichas não encontramos registro acerca da forma de remuneração. Quando o operário cometia alguma falha na produção, ocorriam descontos em seu pagamento, de acordo com os prejuízos sofridos pela companhia, e os defeitos provocados pelos operários nos tecidos produzidos. Parte dos panos com defeitos eles levavam para casa. Descontos por faltas não foram encontrados nos registros.

Gráfico nº 2

Fichas dos funcionários de acordo com a naturalidade



Fonte: Fichas de registro dos funcionários da Indústria Irmãos Peixoto, S.a.

Os registros dos operários da fábrica, ao indicarem a naturalidade, mostram que, apesar de muitos deles serem cataguasenses, 50%, é elevado o número de registros de referência ao local de origem, como sendo de cidades da região e seus distritos, mostrando uma migração regional da mão-de-obra. No gráfico 2 observa-se que o recrutamento da mão-de-obra se realizava em sua maior parte na cidade de Cataguases e em cidades próximas como Leopoldina, Itamarati, e Mirai. Somente dois registros indicam trabalhadores vindo do Estado do Rio de Janeiro, não havendo referência a outros Estados, constatando-se que 269 funcionários foram recrutados no estado de Minas Gerais, principalmente na Zona da Mata.

Dos 271 registros encontrados com naturalidade dos operários, as mulheres provinham das cidades vizinhas de Cataguases em número maior do que o de homens, com 103 (38%) registros, e somente 39 (14,4%) homens, mostrando que a mão-de-obra feminina é mais elevada tanto para funcionárias da cidade quanto para as que provinham das localidades próximas em busca de uma nova oportunidade de emprego.

Cataguases é um ponto de concentração para os operários, para os que não conseguem ocupação nas pequenas cidades da região e procuram

uma melhoria de vida indo procurar emprego nas inúmeras fábricas de Cataguases, dentre elas a Indústria Irmãos Peixoto. Famílias das localidades vizinhas se deslocavam para Cataguases pela oportunidade de que suas filhas pudessem ser empregadas na indústria.

A análise possibilitou conhecer o perfil dos funcionários que compunham o processo produtivo da Indústria Irmãos Peixoto, dentre eles os setores de tecelagem, filatório, fiação, cardas, carreteleira, bobinadora, sala de pano, tinturaria, batedor, conserva, mestre e outros.

Tabela nº 1

Idade de admissão dos funcionários

IDADE	FEM	%	MASC	%	TOTAL	%
10-14	41	21,6	19	23,5	60	22,2
15-19	94	49,4	28	34,6	122	45
20-29	37	19,5	19	23,5	56	20,7
30-39	12	6,3	9	11,1	21	7,7
40-49	2	1,1	3	3,7	5	1,8
50-59	----	----	1	1,2	1	0,4
60-69	----	----	----	----	----	----
+ 70	----	----	----	----	----	----
Ignorada	4	2,1	2	2,4	6	2,2
TOTAL	190	100	81	100	271	100

Fonte: Fichas de registro dos funcionários da Indústria Irmãos Peixoto, S.a.

Ao exame da tabela percebe-se que a utilização de mão-de-obra feminina e infantil é uma constante, os funcionários sendo admitidos em criança para se empregar na fábrica, uma característica das fábricas da região. Segundo ALMEIDA (2004: 69), “normalmente entrava-se muito cedo na fábrica: entre 14 e 15 anos e era muito comum ‘aumentar idade’ para conseguir

trabalho”. A média de admissão a partir dos registros de idade das operárias era de 18,7 anos e para os homens de 20,7 anos, mostrando um aproveitamento maior da mão-de-obra feminina mais jovem.

O recrutamento de operários se faz em torno da cidade de Cataguases e na mesma, e é uma mão-de-obra jovem e sem qualificação profissional. A preferência por mulheres é uma constante na história da empresa desde suas primeiras funcionárias. Poucos eram os indivíduos que entravam na fábrica em idade avançada, sendo que 60 integraram a empresa na faixa etária de 10 a 14 anos, ou seja, são crianças que tiveram que se adaptar às normas do trabalho na indústria. A aceitação de menores era predominante, e pelos registros observa-se esta tendência desde o início da produção até a década de 1940.

Um número de 122 funcionários foi admitido na fábrica na faixa etária de 15 a 19 anos, mostrando que a idade para ingresso na indústria era baixa, constituindo uma mão-de-obra jovem, provavelmente sem qualificação profissional, sendo que esta deveria acontecer na empresa, através de aprendizado com os mais antigos e com mudanças nas seções de trabalho.

Os indivíduos que entraram para a fábrica com idades que variavam entre os 10 e 19 anos perfazem um total de 182 fichas, mostrando que 67% dos funcionários analisados ingressaram na empresa na infância ou adolescência. O mesmo ocorre na Companhia Industrial São Joanense, onde o contingente de operários com idade abaixo de quatorze anos de idade era elevado, contribuindo para que brincadeiras infantis fizessem parte do cotidiano da fábrica (RESENDE, 2003). A inserção do menor no trabalho ocorre pela necessidade de complemento à renda familiar. Devido a seus salários mais baixos, e por serem mais facilmente controlados do que os adultos, são

largamente empregados, alegando-se sua menor produtividade como justificativa para a menor remuneração.

Apenas um operário foi admitido na empresa com mais de 50 anos. Percebe-se que a partir dos 20 anos, o ingresso é menor para ambos os sexos, permanecendo uma pequena predominância para a admissão de mulheres, e havendo uma queda acentuada a partir dos 40 anos com apenas 6 admissões, 4 masculinas e 2 femininas.

Tabela nº 2

Funcionários de acordo com a idade em 1941

IDADE	FEM	%	MASC	%	TOTAL	%
10-14	9	4,8	----	----	9	3,4
15-19	77	40,5	33	40,8	110	40,6
20-29	78	41	18	22,2	96	35,4
30-39	18	9,5	13	16,1	31	11,4
40-49	4	2,1	9	11,1	13	4,8
50-59	----	----	5	6,2	5	1,8
60-69	----	----	----	----	----	----
+ 70	----	----	1	1,2	1	0,4
Ignorada	4	2,1	2	2,4	6	2,2
TOTAL	190	100	81	100	271	100

Fonte: Fichas de registro dos funcionários da Indústria Irmãos Peixoto, S.a.

Os funcionários atendidos pelo médico são indivíduos em sua maioria (40,6%) na faixa etária entre 15 e 19 anos. Apenas 9 fichas de funcionários foram encontradas com idade entre 10 a 14 anos, mostrando que a faixa etária para ingresso na empresa estava se elevando, sendo a admissão em maior número a partir dos 15 anos, com 110 admissões, sobressaindo o número de operárias, sendo 77 admitidas nesta faixa etária.

É maior o número de operários entre 20 e 29 anos, sendo 78 o número das jovens atendidas na empresa, perfazendo 41% no total de funcionários. O número de mulheres permanece maior na fábrica, dos 15 aos 29 anos num total de 155, diminuindo a partir da faixa etária seguinte.

As mulheres jovens são em maior número do que os homens, o que se inverte a partir dos 30 anos, quando temos 22 funcionárias para 27 funcionários, mostrando a necessidade dos homens permanecerem no emprego por serem provavelmente os responsáveis pelo sustento das famílias. Em 1941 a média de idade das funcionárias da empresa era de 21,8 anos e de 26,7 anos para os homens, mostrando que as mulheres eram admitidas mais novas na empresa, mas os homens permaneciam trabalhando na fábrica até uma faixa etária mais elevada.

Tabela nº 3

Tempo de permanência do funcionário na empresa.

	MASC	%	FEM	%	TOTAL	%
-1 ano	2	2,47	5	2,63	7	2,58
1 A 5	20	24,70	55	28,95	75	27,68
6 A 10	13	16,04	36	18,95	49	18,08
11 A 15	4	4,94	24	12,63	28	10,33
16 A 20	1	1,23	8	4,21	9	3,32
21 A 25	2	2,47	2	1,05	4	1,48
26 A 30	7	8,64	9	4,74	16	5,90
MAIS 31	19	23,46	24	12,63	43	15,87
INDEFINIDO	13	16,05	27	14,21	40	14,76
TOTAL	81	100	190	100	271	100

Fonte: Fichas de registro dos funcionários da Indústria Irmãos Peixoto, S.a.

Observando a tabela 3, pode-se concluir que muitos operários não chegavam a dez anos de serviço na fábrica, e que o número de funcionários que permanecia na fábrica de um a cinco anos era bastante significativo, quase

30%. A tendência a uma alta rotatividade no trabalho foi identificada por RESENDE (2003:136), na Companhia Industrial São Joanense, segundo a qual os operários ficavam pouco tempo desempenhando suas atividades na fábrica e logo pediam demissão. Sendo recorrentes casos em que chegavam a sair e voltar ao trabalho várias vezes. De acordo com a autora “vários elementos como o casamento, a mudança de cidade e afastamentos por motivo de doença servem para caracterizar as mais comuns justificativas de saídas desses operários”.

As mulheres eram impelidas a trabalhar nas fábricas pela necessidade econômica da família operária, o que poderia explicar o caráter provisório do trabalho entre o sexo feminino. A permanência no trabalho aumenta para os homens a partir dos 6 anos de serviço na empresa, quando se percebe que é cada vez menor o número de funcionárias que continuam na fábrica.

A alta rotatividade, principalmente entre as mulheres, nos remete a saída destas para se casar, indicando que parte destas estavam na empresa para complementar o rendimento familiar, pois poucos são os casos das jovens que retornam. O desligamento não parece ser obstáculo para o retorno tempos depois, mesmo que o operário tenha sido demitido. Esta rotatividade é encontrada em todos os setores da empresa. A permanência é maior para a faixa dos 31 anos, provavelmente responsáveis pela renda familiar, não podendo abrir mão do emprego. Em 15 fichas há registros que mostram admissão, readmissão, demissão. Não foram encontrados registros de elogios ao operário quando de seu desligamento da empresa mas sim, anotações acerca de desvios de conduta, que geralmente causavam prejuízos à empresa, ou de desentendimento entres funcionários. Ocorreram quatro casos de

empregados que saem da fábrica espontaneamente e depois retornam à mesma alguns anos, meses ou dias depois para exercer a mesma função ou uma nova tarefa.

A desobediência ao mestre ou ao encarregado da seção, resultava em demissão, saída espontânea ou suspensão do serviço por cerca de 3 dias. Consta o caso de uma funcionária que se recusou a trabalhar em feriado municipal e para que não fosse, segundo a empresa, pediu um pagamento a que não tinha direito, não foi demitida, aposentou-se por tempo de serviço. Duas funcionárias responderam aos diretores suas cartas de advertência, por terem produzido tecidos com defeito. Mesmo em casos nos quais o operário tenha sido demitido ele é readmitido pela fábrica. São 8 os casos de desentendimentos com o chefe; 22 por aposentadoria; 5 afastamentos por motivos pessoais; 4 de abandono de emprego; 4 de falecimento (ocorridos após 1941); 4 de recusa ao trabalho; e 6 afastamentos por motivo de doença, sem menção de diagnóstico.

Ocorreu um caso em que a funcionária saiu de férias e após o término não retorna ao trabalho, possivelmente sem dar satisfação à empresa; era solteira, entrou na fábrica com 12 anos e permaneceu por dois anos.

As anotações dos salários começaram a ser feitas a partir de 1954, mas percebe-se que o pagamento de 66 funcionários era realizado por hora de serviço, e de acordo com sua produção, apenas três, variando conforme a função exercida. O pagamento era efetuado quinzenalmente em cerca de 251 registros, mensal em apenas 4 e semanal em 3. Somente 13 fichas não definiram a forma de pagamento.

Apenas duas fichas apresentam o registro do valor do salário, três tecelãs apresentam o apontamento de tarefa, deste modo seu pagamento seria de acordo com as atividades que iriam realizar. Em relação aos turnos de serviço, existiam duas turmas por dia, divididas em turnos de 8 horas, e a empresa fornecia ao empregado um descanso de quatro em 4 horas para refeição.

Não há registro da escolaridade do operário, mas somente se este era analfabeto (14), se tinha boa caligrafia (15 operários com este registro), e em duas fichas, apenas que sabiam ler e escrever, num total de apenas 31 fichas onde foram registradas estas observações.

De acordo com DUTRA (1988), no caso de Juiz de Fora, o operariado foi recrutado numa população menos de 30% alfabetizada, enquanto em Belo Horizonte 60,6% da população sabia ler e escrever.

A empresa fornece residência a seus funcionários, e na ficha há lugar para o registro do pagamento dos aluguéis, mas não há nenhum assentamento do valor do aluguel, nem se este era descontado na folha de pagamento do funcionário. As casas permaneciam com os indivíduos enquanto estes trabalhavam para a empresa, sendo que ao se aposentar deveriam entregar a casa ou recebiam a opção de comprá-la da empresa. As vilas operárias apresentavam condições adequadas de moradia e aluguéis baratos, e foram construídas perto do edifício da fábrica. Apesar da existência da vila operária não há como analisar se os operários em sua maior parte residiam distante ou nas proximidades da fábrica.

Como salienta ALVIM (1984: 406/407), a existência de vila operária com casas construídas para abrigar famílias faz parte de um processo de

disciplinarização da força de trabalho habilitada para o trabalho industrial, que subordina a força de trabalho tanto na fábrica quanto na moradia. A família é vista como uma fonte de obtenção de uma força de trabalho apta, disciplinada e moral, além de ser fornecedora de mão-de-obra. A fábrica constituía condições de vínculo com a família, proporcionando a vila e serviço médico. A empresa se vê como beneficente dos trabalhadores ao fornecer emprego e ensino às famílias. O assalariamento é tido como uma forma de manutenção e a proletarização ocorre pela mudança no modo de vida das famílias após a saída da roça. Foram encontrados 22 casos de operários da fábrica que são filhos de outros (19) operários. A presença de parentesco entre os funcionários da fábrica indica que a necessidade de sobrevivência faz com que outros membros de uma mesma família procurem trabalho na fábrica, possivelmente uma forma de ocupação melhor remunerada para a região. Há diversos indivíduos com o mesmo sobrenome na fábrica, o que pode indicar parentesco. Um irmão, irmã ou pai ao entrar na fábrica procurava o mais rápido possível indicar outro parente para ocupar uma posição na mesma.

A passagem de operários por diversas seções da fábrica, assinala um aprendizado de profissão que ocorria no ambiente da fábrica. A mobilidade presente na empresa possibilita ao operário diversificar seu saber e sua aprendizagem. O fato do aprendizado se realizar dentro da fábrica sugere a inexistência de escolas técnicas e o ingresso precoce na fábrica. A mudança de setores possibilita ao operário um maior conhecimento acerca do funcionamento da fábrica.

Segundo ALMEIDA (2004: 69),

havia contrato especial para aprendizes. O menor era admitido para uma jornada de trabalho de 8 horas e um

salário de 50% do mínimo vigente. Terminado o prazo de aprendizagem, o contrato poderia ser rescindido ou transformado em contrato de prazo indeterminado. Apesar de muitos permanecerem na fábrica até se aposentarem, observamos uma alta rotatividade, ou seja, muitos entravam e saíam num curto espaço de tempo.

Como destaca RESENDE (2003: 61), a

presença do Ajudante, uma categoria intermediária usada apenas nas seções em que predominavam tarefas que exigiam uma certa habilidade técnica. Este se diferenciava do profissional – aqui considerado como o operário a quem o ajudante auxiliava – porque ainda não dominava os conhecimentos específicos da função desempenhada. Seu aprendizado se dava na prática. Não era qualificado pela empresa – hierarquicamente e a níveis salariais – como o profissional, mas exatamente como aprendiz ou ajudante.

Nas Indústrias Irmãos Peixoto o controle do trabalhador era exercido pelos mestres. Dos oito funcionários que exerciam esta ação, encontramos apenas uma mulher exercendo uma atividade de fiscalização em relação às atividades dos outros operários. O funcionamento de uma fábrica demanda uma nova racionalidade com a introdução de novas regras e disciplina, visando a um maior aproveitamento da produção. Este controle se realiza através do processo produtivo, todo ele voltado para a manutenção do indivíduo em constante atividade, sem tempo para deslizos, prejudiciais ao desenrolar da produção.

Dentro do setor de chefia RESENDE (2003: 60/61), destaca que

o Mestre podia ser considerado o “ chefe “, ou seja, o técnico responsável por toda uma seção específica. Ou, ainda, podia desempenhar a função de Mestre Geral, responsabilizando-se por todo o setor produtivo da fábrica. O Contramestre tinha a condição de superior hierárquico, uma vez que sua posição decorria de sua competência profissional, pelo conhecimento mais completo do *métier*. Sua função se aliava tanto ao conhecimento das tarefas de fabricação do produto quanto ao funcionamento da máquina, cuja manutenção estaria a seu encargo. Ele estava no ápice do sistema da hierarquia operária, quer do ponto de vista do conhecimento do *métier*, quer do ponto de vista da autoridade e do salário. Os Encarregados eram os responsáveis por etapas parciais do

processo geral das seções ou da coordenação dos serviços auxiliares.

Este processo no qual o homem é tido como chefe é percebido nas indústrias Irmãos Peixoto, onde as chefias se encontravam geralmente nas mãos destes. As repreensões podiam ser orais, registradas, e aconteciam agressões físicas por parte dos mestres em relação aos operários. O mestre é o encarregado da seção verificando o andamento da produção, fiscalizando os operários, cabendo ao contra-mestre o encargo de consertar as máquinas.

Para RESENDE (2003: 48/49),

era precisamente nas indústrias – nas fábricas têxteis e nas oficinas mecânicas que a nova disciplina do tempo se impunha mais rigorosamente, uma vez que, para o patrão, o controle sobre as horas e a respectiva produção se apresentava como uma necessidade. As próprias máquinas significaram sempre a disciplina nos trabalhos. O rigor com que as máquinas deveriam ser manipuladas acabava por deixar pouco tempo para qualquer ‘desvio do olhar’ do empregado. Mas para que o simples acender dos motores a vapor, todas as segundas-feiras, às seis horas da manhã, pudesse significar uma estratégia de disciplina inserida no hábito da industrialização regular e contínua, muita resistência por parte dos operários precisou ser vencida.

Este controle se encontra nos registros de advertência por briga com companheira em uma mesma seção, por tecer tecido com defeito, ou recusa em assinar o boletim de serviço, também realizado nas fichas.

3.3 _ A saúde dos operários

Os tratamentos variavam de indivíduo para indivíduo com relato de um mesmo sintoma, o que poderia indicar doenças diversas com sintomas semelhantes mas, exceto a idade, não temos informação suficiente que permita esclarecer melhor os diagnósticos. Assim, apesar do registro de tratamento

constar do nosso banco de dados, não o utilizamos nesta discussão. O atendimento aos familiares era realizado do mesmo modo que o dos operários. Aparecem registros de filhos, esposas, irmãs, que foram procurar tratamento na empresa e o acompanhamento médico dos mesmos. Neste trabalho, analisamos apenas os dados sobre a saúde dos operários, sendo as demais informações, quando pertinente, integradas a esta discussão.

O setor de tecelagem respondeu pelo maior número de atendimentos durante o ano, sendo também o de maior número de funcionários prevalecendo o sexo feminino, 136, para um total de 149 operários. Desse modo, a presença de mulheres no setor de maior produção na empresa é de 91,3%. O número de atendimentos é alto, mas isto se deve à ocorrência de mais de um atendimento por pessoa durante o ano, sem limite para o número de consultas. Neste setor o número de atendimentos foi de 1128 (90,1%) a operárias e apenas 36 (2,9%) a operários; 74 atendimentos foram a parentes dos mesmos, e 2 sem especificação.

No setor dos teares, é maior a presença dos homens, correspondendo a 54,2%, dos indivíduos. O setor da fiação⁴⁸, segundo maior da fábrica, apresenta pequena diferença entre o número de homens e mulheres, 62,7% e 37,3% respectivamente, num total de 91 operários.

Na seção de contra-mestre, funcionário responsável pela chefia dos setores, há apenas uma presença feminina. Este setor é responsável pela organização e vigilância dos outros funcionários. Como a presença de mulheres é mínima, podemos supor que estas não eram vistas pelos administradores como pessoas aptas a exercer esta atividade.

⁴⁸ Responsável pela preparação final do fio, antecede a tecelagem no processo de produção

Nos carretéis, como na remeteção, somente há a presença de mulheres.

Apesar do número total de funcionárias ser maior do que o de funcionários, estes estão presentes em 28 dos 30 setores⁴⁹ analisados, ou seja, em 96,6% dos setores produtivos e administrativos da empresa. Em relação ao total de funcionários da empresa, prevalece o sexo feminino, mas este se encontra presente em apenas 12 setores na fábrica.

O elevado número de funcionárias se explica pelo fato do setor de tecelagem, o maior da empresa, apresentar alta prevalência do sexo feminino. A presença majoritária de mulheres é comum nas empresas de tecelagem. Foram atendidos pelo médico da empresa nos 30 setores analisados, 435 funcionários, sendo 238 mulheres (54,7%) e 197 (45,3%) homens.

No setor de tecelagem (Figura 7) foram registrados pelo clínico da empresa 1287 diagnósticos para as funcionárias da seção. As doenças do aparelho digestivo (Anexo 10) prevalecem entre as enfermidades que afetavam estas operárias, com 357 anotações (32,8% dos diagnósticos), seguidas das doenças do aparelho respiratório com 320 registros (29,4%); os diagnósticos com causas mal definidas (capítulo XVIII da CID)⁵⁰, ocupam o terceiro lugar, com 214 anotações. As doenças do aparelho geniturinário (Capítulo XIV) com 96 apontamentos (8,8%) são a quarta causa de doenças nas operárias, seguidas das doenças infecciosas e parasitárias (capítulo I) com 88 anotações (8,1%).

⁴⁹ Ajudante passador, almoxarifado, aposentado, batedor, mestre, calandras, carpinteiro, carretéis, chouffér, conserva, cardas, dobrador, escritório, fiação, filatório, foguista, guarda, limpeza, maçarocheiro, oficina, pedreiro, quintal, remetedor, ronda, sala de acabamento, sala de pano, teares, tecelagem, tinturaria, urdidor.

⁵⁰ Na CID 10 este capítulo é denominado *Sintomas, Sinais e Achados Anormais de Exames Clínicos e de Laboratório não Classificados em Outra Parte*, anteriormente *causas mal-definidas*, denominação que adotamos para abreviar o título do capítulo.

Neste setor ocorreram durante o ano de 1941, 12 atendimentos a funcionárias devido a causas externas, sendo 6 contusões, no braço ou na perna; uma luxação do punho direito; dois ferimentos, um no pé e outro na cabeça; um diagnóstico de escoriações; e dois casos de anafilaxia. Estas lesões podem estar relacionadas com o processo de trabalho, uma vez que o tear apresenta riscos de lesões como estas quando, por exemplo, arrebetam correias, espulas se soltam, ou mesmo quando da emenda de um fio sem o uso devido do freio do tear.

Na fiação, as doenças do aparelho respiratório são as principais causas que levam as funcionárias a procurar o auxílio do médico da empresa, com 71 registros; seguidas das causas mal definidas, com 55 anotações; e das doenças do sangue, com 29. As doenças do aparelho digestivo ocupam o quarto lugar nos diagnósticos seguidas das doenças da pele e do tecido subcutâneo (Capítulo XII) com 25 e 21 anotações respectivamente. Neste setor houve apenas dois atendimentos por causas externas, um por mordida de cão e uma contusão torácica.

Nos teares, entre as funcionárias, as doenças mal definidas destacam-se como principal causa de atendimento pelo clínico, com 15 anotações, seguidas das doenças do aparelho digestivo, com 6 atendimentos e das doenças do aparelho respiratório com 5 registros.

As doenças respiratórias predominam na sala de acabamento, entre as operárias, sendo que dos 28 registros, 15 se referem a estas enfermidades. As doenças mal definidas e as doenças do aparelho digestivo, ambas com 6 anotações, estão em segundo lugar.

No filatório se destacam as doenças do aparelho respiratório, do sangue, e do aparelho geniturinário com 3 anotações cada. A única funcionária que ocupava cargo de chefia na produção da empresa é tratada com doenças da pele e do tecido subcutâneo (Capítulo XII).

Na seção de guarda a operária é diagnosticada com doença do aparelho geniturinário, no setor de remeteção, a operária apresenta uma doença do aparelho respiratório. Na oficina há apenas duas funcionárias, uma com diagnóstico de doença do sangue e do aparelho geniturinário, e outra com doença do aparelho digestivo e uma lesão externa.

As doenças do aparelho respiratório e do aparelho digestivo sobressaem no setor de carretéis com 13 atendimentos cada. Em segundo lugar figuram as doenças do aparelho geniturinário e as mal definidas ambas com 6 registros. Os setores de limpeza e conserva apresentaram um atendimento cada, diagnosticados como doença do aparelho geniturinário e da pele, respectivamente.

Para o sexo masculino (Anexo 11), na seção de tecelagem predominam as doenças do aparelho respiratório com 18 atendimentos; seguem-se, com 7, as mal definidas; e as doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos, com 4 registros.

Na fiação, destacam-se as doenças do aparelho respiratório com 30 anotações, seguidas das doenças do sangue com 23 registros, e em terceiro lugar aparecem as doenças do aparelho digestivo e da pele, com 13 apontamentos cada.

As doenças do aparelho respiratório continuam a predominar no setor dos teares, com 19 anotações; em segundo lugar aparecem as doenças mal

definidas com 17; seguidas das doenças do sangue e das doenças do sistema osteomuscular (Capítulo XIII), ambas com 3 diagnósticos.

As doenças do aparelho digestivo, aparecem em terceiro lugar na sala de pano; antecedidas pelas mal definidas, com 17 apontamentos e da predominância das doenças do aparelho respiratório com 23 anotações. No filatório ocorreram apenas 5 atendimentos durante o ano de 1941, sendo dois devido a doenças da pele, e os outros três atendimentos relacionados a doença do sangue, respiratória e mal definida, ambos com um atendimento.

No setor de mestre o médico diagnosticou 22 funcionários com doenças do aparelho respiratório, seguidas das doenças do aparelho digestivo com 7 e das causas mal definidas com 5. As doenças infecciosas e parasitárias e as doenças do aparelho respiratório predominam no setor de guarda com 9 apontamentos cada, sendo que, as doenças do aparelho digestivo tiveram 4 atendimentos.

Na remeteção as doenças do aparelho respiratório continuam a predominar entre os operários, com 9 atendimentos. Em seqüência aparecem as doenças do sangue com 4 apontamentos e as doenças da pele e mal definidas com 2 registros cada.

No setor de oficina como na remeteção, para o sexo masculino, predominam as doenças do aparelho respiratório com 10 atendimentos, seguidas das doenças infecciosas e parasitárias e digestivas com 2 registros cada. Os pedreiros durante o ano foram atendidos com doença do aparelho respiratório, com 4 registros, seguida das doenças do aparelho circulatório com 3 e por último com apenas um atendimento cada, das doenças infecto - parasitárias e da pele.

Na limpeza, as doenças do aparelho respiratório e do aparelho digestivo, predominam, seguidas das doenças do sangue. No setor de acabamento, apresentam-se em destaque as doenças do aparelho digestivo com 3 atendimentos, seguidas das doenças do aparelho respiratório, da pele e mal definidas com 2 registros cada. As enfermidades do aparelho respiratório permanecem destacadas no setor de passar, seguidas das mal definidas.

Nos setores do urdidor e do almoxarifado destacam-se as doenças dos olhos e anexos (Capítulo VII), do aparelho respiratório, do digestivo e mal definidas, todas com 1 atendimento realizado durante o ano para ambas as seções.

O setor de tinturaria apresenta um número elevado de doenças mal definidas, 34 registros, seguidas das doenças do aparelho digestivo com 13 anotações. As doenças infecto-parasitárias e do aparelho respiratório, aparecem em terceiro lugar com 10 atendimentos cada, para os funcionários neste setor.

Doenças mal definidas destacam-se nas cardas, para o sexo masculino, com 15 atendimentos; uma pequena variação nas doenças do aparelho geniturinário com 14 apontamentos; e em terceiro as doenças do aparelho respiratório e do aparelho digestivo, ambas com 7 anotações. Esta distribuição se mantém no setor da massaroqueira, sendo que as doenças do aparelho digestivo, aparecem em segundo lugar, seguidas das enfermidades do aparelho respiratório, para o sexo masculino.

No agrupamento realizado para a análise dos setores, predominam as doenças mal definidas com 10 registros, seguidas das doenças do aparelho respiratório e do aparelho digestivo com 9 atendimentos cada. As doenças do

aparelho circulatório apresentaram 6 registros, para os funcionários destas seções na indústria.

Em relação às doenças que foram diagnosticadas nos setores produtivos da empresa (Anexo 1), em ambos os sexos, no maior deles, a tecelagem, ocorre uma predominância das doenças do aparelho digestivo com 357 registros, seguidas das doenças do aparelho respiratório com 338. As doenças mal definidas somam um total de 248 atendimentos para o ano em estudo. As doenças do aparelho geniturinário se destacam em quarto lugar, com 97 registros; as doenças infecto-contagiosas com 90, estão em quinto lugar, seguidas das doenças do sangue, com 87 anotações.

Na fiação (Figura 5) predominam, em ambos os sexos, as doenças do aparelho respiratório com 101 registros, seguidas das mal definidas, com 86 apontamentos e das doenças do sangue com 52. Há uma pequena diferença entre as doenças do aparelho digestivo e as doenças de pele, as primeiras com 38 anotações e as segundas com 34.

As doenças mal definidas se destacam no setor do tear, para ambos os sexos, seguidas das doenças do aparelho respiratório e das doenças do aparelho digestivo. Esta última permanece em terceiro na sala de pano; sendo que as doenças do aparelho respiratório e mal definidas, ocupam o primeiro e segundo lugar, respectivamente.

No filatório predominam as doenças do aparelho respiratório, e do sangue, ambas com 4 registros e as doenças do aparelho geniturinário com 3. Apresentam-se em destaque no setor dos mestres as doenças do aparelho respiratório com 22 anotações; em segundo as doenças do aparelho digestivo com apenas 7 registros; seguidas das doenças mal definidas, com 5.

Para ambos os sexos na seção dos guardas apresentam-se em destaque as doenças infecciosas e parasitárias, e as doenças do aparelho respiratório, ambas com 9 registros. As doenças do aparelho digestivo, aparecem em seguida com 4, mantendo a mesma posição na remeteção, sendo que em segundo aparecem as doenças infecciosas e parasitárias e em destaque as doenças do aparelho respiratório com 10 registros.

Com 10 anotações as doenças do aparelho respiratório, se destacam no setor da oficina, seguidas por 4 registros de doenças do sangue. No setor encarregado da limpeza na fábrica se destacam as doenças do aparelho respiratório e do aparelho digestivo.

Nos setores de carretéis e conserva, a predominância de doenças é a mesma do sexo feminino, pois nestes setores, não houve anotações que indicassem a presença de homens nos mesmos. O contrário acontece nos dezenove setores restantes, nos quais apenas ocorreram registros para o sexo masculino.

Tabela 4
Classificação das doenças de acordo com o sexo.

	F	%	M	%	TOTAL	%
DIP	39	6,3	103	6,2	142	6,2
NEO	--	--	--	--	--	--
DSH	44	7,2	120	7,2	164	7,2
DEN	--	--	--	--	--	--
TMC	3	0,5	8	0,5	11	0,5
DSN	1	0,2	6	0,4	7	0,3
DOA	7	1,1	24	1,5	31	1,3
DOM	4	0,6	17	1	21	0,9
DAC	9	1,5	2	0,1	11	0,5
DAR	185	30	428	25,7	613	56,9
DAD	81	13,2	405	24,3	486	21,3
DPT	37	6	63	3,8	100	4,4
DSO	15	2,4	14	0,8	29	1,3
DAG	26	4,2	128	7,7	154	6,8

GPP	--	--	8	0,5	8	0,3
APP	--	--	--	--	--	--
MCD	--	--	--	--	--	--
SEC	154	25	323	19,4	477	20,9
LEC	11	1,8	16	0,9	27	1,2
CEM	--	--	--	--	--	--
ESS	--	--	--	--	--	--
TOTAL	616	100	1665	100	2281	100

Fonte: Livro da Caixa Beneficente dos Funcionários das Indústrias Irmãos Peixoto.

Em relação ao sexo, predominam no sexo masculino as doenças do aparelho respiratório com 428 diagnósticos, perfazendo um total de 25,7% das doenças mais comuns para os operários da empresa. As doenças do aparelho digestivo com 24,3%, com 405 registros, vêm em seguida. A terceira causa de consultas foram as causas mal definidas, com 323 (19,4%) registros. Em seguida prevalecem as doenças do aparelho geniturinário com 128 apontamentos, seguidas das doenças infecciosas e parasitárias, com 103.

No sexo feminino as principais enfermidades diagnosticadas pelo médico, são as doenças do aparelho respiratório, com 185 anotações (30%). As doenças mal definidas, com 154 apontamentos, ocupam o segundo lugar, seguidas das doenças do aparelho digestivo, com 81 registros.

Para ambos os sexos, predominam as enfermidades relacionadas ao aparelho respiratório, com 613 registros, perfazendo 56,9% das anotações realizadas durante o ano de 1941. Este número elevado de enfermidades do aparelho respiratório pode ser explicado a partir das condições de trabalho dos operários, uma vez que o prédio não havia sido construído com o intuito de diminuir os efeitos nocivos na saúde dos operários, ocasionados pelo processo de produção de fios e tecidos. Não podemos no entanto, ignorar a possibilidade

de ocorrência de patologias de alta prevalência na população geral, como a tuberculose.

O espaço físico da empresa, que pudemos visitar, não parecia se adequar às necessidades de proteção à saúde dos operários, uma vez que o mesmo contribuía para o acúmulo de pó e fibras curtas liberadas durante o processo de produção dos fios e do tecido, podendo vir a ocasionar este elevado número de doenças do aparelho respiratório.

As doenças do aparelho digestivo se destacam como a segunda causa das enfermidades do operariado, com 486 apontamentos, 21,3%. Em seguida vêm as doenças mal definidas - este número elevado se deve ao fato de não podermos identificar com clareza muitos diagnósticos do clínico da empresa, mesmo considerando apenas a classificação pelos capítulos da CID. As doenças do aparelho geniturinário aparecem em quinto lugar com 154 (6,8%) registros. As doenças infecciosas e parasitárias, com 142 apontamentos, aparecem como a sexta causa das enfermidades dos operários. Os diagnósticos de doenças do sangue, quarta causa de atendimentos, correspondem em sua maioria ao diagnóstico de 'anemia'.

Percebemos o pequeno número de registros de causas externas, apenas 27 no decorrer do ano, 1,2% do total das consultas, mostrando que apesar de não haver um setor ligado à prevenção de acidentes na empresa, estes ou não eram muito freqüentes, ou não eram sempre registrados.

Dos registros realizados pelo médico da empresa, 11 tiveram a anotação de acidente, sendo que destes, 6 foram registrados como acidentes de trabalho e 5 com apenas a palavra acidente. Dos funcionários que se acidentaram, 6 são do sexo masculino e 5 do feminino, sendo o setor da

tecelagem o com mais elevado percentual de acidentes, com 5 anotações, em seguida o setor de fiação, com 3 e as seções de batedor, tinturaria e remeteção, com um registro cada.

Das causas externas que levaram o médico a registrar como acidentes, 6 foram relatadas como feridas na cabeça, no pé ou no braço. Houve uma contusão, não sendo especificada a parte do corpo atingida, 2 luxações de punho, e uma contusão, na qual o médico colocara um aparelho. Apenas um registro não teve o acidente especificado. Não há como estabelecer se estes operários acidentados foram enviados para sua residência ou permaneceram no trabalho. Dos registros de operários que foram encaminhados para sua residência, nenhum se relaciona a estes incidentes.

Estes acidentes provavelmente aconteceram quando o funcionário fora manipular suas máquinas, uma vez que estas, não propiciavam segurança, e as partes atingidas, e os tipos de ferimentos levam a crer que foram ocasionados pelo manuseio das mesmas.

Quanto ao sexo os acidentes foram em maior número para o sexo masculino, indicando que as mulheres, apesar de serem numericamente superiores, estavam menos propícias aos acidentes.

Encontramos 41 registros de funcionários da empresa registrados como convalescentes, fazendo supor que estariam afastados do trabalho, fazendo o acompanhamento médico para que fosse definido quando deveriam retornar ao trabalho.

Durante o ano foram anotados no livro, 47 exames de saúde em pessoas interessadas em ingressar como trabalhadores na fábrica, e para receber alta ou licença de saúde. Destes, 34 foram do sexo feminino e 13 do

sexo masculino. Entre os setores, na tecelagem houve maior número de registros, 22, sendo que 20 para funcionárias. Sete registros não designaram a seção, os outros foram para as seções de massaroca, fiação, remetedor, tear, sala de pano e carretéis.

Para admissão tivemos 34 anotações, sendo que para o setor de tecelagem foram realizados 13 exames de saúde, sendo 12 mulheres, para ingressar na empresa. Sete destes registros não tiveram designada a seção. Não temos como verificar quais os exames requeridos pelo médico para admissão do funcionário, apenas temos o registro de que foram realizados e que o trabalhador volta ao consultório para receber a permissão para trabalhar.

Foram emitidos 34 atestados de saúde durante o ano de 1941, seja para admissão, alta ou licença de saúde. Quatro admissões foram negadas pelo médico. Duas devido ao diagnóstico de doença do sangue e dos órgãos hematopoiéticos (anemia); outra por doença da pele e do tecido conjuntivo e uma sem especificação. Os que foram diagnosticados com anemia tiveram seu atestado de admissão suspenso provisoriamente. Em relação ao sexo, dois do sexo masculino e dois do feminino, pretendiam assumir cargos no setor de tecelagem, fiação e tear.

Os atestados de licença médica variaram de 3 dias a 2 meses. Foram licenciados funcionários do setor de tecelagem e tear, diagnosticados com doenças do aparelho digestivo, doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos, ambas com duas inscrições; quatro foram diagnósticos com causas mal definidas. Todos os funcionários licenciados eram do sexo feminino.

Quanto aos atestados de alta médica, 5 foram de funcionárias do setor de tecelagem, e um funcionário do setor da massaroca, sendo anotado no livro que os mesmos eram convalescentes.

Foram encaminhados para suas residências, 22 operários, sendo 12 mulheres e 10 homens. O setor com maior encaminhamento foi o de tecelagem (9 funcionárias), seguido do setor da fiação, e dos setores de tecelagem, batedor, tinturaria, remeteção, sala de pano, cardas e oficina, todos com um encaminhamento.

Os funcionários orientados pelo médico a seguirem para suas casas, tiveram em maior número, as doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos com 5 casos; seguidas das doenças do aparelho respiratório (apenas funcionárias), e de causas mal definidas, ambas com três anotações. As doenças do aparelho digestivo levaram duas funcionárias a ser encaminhadas para suas residências; e com apenas um caso cada, as doenças infecciosas e parasitárias e de gravidez e puerpério.

Foram encaminhadas para residência e depois para o hospital três funcionárias do setor de tecelagem com doenças do aparelho digestivo e doenças do aparelho respiratório. Um funcionário da seção de cardas, foi conduzido ao hospital para cirurgia, tendo sido diagnosticado pelo clínico como 'blenorragia' (sic).

Dentre os registros das doenças que acometiam as funcionárias da empresa, encontramos 30 casos de amenorréia, que poderiam ser, provavelmente, gravidez. Das licenças emitidas pelo médico da empresa, uma, de dois meses, foi para uma funcionária diagnosticada com anemia e gravidez, e que trabalhava no setor da tecelagem. Antes de lhe ser concedida a licença,

esta operária havia sido atendida pelo médico por duas vezes, devido a sua gravidez.

Através da análise do registro no livro podemos supor que os funcionários da Indústria Irmãos Peixoto, possuíam um acesso contínuo ao atendimento de saúde, uma vez que o médico da empresa estava permanentemente disponível, e realizava o tratamento das doenças dos operários e seus familiares, além de desempenhar o papel de ‘médico do trabalho’ no que diz respeito às licenças e à identificação dos acidentes de trabalho.

Para traçarmos o perfil da mortalidade no município de Cataguases nos anos de 1940 a 1944, utilizamos como base para o levantamento de óbitos os dados fornecidos pelo Livro⁵¹ de Óbitos nº 5 da Prefeitura de Cataguases.

O registro de óbito é o apontamento oficial do óbito, feito com base na declaração de óbito preenchida por um médico e que indica a causa da morte. O registro a que tivemos acesso foi realizado com base na declaração transcrita pelo servidor público para fornecimento de certidão de óbito, sendo transladada apenas a causa básica da morte.

“A definição da causa da morte é determinada direta ou indiretamente por fatores associados às características sócio-demográficas do falecido tais como sexo, idade, profissão, estado civil, instrução, lugar de residência, nível socioeconômico; e também por fatores associados às circunstâncias de ocorrência do óbito” (VASCONCELOS, 1996: 157).

⁵¹ Livro de óbitos Prefeitura de Cataguases nº 5, continha dados sobre nome, sexo, cor, naturalidade, idade, estado jurídico, filiação, causa morte e data do óbito.

A codificação da causa básica foi realizada aplicando as regras estabelecidas pela CID, 10ª revisão, sendo que alguns registros são inelegíveis dificultando nosso entendimento.

Como salienta VASCONCELOS (1996: 151),

no Brasil, a padronização dos instrumentos de coleta foi implantada somente a partir de 1976 com a introdução do documento “Declaração de óbito“. Neste documento, a declaração das causas que conduziram o indivíduo à morte é feita segundo o modelo proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para fins estatísticos, a seleção e a codificação da causa básica da morte é feita de acordo com as regras estabelecidas pelas revisões da Classificação Internacional de Doenças (CID).

Foram registrados em cinco anos 1439 óbitos ocorridos na cidade de Cataguases e seus distritos. Em Cataguases, o registro de óbitos masculino perfaz 59%, e o feminino 47,5%, sendo que somente dois fetos foram registrados, sem especificar o sexo.

A análise dos dados acerca da nacionalidade dos óbitos revela que foram registrados 1418 óbitos de brasileiros, perfazendo 98,5% de todos os registros, demonstrando que Cataguases não mais se faz industrialmente ou socialmente com base na mão-de-obra imigrante, pois os apontamentos de estrangeiros são de indivíduos com idade avançada.

A avaliação acerca das anotações de cor remete a um número maior de registros de indivíduos com a cor branca 710, perfazendo um total de 49,3%, seguida da cor parda com 373 registros (25,9%), e da negra com 348 (24,2%) e oito apontamentos não tiveram a cor declarada.

A variação anual do número de óbitos era muito pequena, com uma média de 287 óbitos por ano no período. De 1940 a 1943, o número oscila muito pouco, com um pequeno aumento em 1944. Portanto, nesse período de

5 anos não encontramos evidências de enfermidades que possam indicar situações epidêmicas.

Tabela nº 5:

Óbitos ocorridos entre os anos de 1940-1944 por idade e sexo

IDADE	FEM	%	MASC	%	TOTAL	%
-1	135	21	204	25,6	339	23,6
1-4	92	14,3	114	14,3	206	14,3
5-9	21	3,3	36	4,5	57	4
10-14	16	2,5	13	1,6	29	2
15-19	19	2,9	13	1,6	32	2,2
20-29	60	9,3	46	5,8	106	7,4
30-39	37	5,8	36	4,6	73	5,1
40-49	52	8,1	53	6,7	105	7,2
50-59	49	7,6	82	10,3	131	9,1
60-69	55	8,6	97	12,2	152	10,6
+ 70	104	16,2	97	12,2	201	14
Ignorada	3	0,4	5	0,6	8	0,5
TOTAL	643	100	796	100	1439	100

Fonte: Livro de óbitos Prefeitura de Cataguases nº 5

Ao exame da tabela percebe-se o elevado número de óbitos de menores de 1 ano com 339 (23,6%) casos, sendo que o masculino, com 204, prevalece sobre o feminino com 135 casos (21%). Após o primeiro ano de vida, há uma diminuição de óbitos femininos, com 92 (14,3%) registros, permanecendo maior o número de óbitos masculinos, com 114 (14,3%) apontamentos, perfazendo um total de 206 óbitos.

Na faixa etária seguinte dos 5 aos 9 anos observa-se uma redução dos óbitos para ambos os sexos, prevalecendo o número de óbitos masculinos com 36 (4,5%) registros, para um total de 57 óbitos para esta faixa.

Observa-se uma diminuição dos óbitos a partir dos 10 anos, com um aumento na proporção de jovens na faixa etária dos 20 aos 29 anos, sendo maior o número de óbitos femininos (60), diminuindo na faixa etária seguinte em indivíduos entre 30 a 39 anos, para ambos os sexos.

Na faixa etária dos 30 aos 49 anos o número de óbitos para ambos os sexos tem um percentual semelhante. Estes números variavam apenas em 1 caso a mais para as mulheres entre 30 a 39, anos, com 37 casos, e 36 registros de óbitos masculinos, permanecendo essa pequena diferença na faixa etária seguinte com 53 e 52 apontamentos homens e mulheres respectivamente na faixa dos 40 a 59 anos.

A mortalidade masculina sobressai nos óbitos infantis com 204 registros, 25%, em crianças menores de 10 anos com 150 apontamentos. Tornando a ser mais elevada na idade de 50 a 69 anos, com 179 (22,5%).

A sobremortalidade masculina é percebida a partir da faixa etária dos 50 anos, com 47,7% das mortes até a idade de 69 anos. O contrário acontece após os 70 anos, onde se concentra a mortalidade feminina, com 51,8% do óbitos, com 104 casos.

O maior número de óbitos ocorre em menores de 1 ano e em crianças abaixo de 10 anos, 545 (39,9%) registros, seguida da faixa etária acima dos 50 anos cujo número de mortes é de 484 (34,7%) registros.

No intervalo de idades de 20 aos 39 anos percebe-se uma mortalidade maior entre indivíduos do sexo feminino, havendo uma elevação destas mortes

a partir dos 20 anos aos 29 anos com 60 (9,3%) casos, a mortalidade feminina é mais elevada que a masculina, com pequeno aumento a partir dos 10 anos.

A mortalidade masculina permanece alta nas duas primeiras faixas etárias (-1, 1 aos 4), com 40% dos registros, caindo na seguinte (5 aos 9), mantendo uma baixa entre 10 aos 14, e 15 aos 19 anos, com 3,2% dos registros, volta a se elevar na faixa etária seguinte com 46 apontamentos, voltando a cair na faixa etária de 30 aos 39 anos, quando se eleva novamente a partir da idade de 40 aos 49 anos, mantendo esta ascensão até os óbitos ocorridos em indivíduos maiores de setenta anos.

A mortalidade feminina como a masculina se mantém alta nas três primeiras faixas etárias, com 248 (38,6%) registros, caindo na seguinte com 16, voltando a subir um pouco na idade 15 aos 19 anos, com uma nova e acentuada elevação dos 20 aos 29 anos, com 60 óbitos, 9,3%, para diminuir novamente entre os 30 aos 39 anos. Mantem a partir desta faixa uma oscilação com pequenas variações, elevando o número de óbitos a partir dos setenta anos com 104 anotações (16,2%), e um número maior em relação ao sexo masculino, cujo número mais elevado de óbitos somente não predominou entre as faixas etárias de 10 aos 14, de 15 aos 19, de 20 aos 29 e de 30 aos 39 anos.

Em relação à mortalidade de ambos os sexos, a faixa etária com maior registro de óbitos é a de menores de um ano, com 23,5% dos casos com 339 registros, seguida da faixa de 1 aos 4 anos, com 206 registros com 14,3%, caindo nas três faixas seguintes (5 aos 9, 10 aos 14, 15 aos 19) com 88 anotações (8,2%), voltando a subir entre 20 aos 29 anos com 106, para novamente diminuir na idade de 30 aos 39 anos, para se elevar a partir dos 40

aos 49 anos, mantendo esta elevação até a faixa etária acima dos setenta anos. A soma das quatro ultimas faixas etárias faz um total de 589 óbitos, perfazendo 41% dos registros.

Em Cataguases ocorre um número elevado de óbitos registrados de crianças de 0 aos 9 anos de idade, do sexo masculino. Este número diminui a partir dos 10 anos até a idade de 19 anos, mantendo uma média de mortes semelhante para as diferentes idades. A partir dos 40 anos o número de registros aumenta mantendo um número elevado de óbitos do sexo masculino, mas apesar destes números serem elevados, não ultrapassa o total de mortes de crianças de 0 aos 9 anos.

Nos apontamentos de acordo com a condição civil, sobressai o de casados com 253 óbitos, seguido de 247 apontamentos de indivíduos viúvos e por fim o de solteiros, com 178. É elevado o número de indivíduos que não tiveram sua condição civil registrada cerca de 550, mas, este número abarca o registro de crianças e adolescentes, além daqueles cuja condição civil era ignorada.

Nos registros foram identificados 6 óbitos de filhos de operários da Indústria Irmãos Peixoto, sendo 3 masculinos e 3 femininos, que estavam sendo tratados de pneumonia lobar, distúrbio alimentar, disenteria bacilar, dispepsia, gastroenterite, e osteomielite pelo médico da empresa, segundo o registro do livro da Caixa Beneficente. São crianças cujas idades variavam entre 4 meses e 9 anos, e todos foram registrados como de cor branca.

O operário D. N., perde duas filhas de 7 meses e 4 anos, neste período. De acordo com o livro da fábrica, a filha Kremilda com 4 anos é tratada de gripe, estomatite, e suspeita de sarampo, e morre em abril de 1943

com diagnóstico de gastroenterite; sua outra filha morre com dispepsia (sic), e seu nome não aparece no registro do livro da empresa. A operária H. O, levava seu filho para ser tratado de linfatismo e amigdalite crônica, tendo sido consultado duas vezes na empresa. Ele morre em 1943, e em seu registro de óbito está anotado o diagnóstico de osteomielite. O. C. Neto, perde sua filha Nancy de 5 meses em 1941 com o diagnóstico de coqueluche. Esta foi atendida pelo médico da empresa com diagnósticos de coqueluche, estomatite e otite; coqueluche e gripe; e dois atendimentos com diagnóstico de pneumonia.

Encontramos apenas um registro de óbito de uma operária, L. O, ocorrida em 1943, com 34 anos, cuja causa de morte declarada foi eclâmpsia e choque operatório; era tecelã na empresa.

Os óbitos foram classificados segundo os capítulos da CID-10, tentando-se fazer corresponder a causa básica relatada no registro à classificação atual. Foi analisada a mortalidade proporcional por sexo e faixa etária. Utilizando os dados dos óbitos referentes a Cataguases nos anos de 1940 a 1944 foi construída a taxa de mortalidade geral e taxas específicas para as 5 principais causas de morte.

Em relação ao total de óbitos, com base na classificação por capítulos da CID, predominam, no período, os óbitos por causas mal definidas (Capítulo XVIII) com 338 registros, perfazendo 23,5% das mortes ocorridas no período, seguidos por doenças infecciosas e parasitárias (Capítulo I), com 333 apontamentos (23,1%), pelas doenças do aparelho circulatório (223, 15,5%) (Capítulo IX), do aparelho respiratório (Capítulo X) com 174 registros e doenças do aparelho digestivo (Capítulo XI), com 104.

Tabela 6

Número de óbitos de acordo com o sexo, segundo a Classificação

	MASC	%	FEM	%	TOTAL	%
DIP	182	22,9	151	23,5	333	23,1
NEO	28	3,5	26	4	54	3,8
DSH	9	1,1	10	1,6	19	1,3
DEN	7	0,9	18	2,8	25	1,7
TMC	9	1,1	16	2,5	25	1,7
DSN	7	0,9	6	0,9	13	0,9
DOA	1	0,1	---	---	1	0,1
DOM	1	0,1	---	---	1	0,1
DAC	133	16,7	90	14	223	15,5
DAR	91	11,5	83	12,9	174	12,1
DAD	62	7,8	42	6,5	104	7,2
DPT	---	---	---	---	---	---
DSO	3	0,4	---	---	3	0,2
DAG	19	2,4	21	3,3	40	2,8
GPP	---	---	18	2,8	18	1,3
APP	12	1,5	6	0,9	18	1,3
MCD	1	0,1	2	0,3	3	0,2
SEC	200	25,1	138	21,5	338	23,5
LEC	6	0,8	10	1,6	16	1,1
CEM	25	3,1	6	0,9	31	2,1
ESS	---	---	---	---	---	---
TOTAL	796	100	643	100	1439	100

Internacional de Doenças – CID-10. Cataguases - 1940 a 1944

Fonte: Livro de óbitos da Prefeitura de Cataguases, nº 5.

As neoplasias (Capítulo II) ocupam o sexto lugar das causas de morte, 54 casos (3,8% dos óbitos); seguidas das doenças do aparelho geniturinário (Capítulo XIII), com 2,8%; das causas externas de mortalidade (Capítulo XX), (2,1%); das doenças endócrinas (Capítulo IV); e dos transtornos mentais e comportamentais (Capítulo V) ambas com 1,7% dos registros.

Em relação ao sexo, predominam no masculino (Anexo 13), com 25,1%, os óbitos por causas mal definidas, com 200 registros, doenças infecciosas e parasitárias, 22,9%, e doenças do aparelho circulatório, com 133 (16,7%), seguidas de doenças do aparelho respiratório com 11,5%, com 91 apontamentos.

No sexo feminino (Anexo 12), as principais causas de morte são as doenças infecciosas e parasitárias, com 151 anotações, perfazendo 23,5% dos óbitos, seguidas das causas mal definidas, 21,5% dos casos; doenças do aparelho circulatório com 14% (90), e em quarto as doenças do aparelho respiratório com 12,9 % dos apontamentos com 83 registros.

As doenças infecciosas e parasitárias, do aparelho circulatório e do aparelho respiratório, apresentam uma percentagem maior de óbitos no sexo masculino, enquanto que as doenças do sangue, endócrinas e os transtornos mentais apresentam um maior número no sexo feminino. As neoplasias

apresentam uma pequena oscilação entre os sexos, com 28 registros, para o masculino e 26 para o feminino, com 3,8% dos apontamentos.

Os óbitos devidos às causas externas apresentam um número mais elevado de casos no sexo masculino com 25 apontamentos, sendo 5 casos na faixa etária dos 20 aos 29 anos, aumentando na faixa etária seguinte (30 aos 39 anos), e diminuindo entre 40 aos 49 anos, tendo uma pequena elevação na faixa seguinte e um novo decréscimo na faixa etária dos 60 aos 69 anos, não havendo nenhum registro para as idades acima de setenta anos, enquanto que no sexo feminino são apenas 6 registros, 3 deles na faixa etária dos 20 aos 29 anos.

A principal causa de óbitos em menores de 1 ano, para o sexo feminino são as mal definidas, com 51 registros, seguidas das doenças infecciosas e parasitárias com 37 apontamentos e das doenças do aparelho respiratório com 19 anotações.

Na faixa de 1 aos 4 anos, apresentam-se em destaque as doenças infecciosas e parasitárias, com 34 registros, seguidas das doenças do aparelho respiratório, e das causas mal definidas, 26 e 15 anotações respectivamente.

A faixa seguinte (5 aos 9 anos), apresenta um número reduzido de óbitos, sendo predominantes as doenças do aparelho respiratório e as causas mal definidas, ambas com 7 casos. Na faixa etária de 10 aos 14 anos, prevalecem as doenças respiratórias (6), seguidas das doenças infecto-parasitárias e das causas mal definidas com 4 registros cada.

Nas faixas de 15 aos 19 e 20 aos 29 anos, destacam-se as doenças infecciosas e parasitárias com 8 registros para a primeira faixa e 20 para a

segunda e as causas mal definidas. Dos 30 aos 39 anos, para o sexo feminino predominam como causas básicas de morte as enfermidades relacionadas à gravidez, parto e puerpério, com 9 casos, seguidas das doenças infecto-parasitárias. Dos 40 aos 49 anos predominam as doenças infecciosas e parasitárias, com 13 anotações, seguidas das doenças do aparelho circulatório com 8 registros. Na próxima faixa (50 aos 59 anos) apresentam destaque as doenças do aparelho circulatório com 12 apontamentos; logo depois, as doenças infecciosas e parasitárias com 10 casos; e as causas mal definidas, com 8 registros. Esta tendência se mantém na faixa seguinte (60 a 69 anos), na qual as doenças do aparelho circulatório apresentam 21 registros, seguidas das doenças infecto-parasitárias com 10, e das causas mal definidas com 5 registros.

A partir dos 70 anos, apresentam destaque as doenças do aparelho circulatório com 41 anotações, seguidas das causas mal definidas com 19 registros e dos transtornos mentais e comportamentais com 16 casos.

As neoplasias apresentam um número de 26 casos para o sexo feminino, a partir da faixa etária dos 20 anos, atingindo um percentual mais elevado de óbitos com 7 registros na faixa etária dos 40 aos 49 anos, com números bastante próximos nas outras faixas, até a idade dos 70 anos.

As causas mal definidas de óbito prevalecem no sexo masculino em menores de 1 ano, com 93 apontamentos, seguidas das doenças infecciosas e parasitárias com 49, e das doenças do aparelho respiratório com 36 casos. As afecções originadas no período peri-natal (Capítulo XVI) aparecem em quarto lugar com 12 casos.

Na faixa etária de 1 aos 4 anos, predominam as doenças infecto-parasitárias com 41 anotações, seguidas das causas mal definidas com 28 e das doenças do aparelho digestivo, com 16. Em quarto lugar aparecem as doenças do aparelho respiratório com 15 apontamentos. Na faixa seguinte (5 aos 9 anos) prevalecem as doenças infecciosas e parasitárias com 11, seguidas das causas mal definidas com 6 e das doenças do aparelho respiratório com 5 apontamentos. Na faixa etária dos 10 aos 14 anos predominam as doenças infecto-contagiosas com 5 anotações, seguidas das doenças do aparelho circulatório e das causas mal definidas, com dois registros cada.

Nas faixas seguintes (15 aos 19 e de 20 aos 29 anos) ocorre uma queda no número de óbitos, sendo que, na primeira faixa prevalecem as causas mal definidas, e na seguinte as doenças infecciosas e parasitárias. Dos 30 a 39 anos predominam as doenças infecto-contagiosas com 12 registros, seguidas das causas mal definidas e das causas externas de mortalidade, ambas com 6 anotações. Na faixa seguinte (40 aos 49 anos) para o sexo masculino preponderam as doenças infecciosas e parasitárias com 13 anotações, acompanhadas das doenças do aparelho circulatório com 10 e das causas mal definidas com 8.

Dos 50 aos 59, e 60 aos 69 anos, predominam as doenças do aparelho circulatório com 25 e 40 registros respectivamente, seguidas das doenças infecciosas para a faixa dos 50 anos e das causas mal definidas na faixa etária dos 60 anos. A partir dos 70 anos prevalecem as doenças do aparelho circulatório com 48 registros, seguidas das causas mal definidas e dos transtornos mentais e comportamentais.

As neoplasias apresentam um maior número de casos na faixa etária masculina dos 50 aos 59 anos, diminuindo na seguinte, permanecendo com 6 óbitos, até a faixa etária dos setenta anos. Foi registrado apenas um caso de neoplasia na faixa etária dos 5 aos 9 anos. A presença das neoplasias no sexo feminino ocorre a partir da faixa etária dos 20 aos 29 anos, enquanto que na masculina temos uma elevação destes óbitos somente a partir dos 40 anos.

Em ambos os sexos nos óbitos com idade não definida as causas de morte foram mal definidas, com 3 registros para o sexo feminino e 5 para o masculino.

Por faixa etária e para ambos os sexos, predominam em menores de 1 ano as causas mal definidas, com 144 registros, seguidas das doenças infecciosas com 86; das doenças do aparelho respiratório com 55 apontamentos; e das afecções do período peri-natal (Capítulo XVI) com 18 registros. Na faixa etária seguinte (1 aos 4 anos), destacam-se as doenças infecciosas, seguidas das causas mal definidas (43), das doenças do aparelho respiratório (41) e das doenças do aparelho digestivo, com 25.

Nas duas faixas seguintes (5 aos 9, 10 aos 14 anos) predominam as doenças infecciosas e parasitárias com 15 e 9 registros respectivamente; no segundo lugar as doenças do aparelho respiratório e em terceiro as causas mal definidas.

Dos 15 aos 19, dos 20 aos 29, e dos 30 aos 39 anos prevalecem as doenças infecciosas e parasitárias, seguidas das causas mal definidas, sendo que na faixa etária dos 30 aos 39 anos as doenças do aparelho respiratório aparecem em terceiro lugar. Permanecem como mais freqüentes na faixa etária seguinte (40 aos 49 anos) as doenças infecciosas e parasitárias com 26

apontamentos. Percebe-se a partir desta faixa que as doenças do aparelho circulatório, aumentam como causas de óbitos, sendo 18 o registro para esta faixa etária, como também para as causas mal definidas.

Nas duas faixas seguintes (50 aos 59, e 60 aos 69 anos) as doenças infecciosas e parasitárias ocupam o segundo lugar como causa de morte, com 21 e 20 registros respectivamente, sendo que nestas faixas prevalecem as doenças do aparelho circulatório como principal causa dos óbitos, com 37 e 61 apontamentos respectivamente.

Em indivíduos com mais de setenta anos, as doenças do aparelho circulatório, prevalecem com 89 registros, seguidas das doenças do aparelho respiratório com 18 casos, e das causas mal definidas, com 30 registros.

A significativa presença das doenças do aparelho respiratório, ainda que o diagnóstico explícito de tuberculose pulmonar seja pouco freqüente no obituário e nos registros da indústria, nos levam a discutir este diagnóstico e as possíveis razões da sua ausência nos documentos.

A tuberculose, no período estudado, era ainda uma das principais causas de óbito no país, atingindo de forma importante os adultos jovens. Este é o período imediatamente anterior à introdução ampla dos antibióticos e quimioterápicos (estreptomicina, isoniazida e PAS), desenvolvidos nas décadas de 1940 e 1950, que revolucionaram o combate à doença.

Como salienta ANTUNES (2000: 68),

a introdução da estreptomicina e do esquema tríplice de associação de medicamentos (estreptomicina, hidrazida e ácido paraminossalicílico) no tratamento da enfermidade; a vacina BCG; o empenho dos dispensários em obter, através da educação sanitária, a adesão dos pacientes aos tratamentos prolongados; a abreugrafia no rastreamento em

massa dos indivíduos que já disseminavam a doença mesmo antes de serem identificados como doentes,

foram meios largamente empregados no controle da enfermidade. PENTEADO (1999) salienta que a tuberculose de localização pulmonar é a forma mais freqüente no homem, correspondendo cerca de 80% dos casos nos adultos. De acordo com o Jornal Cataguases os postos de higiene diagnosticavam a enfermidade, isolavam o paciente, tratavam-no, explicando aos familiares como proceder. Não sendo permitida sua internação nos hospitais, relatam a falta de atenção para com os indigentes⁵². A Gazeta de Leopoldina noticiava que a doença estava aumentando na cidade e em municípios vizinhos, atingindo de preferência a classe operária. Foi realizada na região uma campanha de vacinação com o BCG⁵³, em crianças recém-nascidas, nos dez primeiros dias de vida, e em pessoas que não portavam o bacilo⁵⁴. O tratamento a ser realizado segundo o tablóide seria higiênico-dietético, com repouso, movimentos controlados, ar, luz, clima e alimentação e, um medicamentoso, *sui generis*⁵⁵. Sendo que “a alimentação deficiente, a sub-alimentação, e a moradia em quartos sem ar e luz, sujos e mal ventilados, a higiene concorrem enormemente para o aumento da tuberculose”. As classes menos favorecidas, a classe operária, especialmente, são as que mais sofrem as conseqüências da sub-alimentação. De acordo com o periódico as dificuldades da guerra dificultaram a alimentação “os pobres são ‘celeiros dos

⁵² Jornal Cataguases, órgão oficial do município. 30/07/1933, p. 1.

⁵³ Em 1927 começa a ser produzida a vacina BCG (bacilo de Calmette e Guérin) pelo Instituto Vital Brasil, no Rio de Janeiro.

⁵⁴ Gazeta de Leopoldina. 19/10/1941, nº 52, p. 1.

⁵⁵ Gazeta de Leopoldina. 26/10/1941, nº 54, p. 1.

bacilos', os que fazem regimes, os que não são bem alimentados na infância, os exercícios físicos realizados de modo inadequado"⁵⁶.

Conforme afirma ANTUNES (2000: 376), "a partir do final dos anos 40, a tuberculose passou a apresentar um panorama distinto. A mortalidade experimentou persistente e acentuado declínio, fator que se pode atribuir à introdução de novas armas tecnológicas e ações de controle". A introdução da estreptomicina (o primeiro antibiótico de grande impacto sobre a tuberculose) na prática clínica havia se iniciado em 1947.

Durante o período de cinco anos em que analisamos os óbitos da população cataguasense, encontramos 92 registros de tuberculose, sendo que 46 se referem a homens e 46 a mulheres. Este número perfaz cerca de 6% no total de óbitos analisados para os anos de 1940 a 1944 na cidade de Cataguases.

Tabela 7

Óbitos por tuberculose entre os anos de 1940-1944 de acordo com o sexo e a idade

IDADE	FEM	%	MASC	%	TOTAL	%
-1	----	----	2	4,34	2	2,1
1-4	1	2,17	2	4,34	3	3,3
5-9	1	2,17	1	2,17	2	2,1
10-14	3	6,51	2	4,34	5	5,5
15-19	4	8,7	1	2,17	5	5,5
20-29	16	34,78	13	28,3	29	31,5

⁵⁶ Gazeta de Leopoldina. 30/11/1941, nº 63, p. 1.

30-39	6	13	10	21,7	16	17,4
40-49	7	15,31	6	13	13	14,1
50-59	3	6,51	7	15,3	10	10,9
60-69	3	6,51	1	2,17	4	4,3
+ 70	2	4,34	1	2,17	3	3,3
TOTAL	46	100	46	100	92	100

Fonte: Livro de óbitos Prefeitura de Cataguases nº 5

Foram registrados 92 casos de tuberculose em indivíduos de 0 aos 71 anos, mostrando que a enfermidade afetava a toda a população, ainda que o maior número de casos fosse registrado nos adultos jovens. Na tabela 7 podemos ver que o número de óbitos infantis com tuberculose, é pequeno, com apenas 2 casos, como também em crianças menores de 14 anos, com apenas 10 casos. A tuberculose apresentou uma maior freqüência em jovens entre 20 aos 29 anos, com 31,5% dos apontamentos, perfazendo um número de 29 (31,5%) registros, sendo mais freqüente em mulheres jovens, com 16 (34,78%) casos.

Com relação à faixa etária de 15 aos 49 anos, não há uma diferença significativa entres os sexos uma vez que encontramos 33 registros de óbitos femininos, e 30 masculinos. A média de idade, obtida a partir da idade anotada no registro de óbitos por tuberculose para homens, era de 32 anos e de 33 para as mulheres.

A enfermidade apresentou uma média de 18,4 casos por ano, não havendo períodos de maior elevação no número de óbitos, diagnosticados como tuberculose durante os 5 anos estudados.

Como destaca ANTUNES (2000: 376),

a estrutura etária desses óbitos acompanhou os padrões observados nos países de alta prevalência, com coeficientes mais elevados para os menores de 5 anos de idade, entre 20 e 49 anos e 60 anos ou mais, com predomínio do grupo de 20 aos 49 anos.

Podemos concluir que, em Cataguases, o número de registros para menores de 5 anos é pequeno, aumentando entre as faixas etárias de 15 aos 49 anos, diminuindo nas seguintes e se elevando a partir dos 70 anos de idade, com predomínio do grupo de indivíduos entre 20 aos 49 anos.

A tuberculose atingiu a um número maior de indivíduos da cor negra, 38, cerca de 41,30% dos casos encontrados, seguida de indivíduos da cor branca com 36 casos e por último da cor parda com apenas 18 registros.

Em relação à condição civil é maior o número de solteiros com 31 casos, seguido dos casados, 27, e por fim os indivíduos que não tiveram registro da condição civil, 9 casos.

Tabela 8
Óbitos por tuberculose entre os anos de 1940-1944 de acordo com o sexo e forma de apresentação

TUBERCULOSE	FEM	%	MASC	%	TOTAL	%
Sem especificação	5	10,87	2	4,34	7	7,6
Intestinal	5	10,87	----	----	5	5,4
Laringe	1	2,17	----	----	1	1,1
Pulmonar	34	73,92	43	93,48	77	83,7
Óssea	----	----	1	2,18	1	1,1

Renal	1	2,17	----	----	1	1,1
Total	46	100	46	100	92	100

Fonte: Livro de óbitos Prefeitura de Cataguases nº 5

Os registros apresentam maior número da forma pulmonar com 77 casos, perfazendo 83% do total, afetando tanto os homens como as mulheres, estas com 34 casos, e do sexo masculino 43 casos; seguida dos óbitos sem especificação; 7 casos de tuberculose intestinal, sendo 5 casos em mulheres; e tuberculose óssea, da laringe e renal, com apenas 1 caso cada.

Nos registros da empresa somente um operário que trabalhava na seção da oficina foi diagnosticado com tuberculose pulmonar. Foi tratado com claritam (sic), feita radiografia (que não foi encontrada no registro da fábrica), e encaminhado para sua residência. Antes do diagnóstico de tuberculose estava sendo tratado com gripe e bronquite. Fora admitido em 1940 com apenas 14 anos, e aos 15 anos se encontrava em tratamento de tuberculose; sua rescisão de contrato é em 1944, e não há registro do porque de sua saída. Este operário não retorna à empresa, nem encontramos seu nome nos registros de óbitos de 1944. Ocorreu apenas um registro de exame de escarro na empresa, para um funcionário do setor da sala de pano, com resultado negativo.

A ausência de registro de tuberculose pelo médico da fábrica pode ser explicada pela necessidade do operário se ausentar da empresa e conseqüentemente ter seus rendimentos cortados, ou mesmo correr o risco de não ser readmitido na mesma. A tuberculose também se constitui em importante fator de discriminação social, o que pode ser outra explicação para a ausência do diagnóstico nos assentamentos da fábrica, apesar do grande

número de diagnósticos de patologias respiratórias. A tuberculose é, evidentemente, um possível fator de confusão na discussão dos fatores determinantes destas patologias e que obriga a relativizar sua atribuição às situações de trabalho.

Considerações finais

O trabalho desenvolvido nesta dissertação de Mestrado buscou discutir as condições de saúde dos operários têxteis em Cataguases, no ano de 1941, a partir da análise do Livro da Caixa Beneficente dos operários da

Indústria Irmãos Peixoto S.A. O início do século XX aparece como um período rico e ainda coberto de lacunas para ser trabalhado pela historiografia brasileira, principalmente no que se refere à saúde e às relações de trabalho fora dos grandes centros urbanos.

Os dois conflitos mundiais propiciaram ao país um desenvolvimento industrial devido à necessidade de substituir importações, que tem início durante a Primeira Guerra Mundial e é fortalecido durante o segundo conflito.

O governo Vargas a partir de 1930 inicia uma política de incentivo à indústria nacional, ao mesmo tempo em que, procura beneficiar a produção cafeeira através de incentivos econômicos. Concomitante a esta política de desenvolvimento industrial, Vargas procura controlar os trabalhadores através da instituição das Leis Trabalhistas, meio de beneficiá-los e controlá-los.

Cataguases, neste período, mostra um dinamismo urbano, que proporcionava uma “tempestade” de novidades importadas, graças à facilidade de transporte de mercadorias vivenciada desde a implantação da ferrovia no final do século XIX, e a cidade passa a ser um centro comercial privilegiado. Cataguases cria uma base econômica, principalmente como entreposto de embarque e desembarque de café. A instalação da estrada de ferro viabilizou os contatos comerciais com o restante da região mineira e do país e, no início do século XX, Cataguases inicia seu desenvolvimento industrial, a partir de incentivos da Câmara Municipal, e de investimentos dos pioneiros industriais da elite local, regional, ou imigrantes que enriqueceram com o comércio e passaram a investir seus capitais no setor manufatureiro.

A fábrica que estudamos é fundada em 1906, contribuindo para impulsionar o desenvolvimento econômico da cidade. É beneficiada em 1908,

com a instalação da Companhia Força e Luz, geradora de energia elétrica para a urbe e região. A Indústria surge como uma fábrica constituída com capital da própria cidade, e que se espelhava em experiências semelhantes de fábricas têxteis que conseguiram vigorar em Minas Gerais no mesmo período. No caso da Indústria Irmãos Peixoto, o local de sua construção, era um local estratégico, uma vez que ficava no centro da cidade, facilitando o acesso e o escoamento da produção.

O ambiente da empresa, no entanto, não fora planejado para dar aos operários as condições de trabalho que seriam hoje consideradas adequadas do ponto de vista da saúde, e sim para gerar produtos de qualidade para a comercialização; ou seja, o espaço físico da empresa contribuía para agravar suas condições de saúde ou dar origem a agravos relacionados ao trabalho. Pelas observações que pudemos fazer, vimos que tanto o espaço físico quanto as máquinas utilizadas na produção, podem indicar riscos à saúde dos trabalhadores e explicar alguns dos nossos achados a partir das anotações do médico da empresa. Principalmente a umidade necessária para a produção dos fios e dos tecidos, pode estar relacionada com o número de doenças relacionadas ao aparelho respiratório.

Os acidentes registrados no Livro sugerem que as máquinas e o processo de produção não favoreciam uma condição segura de trabalho, e que não havia a obrigatoriedade do uso de equipamentos de proteção.

A mão-de-obra da empresa era jovem, e, em sua maioria, constituída por mulheres, naturais de Cataguases e da região circunvizinha. A rotatividade era alta, sendo que a permanência maior era dos homens, e os jovens entravam na fábrica e na mesma realizavam o aprendizado. De qualquer

forma, o que se observa é que o trabalho na fábrica foi, para a maioria dos trabalhadores, temporário. A rotatividade da mão-de-obra surpreende. Os operários ficavam pouco tempo desempenhando suas atividades na fábrica e logo pediam demissão.

O estudo da mortalidade realizada para a cidade num período de cinco anos, mostrou as causas mal definidas como a principal causa de óbito, indicando óbitos sem assistência médica ou com registro precário. Em seguida vêm as doenças infecciosas e parasitárias, na década de 1940, a principal causa de morte no país. O sexo masculino acompanha o padrão geral, porém para o sexo feminino as doenças infecciosas e parasitárias predominam, seguindo-se as causas mal definidas.

A tuberculose, doença infecciosa e parasitária, que afetava a toda a população, atingiu apenas um operário da empresa, de acordo com os registros, porém não é possível excluir a sua presença 'disfarçada' nos muitos sinais e sintomas respiratórios presentes.

As doenças do aparelho respiratório predominam no sexo masculino, como principal causa de enfermidades e de consultas na empresa, seguidas das doenças do aparelho digestivo e das doenças mal definidas. Para o sexo feminino prevalecem as doenças respiratórias, seguidas das mal definidas e do aparelho digestivo.

A presença de doenças do aparelho respiratório, além da presença silenciosa da tuberculose, pode indicar patologias ligadas ao processo de trabalho destes operários, uma vez que a produção de fios e tecidos gera uma quantidade de fibras que ficam em suspensão no ar, e a umidade necessária à produção dos fios e dos tecidos cooperam para o agravamento desta situação

de risco. O serviço médico na empresa propiciava ao funcionário e seus familiares um acompanhamento e tratamento das enfermidades.

Procuramos neste trabalho mostrar um pouco das condições de saúde de uma população operária, na primeira metade do século XX, período no qual estavam sendo implementadas as leis trabalhistas, inclusive aquelas relativas ao controle da saúde dos operários, e discutir como as condições de trabalho destes operários afetavam a sua saúde, uma vez que nossos dados sugerem que as mesmas contribuíam para o agravamento dos casos de doenças que podem ser relacionadas ao processo produtivo na empresa.

[Arquivos e Instituições Pesquisadas](#)

Arquivo Público Municipal (Cataguases).

Acervo do Museu da Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina (Cataguases).

Biblioteca do Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva – NESC (UFRJ).

Biblioteca Pública Municipal (Cataguases).

Centro de Documentação Histórica do Instituto Francisca de Souza Peixoto –
CDH (Cataguases).

Departamento Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico de Cataguases.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Cataguases).

Instituto Francisca de Souza Peixoto (Cataguases).

Fontes

1 – IMPRENSA:

Gazeta de Leopoldina, Leopoldina. Coleção: de 1895 a 1899; 1901 a 1907;
1917; 1929 a 1933; 1941 a 1942 (Acervo do Museu da Companhia Força e Luz
Cataguases-Leopoldina - Cataguases).

Jornal Cataguases, Cataguases. Coleção: 1907; de 1914 a 1918; 1931 a 1934; 1939 a 1942 (Acervo do Museu da Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina - Cataguases).

2 – ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL.

Livros de Óbitos da Prefeitura municipal de Cataguases, nº 5 e 6 (Arquivo Público Municipal).

3- DOCUMENTOS DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DO INSTITUTO FRANCISCA DE SOUZA PEIXOTO – CDH.

Livro da Caixa beneficente da Indústria Irmãos Peixoto, nº 3, ano de 1941.

Registro de admissão dos Funcionários da Indústria Irmãos Peixoto e Companhia Industrial de Cataguases.

Referências Bibliográficas

ABREU, M. P. O Brasil e a economia mundial (1929-1945). In: PIERUCCI, A. F. O. (et. al.). **O Brasil republicano**, v.4: economia e cultura (1930-1964). 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, cap. I, p.29, 2004.

ALMEIDA, O.V.O. **A disputa de grupos familiares pelo poder local na cidade de Cataguases. Práticas eleitorais, representação e memória.** Dissertação (Mestrado em História), UFMG, Belo Horizonte, 2004.

ALVIM, M. R. B. **Família e proletarização industrial: A constituição de um 'mercado de trabalho' específico a uma grande fábrica têxtil.** Associação Brasileira de Estudos Populacionais, vol.I, 1984.

ANASTASIA, C. M. J. **Corporativismo, legislação sindical e prática organizacional do trabalho em Minas Gerais (1931/1939): Apontamentos para um debate.** Revista do Departamento de História da UFMG, Belo Horizonte, v.1(2); p. 65-77, jun., 1986.

ANTUNES, J. L. F.; WALDMAN, E. A.; MORAES, M. **A tuberculose através do século: ícones canônicos e signos do combate à enfermidade.** Ciência & Saúde Coletiva, 5 (2) : 367-379, 2000.

ASSUNÇÃO, A. Á. **Uma contribuição ao debate sobre as relações saúde e trabalho.** Ciências e Saúde Coletiva. 6(1):1005-1016, 2003.

BECKOUCHE, P. **Indústria um só mundo.** São Paulo, ed. Atual. 5^a edição, 1998.

BENTO, P. E. G. **Impacto das inovações tecnológicas do maquinário têxtil sobre as condições de trabalho.** Dissertação (Mestrado em ciências). COOPE/UFRJ, M.s.c., Engenharia de Produção, Rio de Janeiro, 1987.

BERCITO, S. D. R. **Nos tempos de Getúlio: da revolução de 30 ao fim do Estado Novo.** São Paulo: Atual, 1990.

BLASENHEIM, P.L. **As ferrovias de Minas Gerais no século XIX.** Locus: revista de História. Juiz de Fora: EDUFJF. v. 2 (2); p. 81/110, 1996.

BRAGA, J.C. S.; PAULA, S. **Industrialização e políticas de saúde**. In: Saúde e previdência, Estudos da Política Social. S. P. Editora Hucitec, 1986.

BRASIL. Constituição (1937). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1937.

BREIHL, J. **Derrota del conocimiento por la información: una reflexión necesaria para pensar en el desarrollo humano y la calidad de vida desde una perspectiva emancipadora**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1):99-114, 2000.
_____ **De la vigilancia convencional al monitoreo participativo**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(4):937-951, 2003.

BRITO. J. C. **Enfoque de gênero e relação saúde/ trabalho no contexto de reestruturação produtiva e precarização do trabalho**. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 16(1):195-204, jan-mar, 2000.

CANO, W. **Transformações da economia e repercussões no mercado de trabalho**. Associação Brasileira de Estudos Populacionais, vol. II, p.877-878, 1986.
_____ **Questão regional e urbanização no desenvolvimento econômico brasileiro pós 1930**. VI Associação Brasileira de Estudos Populacionais, v. II, p.67-99, 1988.

CAPELATO, M. H. R. Estado Novo: Novas Histórias. In Freitas, Marcos Cezar (org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, p. 183/213, 1998.

CARDOSO, M. H. C. **Representações sociais e história: Referenciais teórico-metodológicos para o campo da saúde coletiva**. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 16(2):499-506,abr-jun, 2000.

CARRARO. A.; FONSECA, P. C. D. **O Desenvolvimento Econômico no primeiro governo de Vargas (1930-1945)**. V Congresso Brasileiro de História Econômica, p. 1-15. SET. 2003.

COSTA, L.S. Pioneiros da indústria Cataguasense. In: **Cataguases centenária**, (Cataguases), 1977.

DUTRA, E.R.F. **Caminhos operários nas Minas Gerais**. HUCITEC-EDITORA, UFMG. São Paulo, 1988.

FARIA, A. A. C.; BARROS, E. L. de. **Getúlio Vargas e sua época**. São Paulo: Global Editora, (História popular; n. 8),1997.

FARIA, V. **O processo de urbanização no Brasil: Algumas notas para seu estudo e interpretação**. I Encontro Associação Brasileira de Estudos Populacionais, p. 89-108, 1978.

FERREIRA, J.L. **A cultura política dos trabalhadores no primeiro governo Vargas**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990.

FURTADO, C. 1920. A crise da economia cafeeira. In: **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 33 ed., 2004.

CAPELATO, M. H. R. Estado Novo: Novas Histórias. In FREITAS, M. C. (org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, p. 183/213, 1998.

GIODA, A.; AQUINO NETO, F. R. **Considerações sobre estudos de ambientes industriais e não industriais no Brasil: uma abordagem comparativa**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(5): 1389-1397, set-out, 2003.

GLINA D. et. al. **Saúde mental e trabalho: Uma reflexão sobre o nexos com o trabalho e o diagnóstico, com base na prática**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(3): 607-616, mai-jun, 2001.

GOMES, A. C. A Invenção do Trabalhismo. In: GOMES, A. C. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora Revista dos tribunais, p.229-256, 1988.

_____”O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito”, in: FERREIRA, J. (org.) **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOMES, C. M.; COSTA, S. M. F. T. **A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 13(Supl. 2):21-32, 1997.

_____ **Incorporação das ciências sociais na produção de conhecimentos sobre trabalho e saúde**. Ciência & Saúde Coletiva. 8 (1): 126-136, 2003.

GORENDER, J. **A burguesia brasileira**. São Paulo: editora Brasiliense, 3ª edição, 2ª reimpressão, junho de 1998.

SOUZA. G.A. **Proletário e migrante: Livre para a subordinação**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Campinas, v. 3 n. 1, p. 25-40, jan/jun, 1986.

GUIMARÃES, I. B. **As articulações possíveis: Família e reprodução em um segmento operário**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Campinas, p. 171/186, v.11 (2), 1994.

_____ **Os movimentos da força de trabalho e a organização familiar em um espaço regional**. VI Associação Brasileira de Estudos Populacionais, p. 213/246, v.1. 1988.

HORTA, C. R. **Conhecimento, política e classe operária**. Revista do Departamento de História da UFMG, Belo Horizonte. 1(2): 96-101, jun. 1986.

LACAZ, F. A C. **Saúde dos trabalhadores: cenário e desafios**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 13 (Supl. 2):7-19, 1997.

LUZ, M. T. **Instituições médicas do século XIX aos anos 20: Os projetos de Medicina Social e Saúde Pública.** In: Medicina e ordem política brasileira: Políticas e instituições de saúde (1850-1930). LUZ, M. T. et al. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MAIA, M.F.R. **A importância da indústria têxtil no desenvolvimento do município de Montes Claros.** Dissertação (Mestrado em economia), Cedeplar, UFMG, 2001.

MATTOS, U. A. O. **De fio a pavio.** Dissertação de mestrado, Área de Engenharia do Produto e Gerência da Produção, COOPE / UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

MONTEIRO, M. S.; GOMES, J. R. **Reestruturação produtiva e saúde do trabalhador: um estudo de caso.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 14(2): 345-353, abr-jun.,1998.

NATAL,S. et al. **Resistência a isoniazida e rifampicina e história de tratamento anterior para tuberculose.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19 (5):1277-1281, set-out, 2003.

NORIEGA, M. et.al. **Interacción de las exigencias de trabajo em lá generación de sufrimiento mental.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16(4).1011-1019, out-dez, 2000.

PATARRA, N. L. Dinâmica populacional e urbanização no Brasil: O período pós-30. In: PIERUCCI, A. F. O. (et. al.). **O Brasil republicano**, v.4: economia e cultura (1930-1964), 3ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, cap. 1, p. 247/268, 2004.

PAULA, D. A. **Passado, trilhos e esquecimento: A trajetória da estrada de ferro Leopoldina.** Revista do Instituto histórico geográfico brasileiro. Rio de Janeiro, Jan-mar , pág. 37/62, 2002.

PAULA, R. Z. A. **Indústria em Minas Gerais: Origem e desenvolvimento**. X Seminário sobre a Economia Mineira. CEDEPLAR, p.1-18, 2002.

PENTEADO, E. V. B. F. **Tuberculose no ambiente hospitalar: uma questão da saúde do trabalhador**. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública), ENSP, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1999.

PRADO JUNIOR, C. **Síntese da evolução econômica do Império**. In: História Econômica do Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 34ª edição, p.192-204, 1986.

_____ **História econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

RESENDE, A. P. M. **A organização social dos trabalhadores fabris em São João Del-Rei: O caso da Companhia Industrial São Joanense**. 1891/1935. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte, UFMG, 2003.

REZENDE, E. **Pequena história sentimental de Cataguases**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1969.

RIBEIRO, F. S. N. et.al. **Processo de trabalho e riscos para a saúde dos trabalhadores em uma indústria de cimento**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 18(5): 1244, set-out, 2002.

ROSEN, G. **Uma história da saúde pública**. Unesp/Hucitec/Abrasco, São Paulo, 1994.

SATO, L. **LER: objeto e pretexto para a construção do campo de trabalho e saúde**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(1), 147-152, Jan-fev, 2001.

SILVA, A.V.R. **O município de Cataguazes**. Tipografia da Imprensa Oficial, Cataguases, 1908.

SILVEIRA, J.M.P. **Os ramais da Estrada de Ferro Leopoldina no sul da Zona da Mata. Em Minas Gerais – 1872 a 1898.** Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, jan – mar, p.9-36, 2002.

SINGER. P. A. **Formação da classe operária.** São Paulo: Atual, 1994.

_____ Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: PIERUCCI, A. F. O.(et. al.) **O Brasil republicano.** v.4: economia e cultura (1930-1964), 3ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, cap. IV, p. 211-245, 2004.

STELLING, W. **Indústria têxtil na Bahia – o apogeu no século XIX e tendências atuais.** Cadernos de Análise Regional, p.1-24, artigo 10, 2003.

TAMBELLINI, A. A. O trabalho e a doença. In; GUIMARÃES, R. **Saúde e medicina no Brasil: contribuição para um debate.** Rio de Janeiro: edições Graal, 4ª edição, p.93/119, 1984.

VASCONCELOS, A. M. N. **Estatísticas de mortalidade por causas: Uma avaliação da qualidade da informação.** A Associação Brasileira de Estudos Populacionais, v. VII. p. 151/166,1996.

VERMELHO, L. L.; JORGE. M. H. P. M. **Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência).** Revista de Saúde Pública, 30 (4): 319-31,1996.

[Anexos](#)

[Anexo 1:](#)
[O processo de produção na indústria têxtil.](#)

I-A Produção Têxtil

I. I - O processo de produção têxtil.

Segundo BENTO (1987: 16), “o processo de produção têxtil é aquele que transforma as fibras de algodão em tecido, podendo ser dividido em três fases, independentes entre si: fiação, tecelagem e acabamento”. Setores que foram analisados no trabalho relacionando as condições de saúde e trabalho dos operários.

A Descrição do processo de fiação será realizada com dados recolhidos na obra de Bento (1987).

I. II. Fiação.

Neste processo segundo o mesmo autor, o objetivo dessa fase é transformar a matéria-prima – fibras de algodão – em fios, através de uma série de transformações físicas, que compreende desde o descaroçamento do algodão até a confecção do fio, sendo composta por quatro operações distintas: abertura, limpeza, estiragem, nas cardas e torção, na maçaroca. Na fiação de algodão o fio obtido recebe duas classificações: o cardado, utilizado para a fabricação de fios mais grossos e com menos resistência e o penteado cria fios mais finos e resistentes.

A seção de abridor - batedor consiste numa operação produtiva na sala de abertura que tem por objetivo abrir o algodão dos diversos fardos, misturá-los, limpá-los e uniformizar o peso por unidade de comprimento, este é o local onde o algodão é batido para ser descaroçado.

A carda é o equipamento que continua o processo de abertura e limpeza iniciando o processo de estiragem e paralelismo das fibras. Ao cardar, completa-se o destrinchamento das fibras, e posteriormente sua limpeza. Desfazendo-se nós e limpando ainda mais as fibras, ao retirar o restante das

impurezas, a cardação permite que se forme uma fita ou pasta homogênea própria para ser fiada.

Para pentear a lã eliminando os nós, esmieuçar e deixá-la pronta para ser fiada é utilizada a carda que consiste no uso de duas escovas com fios de aço, responsáveis pela limpeza da lã.

Segundo BENTO (1987:129), “a finalidade da operação de cardagem é continuar o processo de abertura e limpeza das fibras, transformando a manta em fitas por meio de um processo de estiragem e iniciar o paralelismo através da ação da cardagem”. Na carda as fibras são armazenadas num tambor.

Na passadeira, a fita vinda da carda, sofre um novo processo de estiragem e paralelização, melhorando também a sua regularidade. O objetivo do passador é estirar e continuar o processo de paralelização das fibras de algodão já iniciado na carda e melhorar, cada vez mais, a regularidade da fita (BENTO, 1987: 131). Ocorre um afinamento cada vez maior do fio, sendo este armazenado em tambores.

A última fase do processo de preparação da fiação é a maçaroca, o objetivo dessa operação é continuar a estiragem e iniciar o processo de torção para proporcionar maior coesão entre as fibras. Nesta fase o fio já sai torcido e pronto para a fiação. É necessário que o fio esteja limpo, mais puro, porque na fiação ele deve chegar limpo, senão o fio se parte.

A fiação consiste na transformação da manta ou pasta em fio através do retorcimento e alongamento das fibras. A torção confere ao fio resistência à tração, pois faz com que as fibras se apertem umas contra as outras.

O processo de torção das fibras tem por finalidade fixá-las em sua posição definitiva. A torção a ser dada no fio varia de acordo com o comprimento da fibra, do emprego a ser dado ao fio (urdume, trama ou malharia e o título do fio).

De acordo com BENTO (1987: 46), “o fiandeiro realiza seu trabalho em pé, caminhando ao redor das máquinas, executando em grande e variada movimentação os membros superiores”.

MATTOS (1981: 82), aponta como principais agentes agressivos ergonômicos, a postura do trabalho inconveniente devido ao movimento excessivo do corpo causando fadiga muscular; esforço visual dado à realização do trabalho em pé durante toda a jornada.

O fio passa pela retorcedeira, que continua o processo de torção do fio, após o cone, forma um fio mais retorcido e depois na conicaleira ou auto-cone, local onde os fios uma vez fiados vão sendo enrolados em novelos, são armazenados e enviados para a tecelagem, estes equipamentos são responsáveis em aumentar a resistência dos fios e acondicioná-los em cones. A camada longitudinal do fio é o urdume e a transversal recebe o nome de trama.

I. III. A tecelagem

Esta é a seção da fábrica onde são tecidos os panos. A urdideira é a máquina que reúne um determinado número de fios paralelos entre si. Nesta máquina se encontra o conjunto de fios esticados no tear antes de iniciar o trabalho. Podemos considerar como se fosse o ‘esqueleto’ da peça a ser tecida. Presa no rolo do urdidor e do tecido, não tem limite de comprimento, pois é enrolada no rolo do urdidor, sendo desenrolada à medida que o trabalho

evolui. O trabalho tecido vai ao mesmo tempo sendo enrolado no rolo do tecido. Nesta seção o operário é responsável por dispor ou arranjar os fios da teia para se fazer o tecido.

De acordo com BENTO (1987: 139), “o rolo de urdume se constitui na reunião de determinado número de fios, paralelos entre si, com comprimento constante e pré-determinado”. “A engrupagem consiste em emendar as pontas dos fios de um rolo de urdimento novo as pontas dos fios do rolo de urdimento que está terminando, emenda esta feita no tear” (Idem: 147). Para RESENDE (2003), era nesta seção que ocorria a preparação para a tecelagem, onde acontecia o processo de recepção do fio que veio da fiação até a entrega dos rolos urdidos, sendo, dessa forma, o local onde os fios eram organizados para serem usados diretamente nos teares.

Dessa seção, os rolos passam para a tecelagem, onde ocorria a recepção dos rolos urdidos até a entrega de panos para a preparação organizada na sala de pano.

Na seção da engomadeira é aplicada uma solução corante nos fios para torná-los mais resistentes. O engomador é o operário responsável por colocar os fios em goma e alisar depois em ferro quente, o ajudante de engomador é o aprendiz ou auxiliar do operário.

A operação de passagem dos fios de urdume nos quadros de tear ocorre na remeteção. Esta operação prepara o rolo de urdume, vindo da urdideira ou engomadeira para a sua entrada no tear. Consiste na passagem (no remetimento) dos fios urdumes pelas lamelas do tear pelas malhas do liço e pelo pente do tear, de acordo com as características do tecido que se pretende produzir (BENTO, 1987: 147).

A espuladeira repassa o fio-trama dos cones para as espulas, onde os fios são enrolados e são colocados dentro das lançadeiras. Espulagem ou espula de trama é a denominação dada à forma de acondicionamento do fio-trama em pequenos tubos cilíndricos, próprios para serem alojados na lançadeira do tear. Esta operação de transferência de embalagens é executada na espuladeira.

O tear é o equipamento que realiza o entrelaçamento dos fios do rolo de urdume com o fio-trama, dando origem ao tecido.

De acordo com RESENDE (2003), somente em algumas fábricas de Minas Gerais existia a seção de tinturaria, seção onde eram tingidos os panos; que era intermediária entre a fiação e o urdume sendo considerada uma unidade de acabamento. E, por fim, a seção de preparação, na qual ocorria a recepção dos panos dos teares até a entrega destes e onde se fazia o controle de qualidade do produto. Também funcionava a seção de acabamento, onde ocorre a expedição de mercadorias e de onde estas saem para a venda.

RESENDE (2003: 60/61) considera

o Mestre como o "chefe", ou seja, o técnico responsável por toda uma seção específica. Ou, ainda, podia desempenhar a função de Mestre Geral, responsabilizando-se por todo o setor produtivo da fábrica. O Contramestre tinha a condição de superior hierárquico, uma vez que sua posição decorria de sua competência profissional, pelo conhecimento mais completo do *métier*.

De acordo com a autora o chefe deveria cuidar da fabricação do produto, do funcionamento da máquina, de sua manutenção, era a este que os operários recorriam quando do defeito em uma máquina. O tempo gasto com o conserto o funcionário não recebia, pois geralmente seu salário era pago por produção, era a mais alta autoridade dentro do processo produtivo, como também era maior o seu salário, estes eram auxiliados pelos encarregados.

O mestre de tecelagem era o operário responsável pela seção da tecelagem e o mestre geral responsável por todas as seções da fábrica.

O ajudante, segundo RESENDE (2003:61),

uma categoria intermediária usada apenas nas seções em que predominavam tarefas que exigiam certa habilidade técnica. Este se diferenciava do profissional – aqui considerado como o operário a quem o ajudante auxiliava – porque ainda não dominava os conhecimentos específicos da função desempenhada.

Como na Indústria Irmãos Peixoto o aprendizado se dava na prática, de acordo com RESENDE (2003), este não recebia nem era qualificado como um profissional da empresa, pois o ajudante de tecelagem ou de outro setor é o aprendiz ou auxiliar do operário responsável pelas devidas seções da empresa.

Os funcionários das cardas trabalham na eficácia dos fios que imprimem movimentos a certos maquinismos da fábrica. No setor dos carretéis, o operário vai trabalhar com o pequeno cilindro de madeira em que se enrola o fio. As meadeiras são operárias que trabalham com as máquinas de fazer meadas ou dobraduras.

Nos setores aquém da produção de fios ou tecidos da empresa são encontrados o carpinteiro, artífice que trabalha em madeira para obra grossa; o foguista é aquele que se encarrega das fornalhas, nas máquinas a vapor, no caso da Indústria Irmãos Peixoto, este permanece na empresa, mesmo após o início da utilização da energia elétrica para movimentar as máquinas da empresa.

O setor da limpeza será responsável pelo asseio e organização da fábrica. A administração do depósito de materiais pertencentes às repartições da fábrica fica por conta do funcionário do almoxarifado, e o funcionário da ronda é responsável por vigiar a fábrica.

A sala de pano é o ponto da fábrica onde são remetidos os tecidos prontos e são examinadas a qualidade dos mesmos, realizando uma vistoria para verificar possíveis defeitos, como manchas, fiapos de linha, desfiados; e na remessa ou remeteção, o local responsável por enviar o tecido produzido.

Cada operação elabora um produto final, que é transportado para um depósito intermediário, geralmente ao lado da seção das máquinas, permanecendo estocado por algum tempo; no momento adequado, é novamente transportado para a próxima operação, e assim sucessivamente, até ser completado todo o processo de produção, abraçando os setores de fiação, tecelagem e acabamento, lugar de se realizarem os últimos reparos nas mercadorias produzidas.

Anexo 2:



Figura 1: Indústrias Irmãos Peixoto, no início do século XX. Companhia Industrial cataguases. Disponível na Internet no [URL:http://www.Cataguases.com.br/por/historia/index 4.htm](http://www.Cataguases.com.br/por/historia/index 4.htm). 20/10/2004.

Anexo 3:



Figura 2: Indústrias Irmãos Peixoto, abriga atualmente o Instituto Francisca de Souza Peixoto. Disponível na Internet no URL:<http://www.Cataguases.com.br/por/historia/index 4.htm>. 20/10/2004.

Anexo 4

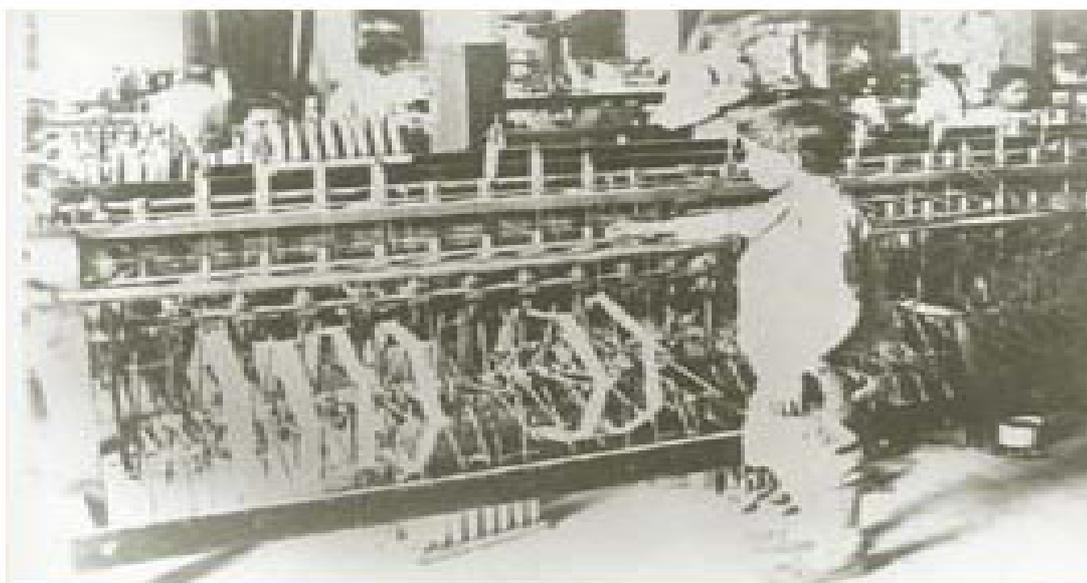


Figura 2: Indústrias Irmãos Peixoto, 1910. setor de fiação. Peixoto. Disponível na Internet no URL:<http://www.Cataguases.com.br/por/historia/index 4.htm>

Anexo 5:



Figura 3: Setor de tecelagem das Indústrias Irmãos Peixoto, em 1945.
Fonte: Acervo da Indústria Têxtil. Instituto Francisca de Souza Peixoto

Anexo 6:



Figura 5: tear de lançadeira (revólver), fabricante: Butterworth & Dickinson Ltda, procedência: Inglaterra, ano 1945, 160 RPM/ largura 40"/ tecidos de 0,80 cm de largura. Fonte: Acervo da Indústria Têxtil. Instituto Francisca de Souza Peixoto.

Anexo 7:



Figura 5: tear de lançadeira (revólver), fabricante: Butterworth & Dickinson Ltda, procedência: Inglaterra, ano 1945, 160 RPM/ largura 40"/ tecidos de 0,80 cm de largura. Fonte: Acervo da Indústria Têxtil. Instituto Francisca de Souza Peixoto.

Anexo 8:

Ficha de admissão dos Funcionários da Indústria Irmãos Peixoto e Companhia Industrial, 1941.

Nº da Ficha	Nome	Idade	SEXO	Pai
221	ABIGAIL VALVERDE	18	FEM	FRANCISCO PEREIRA VALVERDE JUNIOR
	ABILIA DE ASSIS GONÇALVES	31	FEM	JOSE FLORENCIO DE ASSIS
476	ADELIA ALVES DE PAIVA	18	FEM	SEBASTIAO ALVES MOREIRA
	ADELIA FELICIO DE OLIVELRA GONCALVES	35	FEM	AUGUSTO JOSE FELICIO
158	ADELIA DE OLIVEIRA	16	FEM	JOAQUIM DE OLIVEIRA
214	ADELINA LUCINDA	17	FEM	FRANCISCO JOSE LUCINDO
439	ADHEMAR CORREA	16	MAS	ANTONIO CORREA NETO
385	AFFONSO DE OLIVEIRA	15	MAS	SALVIANO DELFIM GOMES DE OLIVEIRA
118	AGOSTINHA CATARINA	16	FEM	FRANCISCO CATARINO
377	ALBERTO DE PAULA BATISTA	23	MAS	JOSE DE PAULA BATISTA
155	ALBINA CONCEICAO DA COSTA	25	FEM	DOMINGOS DIMOES DA COSTA
	ALCEBIADES ALVES PEREIRA	22	MAS	RICARDO ALVES PEREIRA
352	ALCEU GUEDES GARCIA	16	MAS	ALCEU GUEDES GARCIA
333	ALCINA LIMA	19	FEM	VARIATO RODRIGUES LIMA
166	ALCINA MARIA DA ROCHA	18	FEM	MANUEL JOSE DA ROCHA
275	ALDA VIEIRA	17	FEM	MARCILIO JOSE VIEIRA

213	ALICE PENA	20	FEM	JOAO DA CRUZ PENA
295	ALMERINDA LAZARONI	14	FEM	LOURENCO SEBASTIAO LAZARONI
671	ALZIRA ALVES DOS SANTOS	25	FEM	QUINTINO ALVES DOS SANTOS
79	ALZIRA DE SOUZA	17	FEM	JOAQUIM DE SOUZA NETO
19	ALZIRA GONCALVES DE OLIVERIA	21	FEM	ANTENOR GONCALVES DE OLIVEIRA
116	ALZIRA PERES DA SILVA	17	FEM	JOAQUIM PERES DA SILVA
279	AMELIA AUGUSTA SEVE	20	FEM	ANONIO JOAQUIM SEVE
	AMELIA GOMES FERNANDES	30	FEM	RAIMUNDO DAMACENO GOMES

Mãe	Data de nasc.	idade 1941	Nacionalidade	Naturalidade
ENEAS PEREIRA VALVERDE	16/02/1923	18anos	BRASILEIRA	ITAMARATI
MARIA DA PENHA ASSIS	21/02/1910	31a	BRASILEIRA	CATAGUASES
ADELAIDE GOLDINA DE PAIVA	05/11/1923	18anos	BRASILEIRA	ITAMARATI
DEOLINDA MARIA DE OLIVEIRA	21/07/1906	35a	BRASILEIRA	CATAGUASES
ADELIA DE OLIVEIRA	05/05/1925	16a	BRASILEIRA	CATAGUASES
ALCINA MARIA DAS NEVES	24/09/1924	17a	BRASILEIRA	CATAGUARINO
GUIOMAR DA SILVA NETO	13/05/1925	16a	BRASILEIRA	SERENO
MAGDALENA MARIA DE JESUS	27/01/1926	15a	BRASILEIRA	CATAGUASES
JULIETA AUGUSTA DA ROCHA	07/05/1925	16a	BRASILEIRA	ASTOLFO DUTRA
CECILIA	15/08/1918	27a	BRASILEIRA	CATAGUASES
JULIA CECILIA DA CONCEICAO	02/08/1916	29a	BRASILEIRA	ARACATI DE MINAS
LEOPOLDINA MARIA DE JESUS	07/07/1919	26a	BRASILEIRA	ITAMARATI
ROSA GUEDES GARCIA	28/06/1925	16a	BRASILEIRA	SERENO
ANA MARCELINA DE JESUS	04/09/1922	19a	BRASILEIRA	SERENO
FRANCISCA MARQUES DA ROCHA	28/02/1923	18a	BRASILEIRA	RIO BRANCO
MARIA VIEIRA CHAGAS	05/11/1924	17a	BRASILEIRA	CATAGUASES
RITA GONCALVES PENA	23/06/1921	20a	BRASILEIRA	MIRAI
ILYDIA MARIA DA CONCEICAO	06/04/1927	14a	BRASILEIRA	PIACATUBA
JULIA DA CONCEICAO	26/10/1916	25a	BRASILEIRA	VISTA ALEGRE
SEVERINA MARIA DE JESUS	06/02/1924	17a	BRASILEIRA	ASTOLFO DUTRA
MARIA RITA	12/01/1920	21a	BRASILEIRA	ASTOLFO DUTRA
JOVITA GARCIA DE OLIVEIRA	03/05/1924	17a	BRASILEIRA	CATAGUASES

GUILHERMINIA AUGUSTA SEVE	18/03/1921	20a	BRASILEIRA	SERENO
MARIA DA CONCEICAO GOMES	20/01/1911	30a	BRASILEIRA	PONTE NOVA

Data de Admissão	idade admissão	Data de Rescisão	tempo serviço	Estado Civil
03/01/1940	17a	15/07/1942	2a 5m	IND
05/05/1926	16a	15/06/1965	39a	CASADA
28/03/1941	18a	16/08/1949	8a	SOLTEIRA
05/01/1920	14a	07/11/1962	42a	CASADA
20/10/1939	14a	31/12/1945	6a	CASADA
01/04/1940	16a	21/09/1945	5a	SOLTEIRA
03/01/1940	15a	28/02/1942	2a	IND
17/07/1940	14a	22/09/1945	5a	SOLTEIRO
10/12/1939	14a	17/10/1947	8a	SOLTEIRA
02/01/1928	10a	19/05/1943	15a	
27/11/1939	23a	15/03/1943	4a	
23/08/1940	21a	30/09/1975	35a	CASADO
02/12/1940	15a	31/03/1945	5a	
12/11/1936	14a	25/08/1953	17a	SOLTEIRA
20/10/1939	16a	15/09/1943	4a	
07/01/1939	15a	20/04/1946	7a	SOLTEIRA
29/01/1941	20a	31/11/1941	10m	
23/04/1940	13a	21/06/1954	14a	SOLTEIRA
01/02/1940	24a	31/08/1972	32a	SOLTEIRA
20/04/1937	13a	07/03/1942	5a	
05/10/1939	19a	26/04/1942	3a	
22/04/1937	13a	02/10/1951	14a	CASADA
01/09/1936	15a	20/01/1948	12a	CASADA
11/04/1938	17a	21/03/1968	30a	CASADA

Cargo	Salário	Forma de Pgto.	Cor da pele
TECELA		QUINZENAL	BRANCA
TECELA	EM 1954 8,33P/H PASSOU PARA CR\$11,90P/H EM 1956	QUINZENAL	NEGRA
		QUINZENAL	BRANCA
TECELA	EM 1954 8,33P/H PASSOU PARA CR\$11,90P/H EM 1956	QUINZENAL	PARDA
			BRANCA
TECELA		QUINZENAL	BRANCA
		QUINZENAL	BRANCA
SALA DE PANO		QUINZENAL	BRANCA
TECELA		QUINZENAL	PARDA
FILATORIO		QUINZENAL	PARDA
TECELA		QUINZENAL	BRANCA
MACAROQUEIRO	EM 1954 8,33P/H PASSOU PARA CR\$12,70P/H EM 1956		BRANCA
FIACAO		QUINZENAL	BRANCA
FILATORIA		QUINZENAL	BRANCA
TECELA		QUINZENAL	PARDA
FILATORIO		QUINZENAL	BRANCA
TECELA		QUINZENAL	
FIACAO		QUINZENAL	PARDA
TECELA	EM 1954 8,33P/H PASSOU PARA CR\$9,60P/H EM 1956	QUINZENAL	NEGRA
TECELA		QUINZENAL	PARDA
TECELA		QUINZENAL	BRANCA
TECELA		QUINZENAL	PARDA
FILATORIO		QUINZENAL	BRANCA
TECELA	EM 1954 8,33 P/H PASSOU PARA CR\$11,90 EM 1956/ TAREFA	QUINZENAL	BRANCA

Anexo 9:

Janeiro de 1941

N.º	DIA	OPERARIO			PACIENTE		DIAGNOSTICO
		NOME	N.º DA FICHA	SECÇÃO	NOME	GRÃO DO PARENTESCO	
1	3	Abacia de honras Silva	1	Tealogueu	propria		Linfagite - Adenite
2	"	Abacunda Toledo Ribeiro	20	"	"		Artrose reumatica
3	"	Agenda de Souza	-	-	"		-
4	"	Alma de Oliveira	291	Fiação	"		Vertigens
5	4	Amia Cardoso	138	Tealogueu	"		Meningite
6	"	Amia do Carmo Silva	266	"	"		Listeria - Bronchite
7	"	Anderson dos Reis	453	Faturaria	"		Syphilis - Meninge
8	"	Emerenciana Maria da Rocha	233	Tealogueu	"		Bronchite
9	"	Barbina Maria de Oliveira	108	"	"		Neurastenia
10	"	Antônio Torres	406	Fabricação	"		Convalescência
11	"	Floripa Francisca de Carvalho	285	Tealogueu	"		Pericardite
12	"	Dandara Cerqueira	238	"	propria	filha	Distúrbio de tálus
13	"	Yosi Jones	387	Sala de Juro	propria		Gastralgia
14	"	Antonio Andrade	419	Tealogueu	Frederico Assis	filho	Glyce - psodermite
15	"	Nicolina Lucinda	167	"	propria		Gastralgia - Vertigens
16	"	Yosi Cruz	380	Mossang.	"		Distúrbio - Nervosismo
17	"	Caruelita de Oliveira	204	Tealogueu	"		Pericardite
18	"	Abacia Yosi Barata	23	"	"		Solitaria - gastralgia
19	"	Agencia I Rocha	294	Sala de Juro	"		Sufoco
20	"	Yoselia Lucia Brito	496	Tealogueu	"		Bronchite
21	"	Abacio Bogno	425	Mossang.	Guimarães	esposa	Epilepsia ?
22	"	Fulmina Alves	176	Tealogueu	propria		Gastralgia
23	"	Amia de Oliveira	372	Filatura	"		Bronchite
24	"	Abacia do Carmo Brito	-	-	"		-
25	"	Pulce Barroca de Almeida	-	-	"		-
26	"	Abacia Yosi Patricio	-	-	"		-
27	"	Rodolpho Voigt	-	-	"		-

Livro da Caixa Beneficente dos Operários das Indústrias Irmãos Peixoto. Folha nº 1.

TRATAMENTO	OBSERVAÇÕES
Cap. pyramido, poudra de belladona e / ou em anti-epilepsia	
Pocão palilada e 1/8 amp. lodolismann	
Exame de poudre (Exigua do Drago)	Migdo e atestado de admissãõ e provisõ de exame
1/8 amp. Mureno- brom	
Gargaria ferussalil e 1/8 amp. lodolismann	
Cap. metopirina e fofos diacina	Suprimentos
40 cap. franginas e 1/8 amp. lodolismann	
Pocão colorada	
Pocão palilada e cap. de atropina (10)	
Mas de fofos de boalhas	
Pocão de turgente e 8 lodolismann	
6' tubo lodolismann, sol. saturada de acido borico	
Papis alcalinos bilbovados	
Pocão e vaselina e oxido amarello de Hg	
Pob alcalinos e 1/8 amp. Neostrophyl 2/2 dias	
Marsacina - 1/8, granulos de orlychidura 2,001	
Cap. Taber 105 (15)	
Cap. pepina e bilbovada e fofos mibromus	
Pocão e Bismulim - 1 Vegamim	Suprimentos
Fofos diacina	Pexidemia
Bismulim, chytos, luminal, etc	Pexidemia - 3 vezes
Pocão el elixir paragonico	
Cap. Thuroel e diacina e 1/8 amp. Bismulim	
Exame de poudre	Atestado de admissãõ
Exame de poudre	Atestado de admissãõ - Condicional 3 vezes
Exame de poudre	Atestado de admissãõ
Exame de poudre	Atestado de admissãõ

Livro da Caixa Beneficente dos Operários das Indústrias Irmãos Peixoto. Folha nº 1.

Anexo 10:

Livro da Caixa Beneficente dos Operários das Indústrias Irmãos Peixoto.

Folha nº 1.

DIA	MÊS	ANO	NOME	SEXO	N FICH	SEÇÃO
2	JANEIRO	1941	MARIA DE LOURDES SILVA	F	1	TECELAGEM
2	JANEIRO	1941	MARGARIDA TOLEDO RIBEIRO	F	20	TECELAGEM
2	JANEIRO	1941	DAGMAR DE SOUZA	F		
2	JANEIRO	1941	ANNA DE OLIVEIRA	F	291	FIACAO
4	JANEIRO	1941	LUISA CARDOSO	F	138	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	MARIA DO CARMO SILVA	F	222	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	CLODOVEU DOS REIS	M	453	TINTURARIA
4	JANEIRO	1941	EMERENCIANA MARIA DA ROCHA	F	233	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	BALBINA MARI A DE OLIVEIRA	F	108	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	ANTONIO TORRES	M	406	TEARES DIA
4	JANEIRO	1941	FLORIPES FRANCISCA DE CARVALHO	F	225	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	ONDINA CERQUEIRA	F	238	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	JOSE GOMES	M	387	SALA DE PANO
4	JANEIRO	1941	ANTONIO ANDRADE	M	419	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	NICOLINA LUCINDA	F	167	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	JOSE CRUZ	M	380	MASSAROQUEIRO
4	JANEIRO	1941	CARMELITA DE OLIVEIRA	F	204	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	MARIA JOSE BARATA	F	23	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	OLEGARIO ROCHA	M	394	SALA DE PANO
4	JANEIRO	1941	JOSELIA CORREIA NETTO	F	496	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	MARIO BOGNO	M	455	ALMOXARIFADO
4	JANEIRO	1941	ZULMIRA ALVES	F	176	TECELAGEM
4	JANEIRO	1941	ARY DE OLIVEIRA	M	372	FILATORIO
4	JANEIRO	1941	MARIA DO CARMO ABRITTA	F		
4	JANEIRO	1941	DULCE BARROCA DE ALMEIDA	F		
4	JANEIRO	1941	MARIA JOSE PATRICIO	F		
4	JANEIRO	1941	RODOLPHO VOIGT	M		

PACIENTE	PARENTE	DIAGNÓSTICO	DIAGNÓSTICO	DIAGNÓSTICO
PROPRIA	N	N	LIMPHAGITE	ADENITE
PROPRIA		ARTRITE REUMÁTICA		
PROPRIA				
PROPRIA		VERTIGENS		
PROPRIA		AMIGDALITE		
PROPRIA		CISTITE	BONQUITE	
PROPRIO		SÍFILIS	ANEMIA	
PROPRIA		BRONQUITE		
PROPRIA		REUMATISMO		
PROPRIO		CONVALESCENÇA		
PROPRIA		DISSENTEIRA		
JOSE	FILHO	ENTERITE	OTITE	
PROPRIO		GASTRALGIA		
FRANCISCO ASSIS	FILHO	GRIPE	PIODERMITE	
PROPRIA		GASTRALGIA	VERTIGENS	
PROPRIO		INSONIA	NERVOSISMO	
PROPRIA		DISSENTEIRA		
PROPRIA		SOLITARIA	GASTRALGIA	
PROPRIO		GRIPE	PIODERMITE	
PROPRIA		BRONQUITE		
GUIOMAR	ESPOSA	EPILEPSIA		
PROPRIA		GASTRALGIA		
PROPRIO		BRONQUITE		
PROPRIA				
PROPRIA				
PROPRIA				
PROPRIO				

TRATAMENTO	TRATAMENTO	TRATAMENTO	OBSERVAÇÃO
CAPSULAS PIRAMIDO	POMADA DE BELADONA	1 VACINA ANTIFIOGENA	
POÇAO SALICILADA	12 AMP IODOLISMAM		
EXAME DE SAUDE (ECZEMA DO BRAÇO)			NEGADO ATTESTADO DE ADMISSAO, PROVISORIAMENTE
12 AMP ANHENO FERROL			
GARGAREJOS FENOSALIL	2 AMP IODOLISMAM		
CAPSULAS UROTROPINA	GOTAS DIONINA		INFORMACOES
40 CAPSULAS FERRUGINOSAS	18 AMP IODOLISMAM		
POCAO CADEINADA			
POCAO SALICILADA	CAPSULAS DE ATOPHEM (10)		
OLEO DE FIGADO DE BACALHAU			
POCAO ADSTRIGENTE	8 LACTOGERM		
6 TUBO LACTOGERM	SOLUCAO SATURADA DE ACIDO BORICO		
PAPEIS ALCALINOS BELADONADO			
POCAO E VASELINA C/ OXIDO AMARELO DE HG			
POS ALCALINOS	12 AMP NEVRONTHENIL 22 DIAS		
MARACUGINA	1V GRANULOS DE ESTRIQUININA 0,0001		
CAPSULAS IATREN 105 (15)			
CAPSULAS PEPSINA	GOTAS VIBURNO		
POCAO	1 VEGAMIN	BIOVULMIM	INFORMACOES
GOTAS DIONINA			RESIDENCIA
BISMOEDHANOL	CLISTERES	1 VEGAMIN	RESIDENCIA 3 VEZES
POCAO C ELIXIR PAREGORICO			
CAPSULAS THIOCOL C DIONINA	1 AMP BIOVULMIM		
EXAME DE SAUDE			ATESTADO DE ADMISSAO
EXAME DE SAUDE			ATESTADO DE ADMISSAO CONDICIONAL E MESES
EXAME DE SAUDE			ATESTADO DE ADMISSAO
EXAME DE SAUDE			ATESTADO DE ADMISSAO

Anexo 11:

Tabela classificação de doenças por setor e sexo. Feminino

	Tece	fiaç	tear	sala	fila	mest	guar	rema	ofic	carr	limpe	cons	total
DIP	88	11	1	2	--	--	--	--	--	1	--	--	103
NEO	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
DSH	83	29	--	1	3	--	--	--	1	3	--	--	120
DEN	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
TMC	4	4	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	8
DSN	4	1	--	1	--	--	--	--	--	--	--	--	6
DOA	21	1	2	--	--	--	--	--	--	--	--	--	24
DOM	9	8	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	17
DAC	2	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2
DAR	320	71	5	15	3	--	--	1	--	13	--	--	428
DAD	357	25	6	3	--	--	--	--	1	13	--	--	405
DPT	36	21	1	--	--	3	--	--	--	1	--	1	63
DSO	6	6	--	--	--	--	--	--	--	2	--	--	14
DAG	96	18	2	--	3	--	1	--	1	6	1	--	128
GPP	8	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	8
APP	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
MCD	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
SEC	241	55	15	6	--	--	--	--	--	6	--	--	323
LEC	12	2	--	--	--	--	--	--	1	1	--	--	16
CEM	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
ESS	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
TOTAL	1087	252	32	28	9	3	1	1	4	46	1	1	1665

Fonte: Livro da Caixa Beneficente dos operários da Indústria Irmãos Peixoto.

* setores: tecelagem, fiação, tear, sala de pano, filatório, mestre, guarda, remetedor, oficina, carretéis, limpeza, conserva.

Anexo 15:

Classificação doenças de acordo com o CID 10, resumido.

Capítulo I - **DIP**- Doenças Infecciosas e Parasitárias.

Capítulo II - **NEO** – Neoplasias (Tumores).

Capítulo III - **DSH** – Doenças do Sangue e dos Órgãos Hematopoéticos e Alguns Transtornos Imunitários.

Capítulo IV - **DEN** – Doenças Endócrinas, Nutricionais e Metabólicas.

Capítulo V - **TMC** – Transtornos Mentais e Comportamentais.

Capítulo VI - **DSN** – Doenças do Sistema Nervoso.

Capítulo VII - **DOA** - Doenças do Olho e Anexos.

Capítulo VIII - **DOM** - Doenças do Ouvido e da Apófise Mastóide.

Capítulo IX - **DAC** - Doenças do Aparelho Circulatório.

Capítulo X - **DAR** - Doenças do Aparelho Respiratório.

Capítulo XI - **DAD** - Doenças do Aparelho Digestivo.

Capítulo XII - **DPT** - Doenças da Pele e do Tecido Subcutâneo.

Capítulo XIII - **DSO** - Doenças do Sistema Osteomuscular e do Tecido Conjuntivo.

Capítulo XIV - **DAG** - Doenças do Aparelho Geniturinário.

Capítulo XV - **GPP** – Gravidez, Parto e Puerpério.

Capítulo XVI – **APP** _ Algumas Afecções Originadas no Período Perinatal.

Capítulo XVII - **MCD** – Malformações Congênitas, Deformidade e Anomalias Cromossômicas.

Capítulo XVIII – **SEC** _ Sintomas, Sinais e Achados Anormais de Exames Clínicos e de Laboratório não Classificados em Outra Parte.

Capítulo XIX - **LEC** – Lesões, Envenenamento e Algumas Outras Conseqüências de Causas Externas.

Capítulo XX - **CEM** _ Causas Externas de Morbidade e de Mortalidade.

Capítulo XXI - **ESS** – Fatores que Influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde.